

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

AGNES AKEMI YAHIRO

**A EVIDENCIAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL NO SETOR TÊXTIL E DE
VESTUÁRIO: UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL**

Campo Grande – MS

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

AGNES AKEMI YAHIRO

**A EVIDENCIAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL NO SETOR TÊXTIL E DE
VESTUÁRIO: UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Contabilidade e Controladoria, linha de pesquisa: Controle Gerencial.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosamaria Cox Moura-Leite Padgett.

Campo Grande – MS

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGNES AKEMI YAHIRO

**A EVIDENCIAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL NO SETOR TÊXTIL E DE
VESTUÁRIO: UMA PERSPECTIVA INTERNACIONAL**

Dissertação apresentada, como exigência do curso de Mestrado em Ciências Contábeis, Linha de Pesquisa Controle Gerencial, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosamaria Cox Moura-Leite Padgett.

Resultado: _____

Campo Grande, MS, ____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rosamaria Cox Moura-Leite Padgett
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof.^a Dr.^a Yara Consuelo Cintra
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, que me deu força para concluir esta etapa de minha vida. O Senhor é meu Norte, meu Abrigo, meu Refúgio, meu ponto de Paz.

Ao Hercules que foi meu grande apoiador nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Você me abraçou, sempre foi compreensivo comigo nesse processo e leu meu trabalho inúmeras vezes quando nem eu mais acreditava nele.

À minha Família, Shinze, Dilma, Adriana e Davi. Vocês são minha inspiração, minha base, meu porto seguro. Aos meus pais minha admiração por sempre investirem em meus estudos e serem meus maiores exemplos. Aos meus irmãos, minha gratidão por estarem sempre comigo, como irmã mais velha, acabo sempre aprendendo mais com vocês do que ensinando.

Às minhas amigas de mestrado, Sara e Laísa que foram essenciais na minha vida nesses últimos anos. Nos momentos que foi preciso apoio, compreensão, amizade e carinho, vocês sempre estiveram lá por mim e sou muito grata a isso. Também à Natália que como veterana me estendeu a mão sempre que precisei e se tornou uma amiga, você me inspira.

À professora Rosamaria que me instruiu da melhor forma e sempre estava disponível a me atender. Aprendi que a disciplina, o compromisso e a dedicação sempre trazem recompensas.

Às professoras, Márcia e Elizabeth que me inspiram nessa carreira, principalmente sobre respeito e amizade dentro de um ambiente tão competitivo.

Ao professor Adriano que sempre que solicitei ajuda, me acolheu, me trouxe luz e foi extremamente querido. Obrigada professor, isso fez muita diferença.

À Escola de Administração e Negócios (ESAN) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), diretores, coordenadores e administração que proporcionaram o melhor dos ambientes para que esse trabalho fosse realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

(Filipenses 4:13)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cadeia produtiva de têxteis e vestuário.....	19
Figura 2 – Cadeia produtiva do setor têxtil e de vestuário	21
Figura 3 – Impactos ambientais causados pela cadeia produtiva	22
Figura 4 – Questões de sustentabilidade no setor Têxtil e de Vestuário	24
Figura 5 – Mapa dos stakeholders Cadeia produtiva do setor Têxtil e de Vestuário	26
Figura 6 – Resumo visual da fase de processamento e seleção dos artigos	44
Figura 7 – Etapas no processo de seleção da amostra final	46
Figura 8 – Elenco de informações contidas no boxplot.....	51
Figura 9 – Boxplots dos Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da África	58
Figura 10 – Boxplot dos Índices das empresas têxteis e de vestuário da América do Norte ..	59
Figura 11 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da América Latina & Caribe.....	61
Figura 12 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da Ásia.....	63
Figura 13 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da Europa.....	65
Figura 14 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da amostra.....	67
Figura 15 – Boxplot do Índice de Evidenciação Econômico (IEC) das Regiões	68
Figura 16 – Boxplot do Índice de Evidenciação Ambiental (IEN) das regiões	70
Figura 17 – Boxplot do Índice de Evidenciação das Práticas Trabalhistas (ILA) das regiões	72
Figura 18 – Boxplot do Índice de Evidenciação dos Direitos Humanos (IRH) das regiões ...	73
Figura 19 – Boxplot do Índice de Evidenciação da Sociedade (ISO) das regiões	74
Figura 20 – Boxplot do Índice de Evidenciação da Responsabilidade pelo Produto (IPR) das regiões	75
Figura 21 – Boxplot do Índice de Evidenciação Total (IDT) das regiões	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mensuração dos Indicadores da GRI	47
Tabela 2 – Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) do teste interavaliadores	53
Tabela 3 – Índice de Evidenciação dos Indicadores das Empresas	55
Tabela 4 – Estatísticas Descritiva descritivas dos Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da África.....	58
Tabela 5 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da América do Norte ..	60
Tabela 6 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da América Latina & Caribe.....	61
Tabela 7 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da Ásia.....	63
Tabela 8 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da Europa	65
Tabela 9 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Econômico das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	68
Tabela 10 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Ambiental das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	70
Tabela 11 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Trabalhista (ILA) das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	71
Tabela 12 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação dos Direitos Humanos das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	72
Tabela 13 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação de Responsabilidade pelo Produto das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	75
Tabela 14 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Total das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas da cadeia produtiva no setor têxtil e do vestuário.....	20
Quadro 2 – Resumo das abordagens de RSE.....	29
Quadro 3 – Tipos de Evidenciação de RSE	33
Quadro 4 – Localidade das amostras.....	34
Quadro 5 – Categorização dos indicadores do G4 e Standards – GRI 400 (Social)	47
Quadro 6 – Índice de evidenciação de acordo com as categorias da GRI.....	48
Quadro 7 – Relação entre Regiões e quantidade de empresas por País	54
Quadro 8 – Resultado teste t para duas amostras independentes	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objetivos.....	14
1.1.1 Objetivo Geral.....	15
1.1.2 Objetivos específicos	15
1.2 Justificativa e Contribuição da Pesquisa.....	15
1.3 Delimitação do Estudo.....	16
1.4 Estrutura da Dissertação	17
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	18
2.1 Setor Têxtil e de Vestuário	18
2.1.1 Cadeia Produtiva.....	18
2.1.2 Sustentabilidade da Cadeia Produtiva.....	21
2.1.3 Stakeholders da Cadeia Produtiva.....	25
2.1.4 Empresas Fast-Fashion	26
2.2 Responsabilidade Social da Empresa	29
2.3 Evidenciação da Responsabilidade Social da Empresa	30
2.4 Relatórios <i>Global Reporting Initiative</i>	36
2.5 Teoria Institucional	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
3.1 Procedimento metodológico da revisão sistemática	43
3.2 Procedimento de coleta de dados.....	45
3.2 Mensuração dos relatórios	46
3.3 Procedimentos para análise de dados	49
3.3.1 Boxplot	49
3.3.2 Teste t para duas amostras independentes	51
3.4 Matriz de amarração da Pesquisa	52
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
4.1 Teste Interavaliadores	53
4.2 Características descritivas da amostra	53
4.3 Boxplot	57
4.3.1 Comparação por boxplots das empresas de cada região	57
4.3.2 Comparação dos boxplot entre as Regiões	67
4.4 Teste t para duas amostras independentes	78

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA	80
	REFERÊNCIAS.....	83
	APÊNDICES.....	90

RESUMO

YAHIRO, Agnes Akemi. **A Evidenciação da Responsabilidade Social no Setor Têxtil e de Vestuário: uma perspectiva internacional.** Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosamaria Cox Moura-Leite Padgett. Dissertação (Mestrado) – Escola de Administração e Negócios (ESAN), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.

O ramo têxtil e de vestuário e sua cadeia produtiva é foco de atenção devido aos seus grandes impactos ambientais, sociais e econômicos. A Responsabilidade Social da Empresa (RSE) é um dos mecanismos utilizados pelas organizações, para divulgar às suas partes interessadas, as práticas de sustentabilidade. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo avaliar o comportamento das empresas do setor têxtil e de vestuário na evidenciação de sua RSE, especificamente por meio de seus relatórios Global Reporting Initiative (GRI), de acordo com sua região geográfica, em uma perspectiva internacional. Para tanto, a amostra da pesquisa foi composta por 78 empresas. O índice de *disclosure* foi calculado com base nos modelos dos relatórios das categorias proposta pela GRI, sendo elas: Econômico, Ambiental, Práticas Trabalhistas, Direitos Humanos, Sociedade e Responsabilidade do Produtos, sendo cada indicador medido em uma escala de cinco níveis (zero a quatro). Os métodos estatísticos utilizados para a análise dos dados, visando atender aos objetivos, foram o boxplot e o teste t para duas amostras independentes. Dentre os principais resultados encontrados, a Ásia apresentou o maior índice de evidenciação entre as regiões, apesar de não ser homogêneo entre as empresas da região. Em contrapartida, a Europa e a América do Norte apresentaram menor dispersão dos dados, isto é, maior similaridade na evidenciação de seus indicadores. Entre os índices, os relativos aos Direitos Humanos apresentaram maior evidenciação. De acordo com o Test t para duas amostras independentes, a Ásia foi a única região que apresentou diferenças de médias, pareada com a América do Norte, América Latina & Caribe e a Europa.

Palavras-chave: Comunicação. Disclosure. Fast-fashion. GRI. Setor têxtil.

ABSTRACT

YAHIRO, Agnes Akemi. **The Disclosure of Social Responsibility in the Textile and Apparel Sector: an international perspective.** Advisor: Prof.^a Dr.^a Rosamaria Cox Moura-Leite Padgett. Dissertation (Master) – Escola de Administração e Negócios (ESAN), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.

The textile and apparel industry, and its supply chain, is the focus of attention due to its massive environmental, social and economic impacts. The Corporate Social Responsibility (CSR) is one of the mechanisms used by organizations to disclose to their stakeholders the sustainability practices. In this context, the present study aims to evaluate the behavior of companies in the textile and clothing sector in the disclosure of their CSR, specifically through GRI reports according to their geographical region, in an international perspective. For this, the research sample was composed of 78 companies. The disclosure index was calculated based on the models of the category reports proposed by the GRI, which are: Economic, Environmental, Labor Practices, Human Rights, Society e Product Responsibility, and each indicator was measured on a five-level scale (zero to four). The statistical methods used for data analysis were Boxplot and t Test for two independent samples. Among the main findings, Asia had shown the highest disclosure level among Regions, despite not being homogeneous among companies in the region. In contrast, Europe and North America showed less data dispersion, that is, greater similarity in the evidence of their indicators. Among the indicators, those related to human rights were more evidenced. According to the Test for two independent independence, Asia was the only region that had media differences, compared to North America, and Latin America & Caribbean and Europe.

Keywords: Communication. Disclosure. Fast fashion. GRI. Textile Sector.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Desore e Narula (2018), o setor têxtil e de vestuário divide-se em quatro segmentos: produção de fibras e fios, produção de tecidos, confecções e varejo. Esses segmentos compõem uma extensa cadeia de valor que é pouco estudada com profundidade (TURKER; ALTUNTAS, 2014), e que é acusada de negligências ambientais (KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015), sociais, trabalhistas e de direitos humanos, como o emprego de trabalho infantil, abusos dos direitos humanos e medidas inadequadas de saúde e segurança, entre outras externalidades negativas sociais (ISLAM; DEEGAN, 2008; LAUDAL, 2010).

As práticas de RSE devem ser evidenciadas, para fomentarem transparência da cadeia de valor (FULTON; LEE, 2013) e fortalecerem o relacionamento entre as empresas (KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015).

A evidenciação da RSE é fundamental como resposta das organizações às acusações, visto que essa divulgação é um canal para expor de que forma elas têm lidado para reparar e prevenir danos (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017).

A prática de divulgar informações de sustentabilidade desenvolve responsabilidade nas organizações, que as ajuda a identificarem e gerenciarem riscos e busquem novas formas de lidarem com seus negócios (GRI, 2018). A evidenciação da RSE pode ser feita por meio de diversos mecanismos, tais como sites corporativos (KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015; MANN et al., 2014; ŚMIECHOWSKI; LAMENT, 2017; STEVENSON; COLE, 2018), relatórios de sustentabilidade sejam eles independentes ou integrados aos relatórios anuais (DA GIAU et al., 2016; ISLAM; MCPHAIL, 2011; TURKER; ALTUNTAS, 2014; WOO; JIN, 2016), códigos de conduta da empresa (DA GIAU et al., 2016; JOHANSEN; NIELSEN, 2012), mídias sociais (DA GIAU et al., 2016; DUTOT; LACALLE GALVEZ; VERSAILLES, 2016), entre outros.

A Global Reporting Initiative (GRI) é reconhecida amplamente como uma estrutura confiável para que as organizações evidenciem suas práticas sustentáveis (FERNANDEZ-FEIJOO; ROMERO; RUIZ, 2018). A GRI foi fundada, em 1997, pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) com o objetivo de melhorar a qualidade, o rigor e a utilidade dos relatórios de sustentabilidade (FULTON; LEE, 2013). Os Padrões de Relatórios de Sustentabilidade da GRI (Padrões GRI) são os primeiros e mais adotados padrões globais de relatórios de sustentabilidade (GARCIA-TORRES; REY-GARCIA; ALBAREDA-VIVO, 2017).

A GRI se propõe a formular diretrizes nas quais as empresas possam entender, mensurar e buscar meios de controlar seus processos e então evidenciar seus impactos em questões relativas à sustentabilidade, como mudança climática, direitos humanos, governança e bem-estar social (GRI, 2018). Todas essas questões podem ser resumidas em três grandes dimensões: econômica, ambiental e social.

O estabelecimento de diretrizes sobre a consistência e transparência das informações exigem que as empresas não apenas identifiquem os principais problemas, mas também que se envolvam ativamente com seus *stakeholders* (PARSA et al., 2018).

O estudo de Parsa et al. (2018) analisou a eficiência da evidenciação por meio do padrão GRI e constataram que a padronização eleva a qualidade das informações, pois promove a transparência, a formulação consistente dos dados a serem apresentados e permite a comparabilidade das informações.

Segundo Woo e Jin (2016), os Relatórios GRI, ainda não foram muito explorados no setor têxtil e de vestuário, apesar de serem popularmente usados em outros setores. Diante desta lacuna, os autores, buscaram compreender as variações na adoção e foco de RSE, segundo os indicadores GRI, entre as empresas de vestuário de regiões geograficamente diferentes. Os resultados da pesquisa, revelaram que houve diferença significativa no enfoque da evidenciação dos relatórios de acordo com a localização das empresas.

A pesquisa de Woo e Jin (2016), teve como amostra, apenas seis empresas: duas americanas, duas europeias e duas asiáticas. As empresas americanas evidenciaram mais acerca de questões trabalhistas; já as empresas da Europa focaram atenção na evidenciação relativas às questões ambientais; e, as empresas asiáticas focaram em questões sociais. No entanto, a pesquisa se limitou a estudar apenas seis empresas e diante das limitações do estudo, os autores sugerem que estudos futuros realizem investigação mais aprofundada com uma escala maior de empresas, e análises estatísticas para testar a confirmação dos resultados.

Diante do exposto, surge a questão de pesquisa que norteia a presente pesquisa: *Como as empresas do setor têxtil e de vestuário evidenciam a RSE, de acordo com a sua região geográfica, numa perspectiva internacional?*

1.1 Objetivos

No intuito de responder à questão de pesquisa mencionada, foram definidos os objetivos a seguir.

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é avaliar a evidenciação de RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário de acordo com sua região geográfica, numa perspectiva internacional.

1.1.2 Objetivos específicos

A partir do objetivo central da pesquisa, surgiram os seguintes objetivos específicos:

- I. Mensurar o nível de evidenciação da RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário;
- II. Comparar as regiões do mundo de acordo com a evidenciação de RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário; e
- III. Comparar as empresas dentro de cada região de acordo com a evidenciação da RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário.

1.2 Justificativa e Contribuição da Pesquisa

Este estudo busca expandir a compreensão da divulgação das práticas de sustentabilidade, segundo os indicadores da GRI, no setor têxtil e de vestuário, uma vez que o setor pouco explorado na literatura (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017). A escolha da análise das práticas de sustentabilidade, segundo o modelo da GRI e seus indicadores, é devido ao entendimento que a padronização dos relatórios, permite maior a comparabilidade.

A partir da lacuna do estudo de Woo e Jin (2016), este estudo busca mapear uma perspectiva internacional, abrangendo um número maior de organizações no setor têxtil e do vestuário e seus relatórios de sustentabilidade, no modelo GRI. O estudo anterior teve como amostra, 6 organizações, este estudo amplia a amostra para 78 organizações.

Com o intuito de investigar estudos anteriores sobre evidenciação no setor têxtil e de vestuário, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, porém não foi encontrado nenhum estudo com amostra que englobasse todos os continentes do mundo. Portanto, a proposta da presente pesquisa se revela inovadora por ter em sua amostra composta de empresas presentes em todos os continentes do mundo.

Outra lacuna deixada por Woo e Jin (2016) é sobre a falta de comprovação estatística. Nessa pesquisa, devido ao maior número de empresas, também será possível analisar os dados de forma quantitativa e assim, buscar a confirmação do comportamento da evidenciação de ser, de acordo com a localidade, de maneira estatística.

O comportamento da evidenciação de acordo com a localidade geográfica também permite evidência empírica de estudos acerca do isomorfismo e os comportamentos miméticos causados por pressões externas nas organizações que estão inseridas em um mesmo conjunto de condições ambientais (DIMAGGIO; POWELL, 1983).

Os estudos encontrados acerca dos relatórios GRI no modelo Standard discutiram acerca das mudanças, mas não comparavam suas amostras com modelos anteriores (GALLEGO-ÁLVAREZ; LOZANO, 2018, LÁRRAN; ANDRADES e HERRERA, 2018). Essa pesquisa, portanto, buscou expandir a análise dos relatórios para incluir a GRI Standard, uma vez que tal modelo entrou em vigência oficialmente em 2018 e muitas das organizações que compuseram a amostra desta pesquisa apresentaram seus relatórios nesse formato.

Segundo Ansari e Kant (2017), o reconhecimento da evidenciação das práticas de sustentabilidade favorece a imagem da empresa enquanto desperta a proatividade em empresas que ainda não tem boa evidenciação. A presente pesquisa busca nesse sentido, instigar os gestores das empresas a perceberem sua situação diante das demais e da região a qual pertence, a partir dos dados apresentados.

Destaca-se que não apenas as informações que são evidenciadas, mas também aquelas que são omitidas, podem ter significância para criação de valor de uma marca a seu consumidor.

1.3 Delimitação do Estudo

Estudos anteriores que buscaram analisar os relatórios GRI com base na Teoria Institucional exploraram fatores institucionais como educação, governança, tamanho, certificação, corrupção, entre outros (LARRÁN; ANDRADES; HERRERA, 2018; SAMPAIO et al., 2012; WU; DING; CHEN, 2012). Esta pesquisa, no entanto, busca estender a amostra para compreender de forma ampla o comportamento da evidenciação das empresas no setor têxtil e de vestuário de acordo exclusivamente com a região que a empresa pertence. Esta análise, portanto, contempla a comparação baseada na localidade das empresas em uma mesma região e das regiões entre si.

Quanto à evidenciação da RSE, essa pesquisa entende que são diversas as formas que uma organização pode evidenciar suas práticas de sustentabilidade, porém, a coleta dos dados restringiu-se às informações disponíveis por organizações que publicaram seus relatórios na base de dados da GRI (2018), nos últimos cinco anos, selecionando apenas o último relatório disponível de cada organização.

A utilização de região geográfica ao invés de continentes, deve-se à classificação feita pela base de dados da GRI. Portanto, as regiões geográficas que compõe a amostra da presente pesquisa são: África; América do Norte; América Latina e Caribe; Ásia; Europa e, por último, Oceania.

1.4 Estrutura da Dissertação

No próximo capítulo é apresentada a revisão da literatura. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos a apresentação e discussão dos resultados; e por fim, as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Esse capítulo é dividido em quatro temas. O primeiro tema discorre acerca do setor têxtil e do vestuário e subdivide-se em cadeia produtiva do setor, sustentabilidade da cadeia, *stakeholders*, bem como empresas de moda rápida (*fast-fashion*). O segundo tema trata sobre a responsabilidade social da empresa (RSE). O terceiro, explora a evidenciação da ser, apresenta uma revisão sistemática sobre o assunto; e os relatórios do *Global Reporting Initiative* (GRI). O quarto e último tema apresenta a teoria institucional e seus mecanismos isomórficos.

2.1 Setor Têxtil e de Vestuário

Segundo a Fashion United (2018), o setor têxtil pode ser dividido em quatro principais segmentos: produção de fibras e fios, produção de tecidos, confecções e varejo. Devido à sua extensão e força, esse setor contribui significativamente para a economia mundial e o comércio internacional (SU, 2013). Segundo Su (2013), o setor têxtil possui como características ser composto por uma rede distribuída mundialmente, com concorrência de mercado globalizada, diferentes especificações de produto e qualidade sendo gerenciadas pela volatilidade baseadas nas preferências do consumidor.

O setor têxtil e de vestuário inclui segmentos industriais de produção de fibras, tecidos e vestuário, operações de marketing, distribuição e varejo (SU, 2013).

O entendimento do setor têxtil e de vestuário para essa pesquisa, é dividido em quatro principais tópicos: primeiramente, a cadeia produtiva, que possui diversas etapas que devem ser analisadas, e como elas têm sido gerenciadas; adiante, questões relativas à sustentabilidade da cadeia produtiva, uma vez que são medidas tomadas para evitar ou corrigir perigos causados ambiental e socialmente; em seguida, as partes interessadas na cadeia produtiva; e por fim, as empresas de *fast-fashion*, que são empresas do setor que mais geram discussões com relação a sustentabilidade.

2.1.1 Cadeia Produtiva

A cadeia de suprimentos é uma rede de organizações nas quais ocorrem fluxos de material, dinheiro, informação e propriedade (MAJUMDAR; SINHA, 2019). Um produto no setor têxtil e do vestuário passa por etapas básicas em seu ciclo de vida: fornecedores, fabricantes, distribuição e logística, varejistas e pós-consumo (FULTON; LEE, 2013). Segundo

Desore e Narula (2018), a produção da indústria têxtil de forma simplificada, começa com a transformação de algodão e lã (fibras naturais) e fibras químicas em fios e tecidos e então são convertidos em roupas.

Figura 1 – Cadeia produtiva de têxteis e vestuário



Fonte: Baseado em Desore e Narula (2018).

A cadeia de fornecimento de têxteis e vestuário é considerada uma cadeia de abastecimento complexa e diluída. A alta variedade de produtos, a baixa margem de lucro, o ciclo de vida curto do produto, a variabilidade da demanda sazonal, a falta de padronização do produto e as preocupações ambientais são algumas das questões que tornam complexa a cadeia de suprimentos de têxtil e de vestuário (MAJUMDAR; SINHA, 2019).

O gerenciamento da cadeia de suprimentos refere-se à integração e ao planejamento de todos os processos, desde as matérias-primas até os clientes finais (NAYAK; AKBARI; FAR, 2019). Na literatura sobre a cadeia produtiva do setor têxtil e do vestuário, foram encontradas pesquisas que mapearam as etapas da indústria têxtil, do vestuário e indústria e empresas da moda.

Segundo Poh e Liang (2017), uma cadeia produtiva típica da indústria da moda passa por três estágios principais: fornecedores, empresa de moda e varejistas. Segundo os autores, na cadeia produtiva, a empresa de moda é responsável por gerenciar seus fornecedores e varejistas de acordo com suas estratégias traçadas.

Os estudos de Brito, Carbone e Blanquart, (2008) e Fulton e Lee (2013) apresentam as mesmas etapas, porém indicam outros estágios, como o pós consumo e questões relacionadas a distribuição e logística.

Destaca-se o estudo de Desore e Narula (2018) que partiram da revisão da literatura e detalharam a cadeia da indústria têxtil e do vestuário. Os autores, dividiram o setor em dois: a indústria têxtil e a indústria do vestuário. Na indústria têxtil, a primeira etapa é a produção de fibra, em seguida transita pelo descaroçamento do algodão e seu processamento; fiação, tecelagem e costura do tecido; acabamento; embalagem e transporte. Na indústria do vestuário, a cadeia produtiva inicia-se pela fabricação de roupas; embalagem; transporte; varejo e enfim a disposição do produto ao consumidor.

O Quadro 1 resume as cadeias produtivas do setor têxtil e de vestuário de acordo com autores diferentes autores.

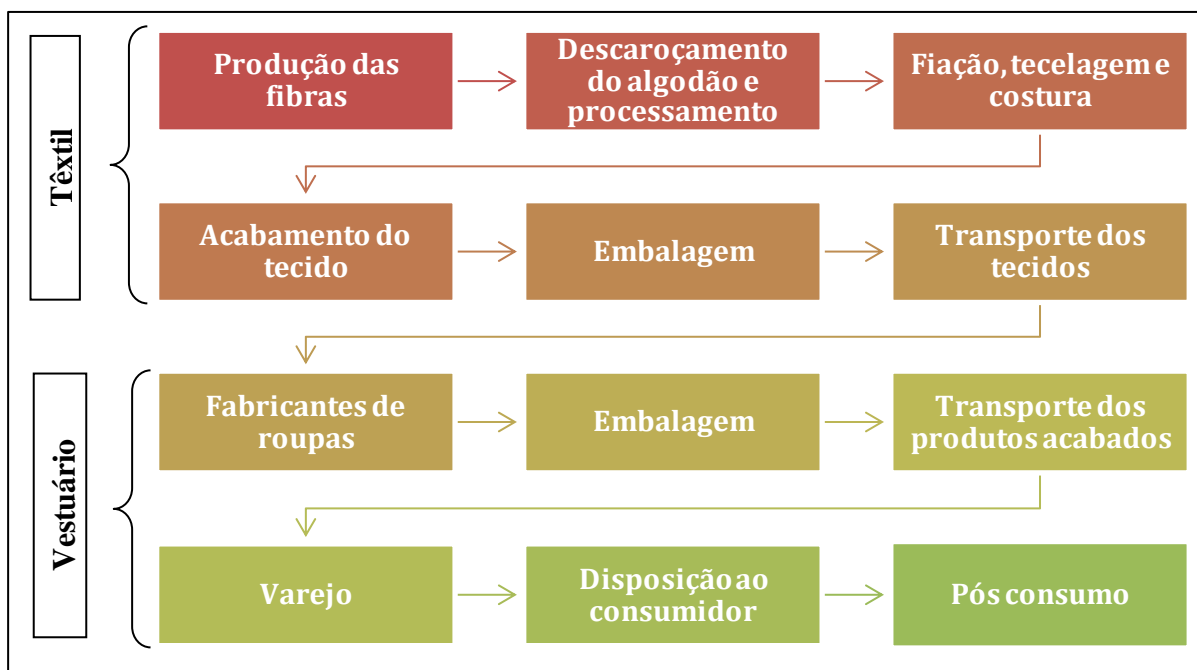
Quadro 1 – Etapas da cadeia produtiva no setor têxtil e do vestuário

Referência	Tipo de indústria/empresa	Etapas da cadeia produtiva
BRITO; CARBONE; BLANQUART, 2008	Indústria da moda	Fornecedores Fabricantes Retalhistas Pós-consumo ("Recicladores") Provedores de serviço
FULTON; LEE, 2013	Empresas de vestuário	Fornecedores Fabricantes Distribuição e Logística Varejistas Pós consumo
POH; LIANG, 2017	Indústria da moda	Fornecedores Empresa da moda Varejistas
DESORE; NARULA, 2018	Indústria têxtil	Produção de fibra Descaroçamento do algodão e processamento Fiação, tecelagem e costura Acabamento do tecido Embalagem Transporte
	Indústria do vestuário	Fabricação de roupas Embalagem Transporte Varejo Disposição ao consumidor

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A literatura aponta um amplo consenso, no qual as empresas devem considerar o impacto ambiental de todo o ciclo de vida do produto, portanto, a empresa focal é responsável desde o nascimento até a morte (descarte), em toda a cadeia de suprimentos (CHOI et al., 2014; DA GIAU et al., 2016; BRITO; CARBONE; BLANQUART, 2008). Assim, é necessário acrescentar na cadeia de Desore e Narula (2018) a etapa “pós consumo”. Essa cadeia produtiva do setor têxtil e de vestuário é ilustrada na Figura 2.

Figura 2 – Cadeia produtiva do setor têxtil e de vestuário



Fonte: Adaptado de Brito, Carbone, Blanquart (2008) e Desore e Narula (2018).

A literatura acerca da cadeia produtiva no setor têxtil e de vestuário, ao tratar desse tema, também aborda as preocupações de seus *stakeholders* (CANIATO et al., 2012; SU, 2013), questões sobre a sustentabilidade negligenciadas nas etapas produtivas (CANIATO et al., 2012; DESORE; NARULA, 2018; MAJUMDAR; SINHA, 2019; SHEN et al., 2017) e as empresas de moda rápida (CANIATO et al., 2012; CHOI et al., 2014; LI et al., 2014; ZAMANI; SANDIN; PETERS, 2017).

2.1.2 Sustentabilidade da Cadeia Produtiva

A adoção de práticas sustentáveis está se inserindo na cadeia de suprimentos devido à expansão da consciência global de responsabilidades éticas relacionadas à economia, à sociedade e ao meio ambiente (AKBARI et al., 2017). A atmosfera competitiva, a incerteza do mercado e a complexidade para desenvolver produtos dentro das demandas exigidas pela consciência ética e responsável, tornaram-se uma grande preocupação para a organização empresarial (ANSARI; KANT, 2017).

Segundo Ansari e Kant (2017), a demanda dos consumidores por produtos e serviços ambientalmente amigáveis e éticos criou uma pressão sobre as práticas das empresas que compõem as cadeias de suprimento. Para Nayak, Akbari e Far (2019), a integração de práticas sustentáveis na cadeia de suprimentos no setor têxtil e do vestuário também ocorre devido à concorrência global e às regulamentações mais rigorosas.

Para Shedroff (2009), a cadeia de suprimento sustentável define-se como “a integração e coordenação de práticas econômicas, ambientais e sociais em toda a cadeia de fornecimento para melhorar o desempenho econômico, ambiental e social das empresas ao longo da cadeia de fornecimento”.

Yang et al. (2010) afirma que a cadeia de suprimento sustentável entende-se pelas “práticas tradicionais de gerenciamento da cadeia de suprimentos, que integram critérios ambientais ou tomada de decisões de compra da organização e relacionamentos de longo prazo com os fornecedores”. Caniato et al. (2012), também afirma que um dos aspectos chave da gestão de cadeia de suprimento sustentável é a busca simultânea de melhorias no desempenho econômico e ambiental em toda a cadeia de fornecimento em relações estabelecidas comprador-fornecedor de longo prazo.

Nesse entendimento, o gerenciamento da sustentabilidade na cadeia de suprimentos atende a dois objetivos cruciais, ajudando as empresas a serem competitivas e também permitindo que elas busquem a responsabilidade socioambiental (CANIATO et al., 2012). Muitos autores sugerem que incluir conceitos de sustentabilidade na cadeia produtiva capacita a organização a lidar com as pressões acima e melhora o lucro e a competitividade (ANSARI; KANT, 2017).

Para compreender os danos causados pela cadeia produtiva da indústria têxtil, Desore e Narula (2018) descrevem os impactos a cada etapa e a Figura 3 sintetiza esses processos.

Figura 3 – Impactos ambientais causados pela cadeia produtiva

Obtenção de fibras e fios	<ul style="list-style-type: none">• Degradação do solo• Uso de produtos químicos tóxicos
Fabricação e tingimento	<ul style="list-style-type: none">• Produtos químicos e resíduos sólidos são liberados na água
Transporte dos produtos	<ul style="list-style-type: none">• Poluição do ar gerada durante o processo de fabricação possui graves riscos à saúde
Descarte	<ul style="list-style-type: none">• Consumidores não conscientes descartam de maneira inadequada

Fonte: Baseado em Desore e Narula (2018).

Segundo Desore e Narula (2018) os impactos ambientais da produção podem ser agrupados em quatro categorias. Primeiro, a produção de matéria-prima, na qual produtos químicos tóxicos são usados no cultivo de algodão em forma de fertilizantes, inseticidas e pesticidas ou na forma de emissões durante a produção de fibras sintéticas.

A segunda categoria é composta pela etapa de fabricação, tingimento e acabamento de têxteis, na qual os produtos químicos e resíduos sólidos resultantes da fabricação de fios de fibras naturais são liberados na água.

A terceira categoria relaciona-se a movimentação de mercadorias ao longo da cadeia de suprimentos têxtil. Neste estágio, durante o processo de fabricação, a energia consumida fornece combustível para maquinário; mecanização de usinas antigas; e transporte necessário para a distribuição de materiais, o que acaba ocasionando a poluição do ar, e com isso, pode causar graves riscos à saúde e doenças comumente observadas entre os trabalhadores expostos ao algodão e ao pó de cânhamo (DESORE; NARULA, 2018).

O último impacto, segundo os autores, ocorre devido ao descarte inadequado de produtos pelos consumidores, já que a maioria não está ciente das consequências ambientais causadas nas formas inadequadas de descarte dos produtos (DESORE; NARULA, 2018).

Também preocupados em mapear a indústria têxtil e os pontos críticos relacionados à questões ambientais, Majumdar e Sinha (2019) destacaram: i) a grande utilização de água nas operações de processamento de produtos úmidos têxteis, que incluem o desbaste, o branqueamento, o tingimento, o acabamento e a impressão, utilizam grande quantidade de água e liberam efluentes que são descarregados no rio ou em outros corpos aquáticos; ii) tratamento inadequado das águas residuais antes de serem descarregadas no meio ambiente, muitas vezes ricas em cores e produtos químicos residuais; e iii) efeitos nocivos de corantes, compostos orgânicos, contaminantes ácidos e alcalinos contidos em efluentes têxteis.

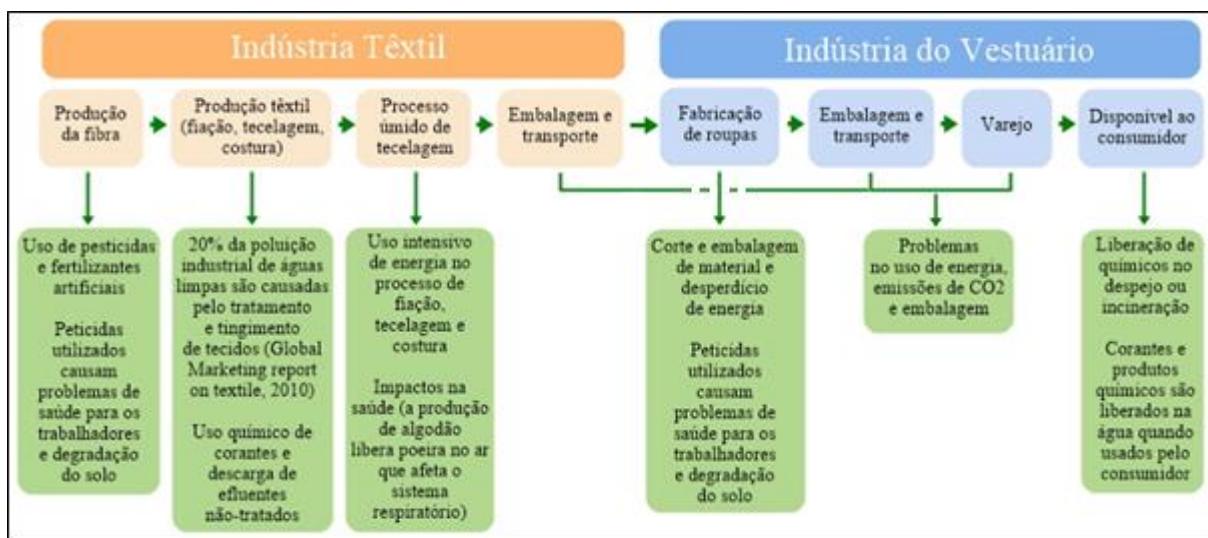
Além disso, a escala global do setor têxtil e do vestuário, exigem a transferência dos produtos de países com baixos custos trabalhistas que por vezes ignoram os direitos sociais e trabalhistas ao tratarem injustamente seus funcionários (CANIATO et al., 2012; LI et al., 2014; TURKER; ALTUNTAS, 2014). Todas essas questões ambientais e sociais, demonstram o dilema entre a busca pela maximização dos benefícios econômicos e a responsabilidade social. Os tomadores de decisão percebem que, além de maximizar os lucros, a estratégia também deve buscar a sustentabilidade em toda a sua cadeia de suprimentos (LI et al., 2014).

Caniato et al. (2012) sugerem vários conjuntos de práticas que as empresas devem implementar para gestão da cadeia de suprimento: redução de embalagens e resíduos; uso de artigos de segunda mão, consideração do desempenho ambiental na seleção de seus fornecedores; desenvolvimento de produtos mais ecológicos; tecnologias mais limpas; redução das emissões de carbono durante a fabricação; e distribuição de bens, ao treinar seus

fornecedores para melhorarem sua capacidade ambiental; e certificações verdes (por exemplo: padrões globais de têxteis orgânicos e padrões GRI).

A sustentabilidade deve ser considerada não apenas durante as fases de projeto e fabricação do produto, mas também no projeto e gerenciamento da cadeia de suprimentos. De fato, na indústria da moda, a sustentabilidade precisa do envolvimento de vários atores e de sua colaboração. Além disso, os processos logísticos podem se tornar mais ecológicos por meio de colaboração e parcerias (CANIATO et al., 2012).

Figura 4 – Questões de sustentabilidade no setor Têxtil e de Vestuário



Fonte: Baseado em Desore e Narula (2018)

Desore e Narula (2018) examinaram fatores e barreiras que impedem o crescimento das empresas na adoção de práticas amigas do ambiente na indústria têxtil, a falta de recursos financeiros e a fraca legislação. Argumentaram também que o envolvimento do governo poderia reduzir o custo das empresas e, em troca, incentivá-los a implementar práticas sustentáveis. Outra barreira considerada, foca o consumidor em relação à adoção de práticas sustentáveis, uma vez que ele desempenha um papel fundamental na indústria têxtil.

Na ausência de implementação de rígidas regulamentações ambientais, a alta gerência muitas vezes se torna relutante em mostrar seu compromisso com a produção e o gerenciamento da cadeia produtiva sustentável (MAJUMDAR; SINHA, 2019).

Caniato et al. (2012) destacam que as pressões para adotar práticas de negócios mais sustentáveis tendem a reverberar em toda a cadeia de suprimentos, mas são particularmente fortes para aquelas organizações cujos nomes estão mais próximos da exposição ao público. As práticas adotadas representam um risco mais significativo para a reputação de uma empresa e sua atratividade no mercado. Portanto, elas devem assumir a responsabilidade por seus fornecedores perante todos os *stakeholders*, como a mídia e organizações não-governamentais.

2.1.3 Stakeholders da Cadeia Produtiva

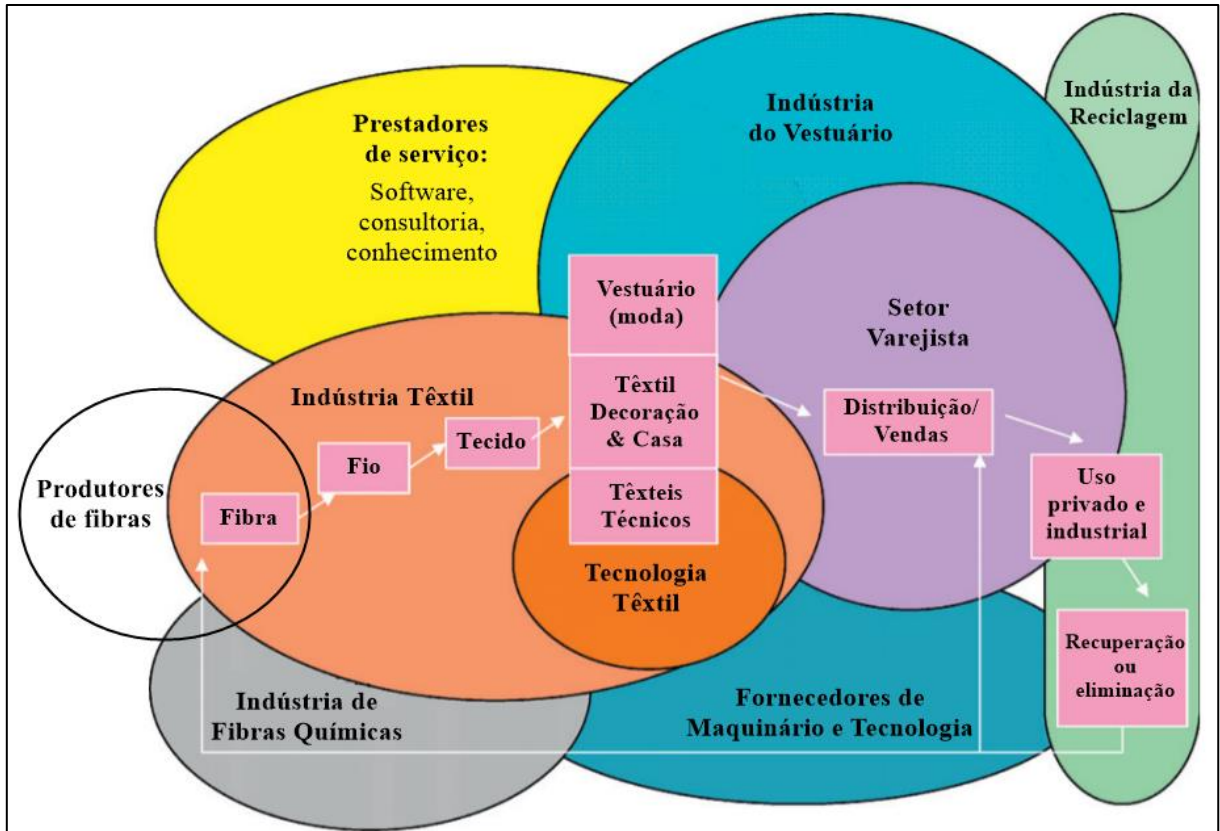
Segundo Li et al. (2014), como uma organização virtual, uma cadeia produtiva pode ser formada por partes interessadas (*stakeholders*), como fornecedores, fabricantes, a empresa varejista, governos, clientes e organizações não-governamentais. Nessa organização virtual, a colaboração de *stakeholders* internos e externos pode garantir a coordenação e o equilíbrio de toda a cadeia. Brito, Carbone e Blanquart (2008) mapearam os interessados na cadeia produtiva na indústria da moda e descreveram como agentes interessados diretos: fornecedores em geral, empregados, revendedores, lojistas e consultores. Como *stakeholders* indiretos, destacou recicladores, organizações de caridade, processadores de reciclagem, associações de reciclagem, pesquisadores e ex-funcionários.

Caniato et al. (2012) destacaram a importância do envolvimento de um vasto conjunto de *stakeholders* para maximizar os resultados da promoção da sustentabilidade e citam como *stakeholders*: fornecedores, fabricantes, retalhistas e especialistas de moda, agentes pós-consumidores, prestadores de serviços (imprensa e associações do setor) e especialistas independentes (acadêmicos).

Desore e Narula (2018) mapearam os possíveis interessados na cadeia produtiva do setor têxtil e de vestuário. Segundo os autores, existem fatores internos que servem de catalizadores para que as empresas implementem práticas sustentáveis, como o compromisso ético dos gerentes e os valores para a sustentabilidade; e o desejo de ganhar uma posição sustentável diferenciada no mercado, para melhorar a reputação da empresa.

A Figura 5 apresenta o mapa de stakeholders por Desore e Narula (2018). O grupo denominado produtores de fibras foi adicionado ao mapa de stakeholders devido à sua importância e posição estratégica para o setor têxtil e de vestuário. Segundo Moreira, Figueiro e Leal (2012), os produtores de fibras são responsáveis pelo fornecimento da matéria prima do setor e nichos especializados, sendo uma referência importante nesse início da cadeia produtiva.

Figura 5 – Mapa dos stakeholders Cadeia produtiva do setor Têxtil e de Vestuário



Fonte: Adaptado de Desore e Narula (2018).

Segundo Desore e Narula (2018) as empresas são afetadas por seu ambiente institucional, que é composto por fornecedores, agências reguladoras e concorrentes, pressão do mercado na forma de demanda de compradores e fabricantes estrangeiros e a pressão de órgãos reguladores em relação à desobstrução ambiental, os quais também influenciam as empresas a tomarem decisões ambientais. Também descrevem a pressão por parte dos órgãos reguladores, considerando a possibilidade de levantar questões sociais para melhorar os padrões de trabalho, a saúde dos funcionários, o desenvolvimento da comunidade. Da mesma forma, indicam o interesse por parte de ONGs e associações que realizam campanhas sustentáveis que policiam e denunciam práticas da indústria .

2.1.4 Empresas Fast-Fashion

As empresas de *fast-fashion* são, em sua essência, um negócio de itens de vestuário altamente competitivo, no qual os ciclos de vida dos produtos são muito curtos e as vantagens da diferenciação são construídas por meio da imagem da marca (DA GIAU et al., 2016). A “moda rápida” elaborada por essas empresas, é compreendida na literatura pela transformação

de *designs* modernos em artigos que podem ser comprados pelas massas (TURKER; ALTUNTAS, 2014).

Essa indústria visa atrair clientes para comprarem com a maior frequência possível, na intenção de aumentar constantemente o consumo de estilos de moda (TURKER; ALTUNTAS, 2014, FULTON; LEE, 2010). Para isso, promove produtos com uso de materiais e fabricação de menor qualidade, com custo e preço baixos que permanecem nas prateleiras por um período de tempo mais curto do que a indústria de vestuário tradicional (TURKER; ALTUNTAS, 2014; KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015).

Constroem-se para tanto, ciclos de mercado encurtados, mudança acelerada de estilos, que entram e já saem da moda rapidamente, e vários requisitos de compra organizacional (como capacidade de fabricação e design altamente flexíveis, misturando roupas e suprimentos de vestuário modernos), com prazos muito curtos (GARCIA-TORRES; REY-GARCIA; ALBAREDA-VIVO, 2017; KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015; TURKER; ALTUNTAS, 2014).

Em termos de dimensão social, a indústria de *fast-fashion* apresenta também discussões relacionadas aos maus-tratos aos trabalhadores e violação dos direitos humanos (DA GIAU et al., 2016; BRITO; CARBONE; BLANQUART, 2008; TURKER; ALTUNTAS, 2014). Dentro dessa estrutura de emprego na indústria de *fast-fashion*, a força de trabalho é altamente vulnerável à discriminação, aos maus-tratos, aos baixos salários e às longas jornadas de trabalho, a fim de se obter um custo baixo dos produtos (TURKER; ALTUNTAS, 2014).

Além das questões ambientais já anteriormente citadas do setor têxtil e de vestuário, a indústria da moda rápida apresenta outros desafios. Um dos exemplos é o transporte, devido à globalização da indústria e à pressão de tempo nas encomendas da indústria de moda rápida, necessita que a maioria dos embarques seja feita por via aérea, aumentando significativamente as emissões de gás carbônico (TURKER; ALTUNTAS, 2014).

Diante desse cenário, na indústria da moda rápida, muitas empresas passaram a adotar estratégias sustentáveis no redesenho da cadeia de suprimentos para alcançar a coordenação entre as partes interessadas e equilibrar o desempenho econômico, ambiental e social (LI et al., 2014; TURKER; ALTUNTAS, 2014).

O estudo de Na e Na (2015) investigou a sustentabilidade na indústria têxtil e de moda coreana e concluiu que o vestuário feminino é a categoria mais difícil de aplicar estratégias ecológicas, pois a maioria dos consumidores coloca designs e estilos antes dos fatores ecológicos na produção de roupas.

A indústria de *fast-fashion* estimula consumidores a adquirirem seus produtos sem perceberem os efeitos negativos que a produção desse tipo de vestuário e a eliminação prematura de sua moda têm no planeta (KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015).

Em contraponto, o estudo de Caniato et al. (2012) afirma que, nos últimos anos, as preferências expressas pelos consumidores finais tornaram-se cada vez mais complexas, incluindo desempenhos que vão além do estilo, qualidade e preço. A sustentabilidade é vista como um trampolim para atingir os consumidores ambientalmente conscientes e para melhorar a imagem geral da marca (CANIATO et al., 2012; GARCIA-TORRES; REY-GARCIA; ALBAREDA-VIVO, 2017; TURKER; ALTUNTAS, 2014). Esse tipo de consumidor abre um canal para as empresas de moda: vários estudos investigaram o potencial da sustentabilidade oferecer vantagem competitiva (CANIATO et al., 2012; DE BRITO; CARBONE; BLANQUART, 2008; TURKER; ALTUNTAS, 2014).

A inserção de práticas sustentáveis é entendida como um desafio para a indústria devido à complexidade da cadeia de suprimentos e às diferenças culturais que podem ser encontradas em diferentes países do mundo (CHOI et al., 2014; DA GIAU et al., 2016; TURKER; ALTUNTAS, 2014). Porém, ao longo dos anos, um amplo consenso foi estabelecido, de modo que se acredita que as empresas devem considerar o impacto ambiental de todo o ciclo de vida do produto, pelo qual a empresa focal é responsável desde o nascimento até a morte (descarte), em toda a cadeia de suprimentos (CHOI et al., 2014; DA GIAU et al., 2016; DE BRITO; CARBONE; BLANQUART, 2008).

Dessa forma, os fornecedores representam uma das mais importantes e críticas fontes de riscos do ponto de vista ambiental, já que as empresas focais geralmente são responsáveis por eventuais deficiências de fornecedores e mais empresas começaram a selecionar e monitorar suas redes de fornecimento com base em seu alinhamento com critérios de sustentabilidade (TURKER; ALTUNTAS, 2014).

O caminho sustentável dentro da cadeia de suprimentos também deve considerar a distribuição e as empresas do setor de moda começaram recentemente a avaliar o impacto ambiental de suas opções de transporte, tentando desenvolver rotas e métodos mais ecológicos em todos os níveis da cadeia (CHOI et al., 2014; DA GIAU et al., 2016).

De Brito et al. (2008) dividem as empresas de *fast-fashion* em dois grupos principais. O primeiro grupo é composto pelas empresas que resistem às práticas de sustentabilidade e simplesmente tentam sobreviver em um ambiente altamente exigente. O segundo grupo é composto por empresas que tentam adotar e melhorar a sustentabilidade por meio de suas

cadeias de fornecimento, utilizando ferramentas como rotulagem ecológica, sistemas de gestão, auditorias ambientais e sociais, comunidades de prática, comércio justo e modos de transporte limpos. No entanto, considerando os impactos ambientais e sociais negativos dessa indústria, existe a necessidade de um reconhecimento setorial da estratégia do último grupo. A fim de tomar medidas estratégicas, os varejistas de *fast-fashion* evidenciam suas práticas por meio de seus relatórios de sustentabilidade (TURKER; ALTUNTAS, 2014).

2.2 Responsabilidade Social da Empresa

A Responsabilidade Social da Empresa (RSE) carrega em si um conceito amplo, que abrange questões que vão desde a conformidade legal, filantropia e investimento na comunidade até a sustentabilidade ambiental, direitos e bem-estar dos trabalhadores, relações de mercado, corrupção e governança corporativa (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017).

A RSE na visão de Branco e Rodrigues (2006) está intimamente ligada ao desenvolvimento sustentável e ao tripé da sustentabilidade (economia, ambiente e sociedade). Para Van der Laan, Van Ees e Van Witteloostuijn (2008), RSE são princípios de negócios que orientam a tomada de decisões gerenciais.

Para o entendimento da RSE, o estudo de Garriga e Melé (2004) classifica as principais teorias de RSE, relacionadas à economia, política, integração social e ética. Como resultado, os autores obtiveram quatro grandes grupos e visões da RSE: instrumental, política, integrativa e ética. O Quadro 2 apresenta as abordagens de RSE na visão de Garriga e Melé (2004).

Quadro 2 – Resumo das abordagens de RSE

Abordagem instrumental	Abordagem política
Maximização do valor do acionista Estratégia para vantagem competitiva RSE como marketing	Constitucionalismo corporativo Integração social Corporação cidadã
Abordagem integrativa	Abordagem ética
Gestão dos problemas sociais e políticos Responsabilidade pública Gestão dos <i>stakeholders</i> Desempenho social corporativo	Teoria normativa dos <i>stakeholders</i> Direitos universais Desenvolvimento sustentável Bem comum

Fonte: Baseado em Garriga e Melé (2004).

A abordagem instrumental considera a RSE uma estratégia de vantagem competitiva, portanto, a empresa busca alcançar retornos econômicos por meio de atividades sociais responsáveis. A abordagem política entende que a RSE está atrelada ao poder social, ou seja, o

uso responsivo do poder da empresa na arena política. Já de acordo com a abordagem integrativa, a empresa foca em atender as demandas sociais. Por fim, a abordagem ética, entende que a RSE deve ser incorporada nas empresas como uma obrigação ética, em busca de promover uma sociedade melhor (GARRIGA; MELÉ, 2004).

A implementação da responsabilidade social corporativa na estratégia e nas práticas de negócios representa um amplo espectro de desafios, um dos quais é a evidenciação da RSE (TURKER; ALTUNTAS, 2014). A evidenciação da RSE tem se tornado cada vez mais importante como um meio de demonstrar e documentar que as empresas não apenas falam, mas também tomam medidas em relação à RSE (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017).

A RSE que responde às expectativas dos *stakeholders*, beneficia a corporação, pois aumenta a reputação da organização perante seus *stakeholders* (LI et al., 2014). Segundo os autores, a RSE está se tornando cada vez mais um elemento indispensável da estratégia de marca da globalização na indústria da moda rápida.

As indústrias com reconhecimentos globais de alto risco são mais propensas a causar danos à sociedade, como degradação ambiental e violações de direitos humanos, por isso, são as pioneiras em adotar a gestão de RSE através da implementação de políticas de sustentabilidade e iniciativas de responsabilidade (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017).

Segundo De Lenne e Vandenbosch (2017), a RSE inclui o respeito pelas diretrizes jurídicas e éticas, tratamento justo dos funcionários e do meio ambiente e a prevenção de efeitos colaterais prejudiciais causados pelas atividades organizacionais. Para ser considerado sustentável, o vestuário está associado à valorização da RSE e à produção de vestuário de uma forma social, ética e ambientalmente responsável (DE LENNE; VANDENBOSCH, 2017).

2.3 Evidenciação da Responsabilidade Social da Empresa

A evidenciação da RSE também é fundamental como resposta das organizações às acusações, visto que essa divulgação é um canal para expor de que forma elas têm lidado para reparar e prevenir danos (WHITE; NIELSEN; VALENTINI, 2017).

Devido à importância desse tema para a fundamentação desta pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática da literatura internacional. A metodologia para realização dessa revisão é detalhada no Capítulo 3, no tópico 3.1 Procedimento metodológico da revisão sistemática. Os artigos apresentados a seguir são resultantes da revisão sistemática realizada para aprofundar e conhecer a literatura anterior acerca da evidenciação no ramo têxtil e de vestuário.

A pesquisa de Islam e McPhail (2011) explorou o quanto empresas multinacionais de vestuário expressam os direitos humanos ao evidenciar suas práticas de RSE. As questões dos direitos humanos, sociais e trabalhistas também foi foco no estudo de Garcia-Torres; Rey-Garcia; Albareda-Vivo (2017), que buscou analisar os relatórios de RSE das *fast-fashion* por meio do panorama do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Islam e McPhail (2011) identificaram incremento no número de empresas que expressam os direitos humanos ao evidenciar suas práticas de RSE. Para Garcia-Torres; Rey-Garcia; Albareda-Vivo (2017), os relatórios das empresas de *fast-fashion* evidenciam de forma satisfatória sobre as questões sociais e trabalhistas, mas não foi encontrada uma divulgação eficaz, concentrada em apresentar ações voltadas para aspectos ambientais.

O estudo de Wong e Dhanesh (2017) examinou o modo que as marcas de luxo constroem suas identidades corporativas éticas baseadas em RSE. O estudo conclui que as marcas de luxo evidenciam suas práticas de RSE com motivações altruístas e éticas, no intuito de abafar as complexidades que o paradoxo do luxo carrega.

O estudo de Śmiechowski e Lament, (2017) avalia os relatos de RSE e as ações voltadas a sustentabilidade em pequenas e grandes empresas de curtumes, o estudo afirma que apesar do couro ser um material de fontes renováveis, os processos de fabricação representam um dos mais graves riscos ambientais do mundo. O estudo concluiu que os relatórios de RSE são principalmente realizados por grandes empresas, embora não seja uma prática predominante.

Na revisão da literatura, foram encontrados estudos que focaram em empresas que se consideravam sustentáveis ou possuíam certificações de sustentabilidade. O estudo de Sanil e Ramakrishnan (2015) se preocupou com as fabricantes de vestuário na Índia, certificadas pela WRAP¹. A amostra do estudo de Kozlowski et al. (2015), continha empresas de vestuário pertencentes à SAC². Fulton e Lee (2013) também procuraram para compor sua amostra, empresas sustentáveis que diziam produzir e vender vestuário “ecológico”, “orgânico”, “verde” ou “sustentável”.

Mesmo estudando empresas que possuem características sustentáveis, Sanil e Ramakrishnan (2015) encontraram que pouco menos da metade das empresas indianas de sua amostra tinham informações de RSE em seus websites. Kozlowski et al. (2015) concluíram que os aspectos mais evidenciados pelas empresas foram os aspectos ambientais e sociais, e identificou carência de informação em relação a cadeia produtiva. Fulton e Lee (2013) ao

¹ *Worldwide Responsible Accredited Production [WRAP]*. Disponível em: <http://www.wrapcompliance.org/>

² *Sustainable Apparel Coalition [SAC]*. Disponível em: <https://apparelcoalition.org/>

analisar a cadeia produtiva, concluíram que há falta de homogeneidade entre os indicadores de RSE evidenciados.

A compreensão da cadeia de valor também foi interesse de Turker e Altuntas (2014). O estudo explorou e mensurou a indulgência de implicações práticas globais na indústria do tecido e vestuário. A conclusão do estudo, aponta que as empresas se concentram significativamente na conformidade do fornecedor com seu código de conduta, empregando mais atividades de monitoramento e auditoria para evitar problemas de produção nos países em desenvolvimento, melhorar o desempenho geral da cadeia de fornecimento e estabelecer critérios de sustentabilidade para seus fornecedores.

Islam e Jain (2011) exploraram a qualidade do discurso sobre direitos humanos realizado por um grupo de varejistas multinacionais de vestuário ao divulgar suas práticas de RSE, e encontraram um baixo nível de divulgação, bem como que é improvável que as empresas melhorem sua divulgação sobre violações dos direitos humanos no local de trabalho até que o governo australiano transforme sua lei de direitos humanos no local de trabalho em lei.

Stevenson e Cole (2018) investigaram a transparência da evidenciação da RSE com relação ao combate à escravidão. Foram exploradas duas questões principais: i) como as organizações divulgaram as informações relativas à escravidão moderna; e ii) o que as organizações têm relatado acerca da detecção e correção de práticas relacionadas à escravidão moderna em suas operações e cadeias de suprimento. O estudo conclui que as práticas precisam ser adaptadas ou outras abordagens mais inovadoras devem ser desenvolvidas, para melhorar a evidenciação dessa questão. Esse resultado se aproxima do estudo de Kozlowski et al. (2015) que, ao examinarem os relatórios de RSE na indústria do vestuário, perceberam uma ampla gama de indicadores utilizados pelas organizações, mas a falta de padronização na evidenciação.

Ma et al. (2016) analisaram a implementação da lei de transparência na cadeia de fornecimento da Califórnia, em 2012, e identificaram que, no período analisado, menos da metade das empresas de varejo e manufatura de vestuário na Califórnia e nos demais estados dos Estados Unidos cumpriram a lei, isso é divulgaram informações relativas a seus esforços para erradicar problemas de tráfico de pessoas em suas cadeias de fornecimento.

Kamal e Deegan (2013) investigaram as práticas de divulgação de governança social e ambiental de empresas têxteis e de vestuário que operavam em Bangladesh, Concluíram que, embora as empresas têxteis e de vestuário de Bangladesh estejam divulgando mais informações

de governança social e ambiental do que as exigidas pelas autoridades reguladoras, as divulgações de governança ainda estão longe do esperado pela comunidade internacional.

Mann et al. (2014) investigaram a extensão das estratégias das práticas de RSE evidenciadas nos websites de empresas norte americanas varejistas especialistas e líderes no setor do vestuário no período longitudinal de um ano. No total, foram analisadas dezessete empresas. De 2011 para 2012 houve um aumento de empresas divulgando informações acerca de questões ambientais e principalmente sobre questões trabalhistas.

Giau et al. (2016) examinaram as práticas de sustentabilidade ambiental e social adotadas por empresas do setor de moda italiana e como essas empresas evidenciam seu compromisso de sustentabilidade por meio de seus sites corporativos. Os autores destacam que na indústria da moda, devido à alta competitividade e o curto ciclo de vida dos produtos, a diferenciação é construída principalmente por meio da imagem da marca. Os resultados apresentados cruzaram informações de quatro abordagens com relação às práticas de sustentabilidade e evidenciação baseada nos websites na indústria de moda italiana: baixo comprometimento, alto comprometimento, baixa divulgação e alta divulgação.

O estudo de Brennan e Merkl-Davies (2014) explorou a interação de relatórios sociais e ambientais durante uma controvérsia entre seis empresas de moda esportiva/*fashion* e o Greenpeace. A organização denunciou as empresas com relação à poluição da água na China e no Sudeste Asiático. Após a denúncia, todas as empresas responderam às exigências do Greenpeace.

Além dos objetivos e resultados dos estudos, identificou-se os tipos de evidenciação da RSE que foram utilizados para realização das pesquisas. O Quadro 3 sumariza os tipos de evidenciação da RSE utilizados pelos estudos como fonte de dados.

Quadro 3 – Tipos de Evidenciação de RSE

Referências	Página web	Relatório de RSE	Relatório anual	Códigos de conduta	Mídias sociais	Docs relac.	Com. imprensa
Islam; McPhail, (2011)		X	X	X			
Johansen; Nielsen (2012)	X	X		X			
Islam; Jain, (2013)	X	X	X				
Fulton; Lee, (2013)	X						
Kamal; Deegan (2013)			X				
Brennan; Merkl-Davies (2014)							X
Mann et a. (2014)	X	X					

Turker; Altuntas (2014)		X					
Kozlowski et al. (2015)	X	X	X		X	X	
Sanil; Ramakrishnan, (2015)	X						
Da Giau et al. (2016)	X	X	X	X			X
Ma et al. (2015)	X						
Woo; Jin, (2016)	X	X					
Garcia-Torres et al. (2017)		X					
Śmiechowski; Lament, (2017)		X					
Wong & Dhanesh, (2017)	X						
Stevenson e Cole (2018)	X	X					

Fonte: Elaboração própria (2019).

Refere-se a “Página web” quando se tratando das páginas institucionais das empresas, já “Mídias Sociais” estão relacionadas ao Instagram, Facebook, Twitter, Youtube, etc. das empresas analisadas.

A maioria dos estudos optou por apenas um tipo de evidenciação para estudar a RSE. Porém, alguns estudos apresentaram mais de um tipo de evidenciação (AZIZUL ISLAM; JAIN, 2013; ISLAM; MCPHAIL, 2011; JOHANSEN; NIELSEN, 2012; KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015; WOO; JIN, 2016).

Observa-se que os principais tipos de evidenciação foram a página web e os relatórios de RSE. Do total, onze artigos utilizaram a página web como fonte para coletar dados da Evidenciação da RSE das organizações estudadas e também onze estudos utilizaram o Relatório de RSE. Além disso, dos estudos que utilizaram a Página Web e o Relatório de RSE como tipo de evidenciação da RSE, sete deles utilizaram ambos para coletar os dados de RSE evidenciados pelas empresas.

O estudo de Fulton e Lee (2013) apresentou que 66% da amostra se localizava nos Estados Unidos e 34% em outros países, sem especificação clara de quais eram esses países. Dentre os países não especificados, 9% da amostra, os autores não puderam identificar o país de origem, pois a pesquisa se baseou em empresas de comércio *online*.

Também é importante ressaltar as localidades geográficas de cada amostra. Observa-se que nem todos os estudos deixaram claro qual era a localidade de sua amostra.

Quadro 4 – Localidade das amostras

Referências	Europa	América do Norte	Ásia	Oceania
Islam; McPhail, (2011)	X	X		

Johansen; Nielsen (2012)	X			
Islam; Jain, (2013)				X
Fulton; Lee, (2013) ³		X		
Kamal; Deegan (2013)			X	
Brennan; Merkl-Davies (2014)	X	X	X	
Mann et a. (2014)		X		
Turker; Altuntas (2014)	X			
Kozlowski et al. (2015)	X	X		
Sanil; Ramakrishnan, (2015)			X	
Da Giau et al. (2016)	X			
Ma et al. (2015)		X		
Woo; Jin, (2016)	X	X	X	
Garcia-Torres et al. (2017)	X			
Śmiechowski; Lament, (2017)	X			
Wong & Dhanesh, (2017)	X	X	X	
Stevenson e Cole (2018)	X	X	X	

Fonte: Elaboração própria (2019). A maioria dos estudos tiveram suas amostras localizadas na Europa e na América do Norte, mais especificamente, nos Estados Unidos. A motivação para escolha de países europeus e estadunidenses pode ser explicado em alguns casos por serem os locais de origem de muitas empresas multinacionais que são do setor de vestuário (GARCIA-TORRES; REY-GARCIA; ALBAREDA-VIVO, 2017; ISLAM; MCPHAIL, 2011; KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015).

O estudo de Woo e Jin (2016), comparou as práticas da evidenciação da responsabilidade social das indústrias do vestuário em diferentes países, com base na teoria institucional. O estudo conclui que os níveis de adoção e evidenciação das seis políticas de RSE das empresas variaram de acordo com a localidade dos países: as empresas estadunidenses concentraram-se principalmente em questões trabalhistas, enquanto as firmas europeias se concentraram em questões ambientais e as firmas asiáticas centraram-se em questões sociais.

As questões sociais foram o centro da atenção em pesquisas com amostra com organizações asiáticas em outros estudos. Islam e McPhail (2011) e Islam e Jain (2013) focaram em empresas que tinha como um de seus fornecedores países asiáticos, devido à baixa regulação quanto aos direitos dos trabalhadores nesses países, assim como, Kamal e Deegan

(2013), que estudaram empresas têxteis e de vestuário operando em Bangladesh, no intuito de analisar empresas em países emergentes.

Dentre os estudos encontrados nesta revisão sistemática, nenhum foi identificado com amostra com empresas de países da América do Sul, Central ou da África. Por conta disso, explorar empresas oriundas dessas regiões, contribui para pesquisas relacionadas a RSE e a evidenciação no setor têxtil e do vestuário. Essa lacuna encontrada, relaciona-se fortemente com a importância da presente pesquisa.

2.4 Relatórios *Global Reporting Initiative*

A prática de divulgar informações de sustentabilidade promove responsabilidade, ajuda a identificar e gerenciar riscos e permite que as organizações aproveitem novas oportunidades (GRI, 2018). A partir do enquadramento da evidenciação no modelo da GRI, as empresas e governos passam a entender, mensurar, buscar meios de controlar e então evidenciar seu impacto em questões críticas de sustentabilidade, como mudança climática, direitos humanos, governança e bem-estar social.

Schmidt (2015) aponta que os relatórios GRI, configura-se como um relatório não financeiro que incorpora elementos que podem ser comparáveis com os princípios contábeis geralmente aceitos para relatórios financeiros. Harrington (1991) enfatiza que para existir uma melhora numa organização, deve-se partir da mensuração da situação. A partir da mensuração, pode haver o controle para que ela seja gerenciada e melhorada.

Os Padrões de Relatórios de Sustentabilidade da GRI são desenvolvidos com contribuições verdadeiramente de múltiplos *stakeholders* e estão enraizados no interesse público (GRI, 2018).

Segundo Shabana, Buchholtz e Carrol (2017), a GRI fornece um padrão amplamente aceito de diretrizes, conteúdos e formatos, para elaboração de relatórios de RSE. A GRI enfatiza que as empresas que querem se comprometer com a sustentabilidade dos negócios devem informar sobre os aspectos econômicos, ambientais e socialmente sustentáveis de sua empresa.

Hahn e Lülfs (2014) discorrem como os relatórios de sustentabilidade fornecem uma imagem completa e equilibrada do desempenho da sustentabilidade corporativa, no entanto, geralmente são tendenciosos e promovem o *greenwashing*. Segundo os autores, a Global Reporting Initiative (GRI) se propôs a acabar com essa disparidade com diretrizes padronizadas na qual as organizações reportam resultados positivos e negativos do seu desempenho de

sustentabilidade. Os autores concluíram, porém, que apesar dessa iniciativa da GRI, o caráter voluntário da evidenciação dessas informações, não a torna imparcial e transparente de fato.

Apesar do caráter voluntário, Kozlowski, Searcy e Bardecki (2015), afirmam que os relatórios no modelo GRI têm se tornando cada vez mais institucionalizados. E a extensão do uso desse modelo de relatório, aumenta a expectativa de as marcas de vestuário relatarem os indicadores de desempenho sugeridos pela GRI e a convergência geral no uso e na natureza desses indicadores de desempenho. Os autores sugerem que pesquisas futuras explorem como o indicador de divulgação na indústria do vestuário varia ao longo do tempo e os fatores que influenciam quaisquer mudanças (KOZLOWSKI; SEARCY; BARDECKI, 2015).

As categorias da GRI (2018) originaram-se do tripé da sustentabilidade, no qual o entendimento da sustentabilidade deve incluir as dimensões ambientais, sociais e econômicas e por conta disso as diretrizes agrupam seus indicadores nas referidas categorias, sendo que a social se subdivide em Práticas Trabalhistas, Direitos Humanos, Sociedade e Responsabilidade do Produto.

A Categoria Econômica, segundo a GRI (2018), ilustra o fluxo de capital entre diferentes *stakeholders* e os principais impactos econômicos da organização sobre a sociedade como um todo. Os aspectos abordados são: Desempenho Econômico, Presença no Mercado, Impactos Econômicos Indiretos e Práticas de Compra.

A dimensão ambiental da GRI, abrange impactos relacionados a insumo, como a energia e a água, também acerca dos impactos das saídas: emissões, efluentes e resíduos. Esta dimensão integra, também, impactos relacionados à biodiversidade, aos transportes e a produtos e serviços, bem como a conformidade com leis e regulamentos ambientais e gastos e aos investimentos na área ambiental.

A GRI na subcategoria de Práticas Trabalhistas baseia-se em normas universais e internacionais, como a ONU e a OIT. Os aspectos abordados referem-se a Emprego, Relações Trabalhistas, Saúde e Segurança no Trabalho, Treinamento e Educação, Diversidade e Igualdade de Oportunidades, Igualdade de Remuneração entre Homens e Mulheres, Avaliação de Fornecedores em Práticas Trabalhistas e Mecanismos de Queixas e Reclamações Relacionadas a Práticas Trabalhistas.

A subcategoria dos Direitos Humanos, destaca diversos marcos históricos para ressaltar a importância desses indicadores, como a Declaração das Nações Unidas (ONU), a “Declaração Universal de Direitos Humanos”, em 1948, a Declaração da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1998, entre outros.

Estes indicadores buscam a evidenciação sobre os casos de violações de direitos humanos que a empresa possa ter cometido, se houve algum processo, de que forma essas acusações foram corrigidas; e também se há e como é feito o controle dos *stakeholders* da organização de exercerem seus direitos humanos.

As questões relativas a direitos humanos incluídas nessa subcategoria são as seguintes: não discriminação, igualdade de gênero, liberdade de associação, negociação coletiva, trabalho infantil, trabalho forçado ou análogo ao escravo e direitos dos povos indígenas e tribais.

A subcategoria Sociedade aborda os impactos gerados por uma organização na sociedade e em comunidades locais. Os aspectos de evidenciação são: Comunidades Locais, Combate à Corrupção, Políticas Públicas, Concorrência Desleal, Conformidade, Avaliação de Fornecedores em Impactos na Sociedade e Mecanismos de Queixas e Reclamações Relacionadas a Impactos na Sociedade.

A subcategoria de Responsabilidade do Produto se refere a evidenciar informações sobre produtos e serviços que afetam stakeholders diretamente e clientes em particular. Os aspectos abordados são: saúde e segurança do cliente, rotulagem de produtos e serviços, comunicação de marketing, privacidade do cliente e conformidade.

Ao longo dos anos, a GRI (2018) reformulou suas diretrizes diante as sugestões de seus interessados. O primeiro conjunto de diretrizes, o G1, foi lançado em 2000. O G2, segundo conjunto de diretrizes, foi lançado em 2002. Em 2006, o conjunto de diretrizes do G3 foi lançado. O G3 foi desenvolvido com a participação de mais de 3 mil especialistas, que tinham uma abordagem multissetorial e multidisciplinar.

No modelo GRI G3 observa-se que o desempenho econômico apresenta nove indicadores; o ambiental trinta indicadores; e o social se divide em: práticas trabalhistas e questões relativas ao trabalho decente (14 indicadores), questões relativas aos direitos humanos (9 indicadores), questões sociais (8 indicadores) e questões relativas à responsabilidade dos produtos (9 indicadores), totalizando 69 indicadores.

O G3.1 foi lançado em março de 2011, enquanto o G4, já sendo desenvolvido na mesma época. Já no modelo de indicadores G3.1, há variação com relação ao modelo G3 na categoria social, pois houve o aumento de cinco indicadores, e totaliza 84 indicadores. O modelo G4, entre outros recursos, aprimora as divulgações sobre governança, ética e integridade, cadeia de suprimentos, anticorrupção e emissões de gases efeito estufa. continua com nove indicadores econômicos, aumentou quatro indicadores ambientais (totalizando 34 indicadores) e acrescentou três indicadores sociais, totalizando 91 indicadores.

Por fim, estabeleceu-se em 2018 os Padrões GRI, nos quais reorganizaram as diretrizes anteriores e passaram a dividir os indicadores em 4 grandes grupos: o GRI 101, 102 e 103, relativos a divulgação de informações da instituição, gerais e abordagens gerenciais; o GRI 200, voltado aos indicadores financeiro; GRI 300, indicadores ambientais; e GRI 400, indicadores sociais.

A partir de 2016, as diretrizes do modelo GRI G4 transitaram oficialmente a GRI Standards. Dentre as principais mudanças, está a nova estrutura do relatório. Os indicadores de desempenho, passaram a ser denominados de Padrões e visam reestruturar as Diretrizes G4, não em adicionar novos conteúdos. Os Padrões deixaram de subdividir a dimensão social e compõe-se de três principais padrões universais: econômico, ambiental e social que se especificam em 33 padrões específicos e 84 indicadores no total.

2.5 Teoria Institucional

DiMaggio e Powell (1983) enfatizam que o isomorfismo permite explicar o processo de homogeneização das organizações. Para tanto, os autores descrevem o isomorfismo como uma pressão que coage uma unidade dentro de uma população, na intenção de torná-la parecida com outras unidades que coexistem no mesmo conjunto de condições ambientais. As unidades podem ser definidas como organizações, empresas ou instituições em geral.

Matten e Moon (2008) reforçam a importância desta teoria por permitir que as instituições sejam exploradas e comparadas dentro seus contextos nacionais, culturais e institucionais. Além disso, discutem as interdependências e interações entre partes interessadas, ponto indispensável para compreender a RSE, dada a sua orientação social. Os autores também entendem que as múltiplas facetas da RSE entre diferentes países devem-se a uma variedade de instituições de longa data e historicamente arraigadas.

Segundo Oliver (1991), a teoria institucional coloca ênfase em como as regras e crenças organizacionais são construídas pelo valor e significado social dos ambientes que as cercam. A teoria permite explicar como as influências ambientais estão ligadas a características estruturais das organizações. Jackson e Deeg (2019) afirmam que esta teoria têm sido uma das lentes mais utilizada para compreender as diferenças culturais entre as organizações.

Para DiMaggio e Powell (1983) o isomorfismo institucional induz as empresas em direção a homogeneidade em busca da legitimidade de se portar socialmente adequada perante seu ambiente institucional. Os autores ainda afirmam que apesar das organizações se

rearranjarem devido a pressão de seus concorrentes, essa mudança não necessariamente as torna mais eficiente.

Scott (2008) e DiMaggio e Powell (1983) entendem os elementos culturais e os sistemas simbólicos como foco substancial das instituições. Para DiMaggio e Powell (1983) as organizações competem por poder político e legitimidade institucional além da busca por recursos e clientes.

Schuman (1995, p. 574) entende a legitimidade como uma percepção de que as ações a serem tomadas são adequadas e esperadas dentro de um sistema dotado de normas, valores e crenças. Ou seja, para ser legitimada, a organização precisa adquirir posturas esperadas por um grupo social que compartilha da crença social de que aquele comportamento é o ideal. Oliver (1991) e Schuman (1995), entendem que as organizações na busca por legitimidade, respondem estrategicamente as pressões que ocorrem por parte do ambiente.

Em busca da legitimidade, as empresas podem se utilizar da divulgação dos relatórios de sustentabilidade para melhorarem sua imagem e se legitimarem, porém as mudanças internas e reais nem sempre caminham na mesma velocidade (CINTRA, 2011).

Branco e Rodrigues (2006) argumentam que é esperado de empresas com maiores impactos ambientais e sociais maior divulgação de suas informações de RSE, para garantirem legitimidade. Farache e Perks (2010) afirmam que empresas que lidam diretamente com os consumidores, em especial, aquelas que possuem maior visibilidade, costumam a dar importância a questões relacionadas a sociedade. A abordagem de legitimação de Schuman (1995) explora a maneira como as organizações manipula estrategicamente símbolos, por meio da comunicação para obter legitimidade.

O institucionalismo societal, para Greenwood et al. (2008), refere-se a um denso conjunto de estudos empíricos e conceituais focados no histórico das estruturas das economias nacionais emergentes e contemporâneos. Segundo os autores, o foco principal do institucionalismo societal é a relação entre a nacionalidade das instituições e a suas características sistêmicas.

As características sistêmicas resultam das estruturas e estratégias, do relacionamento entre diferentes grupos de partes interessadas, do papel dos gerentes, do desenvolvimento e distribuição das funções sociais e institucionais que as organizações adotam (GREENWOOD ET AL., 2008).

A globalização e a internalização econômica trouxe consigo desafios que o institucionalismo societal busca responder. Diante dessa lente teórica, Greenwood et al. (2008) apontam três principais estratégias:

A primeira, entende as instituições como determinantes da organização e sua postura econômica. Mesmo dentro de um mesmo contexto institucional, as empresas possuem certa liberdade para se comportarem de formas diferentes, pois são afetadas em níveis diferentes pelas pressões externas. Em resumo, essa vertente explora as nuances que organizações vivenciam dentro de um mesmo contexto institucional.

A segunda categoria busca compreender o comportamento das organizações que se envolvem em ambientes institucionais diferentes e que algumas vezes, possuem regras sistêmicas conflitantes. Sendo assim, as organizações precisam negociar seu posicionamento. Um exemplo dado pelos autores, são empresas com cadeias produtivas globalizadas.

O terceiro caminho investiga se o cenário transacional é um espaço institucionalizado ou institucionalizador, uma vez que, os sistemas sociais de produção precisam se tornar um complexo sistema que concilia, ao mesmo tempo, complexidades regionais, nacionais e internacionais.

O isomorfismo é um mecanismo utilizado para adquirir legitimidade, mas a legitimidade não é sempre fruto do isomorfismo (CINTRA, 2011). Existem determinantes institucionais que a literatura sugere provocar legitimidade às organizações, tais como tamanho, estrutura organizacional, tamanho, entre outros.

Baughn et al. (2007) descobriram que os níveis de desenvolvimento econômico, liberdade econômica e social, e corrupção estão significativamente relacionados com as diferentes adoções de RSE das empresas na Ásia, Europa, América do Norte e Oriente Médio.

Matten e Moon (2008) encontraram que as características de mercado, os regulamentos e a cultura de um país, moldam as práticas de RSE. Bem como a motivação dos gestores, as expectativas das partes interessadas e os interesses das próprias empresas podem variar entre os países. Portanto, as diferentes práticas de RSE devem ser exploradas e comparadas de acordo com os contextos das diferentes culturas.

Chen e Bouvain (2009) exploraram empresas líderes em quatro países (EUA, Reino Unido, Austrália e Alemanha) e concluíram que empresas de diferentes países variam significativamente o enfoque da evidenciação da RSE devido aos diferentes arranjos institucionais de cada país.

Por meio da teoria institucional, é possível fundamentar não apenas a comparação de comportamento da evidenciação de RSE entre regiões diferentes, como também dentro de uma mesma região. Por exemplo, focando no mercado chinês, mas adicionando a variável globalização, Tang e Li (2009) descobriram que as empresas globais são mais ativas nas evidenciações de RSE, em comparação com as empresas locais chinesas.

Woo e Jin (2016) utilizando-se da teoria institucional, encontraram variações consideráveis, de acordo com seu país de origem, nos níveis de adoção e evidenciação de seis empresas de vestuário. Para os autores, as diferenças se deram, porque, cada país é influenciado por vários fatores específicos, tais como, nível de conscientização dos níveis de desenvolvimento econômico e globalização; regulamentações ambientais nacionais; e vieses culturais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta a abordagem metodológica adotada para realização desta pesquisa, bem como os procedimentos realizados para coleta, mensuração e análise dos dados.

A pesquisa possui natureza quantitativa, mesmo que amparada em nuances qualitativas. Segundo Collis e Hussey (2005, p. 26), esse tipo de pesquisa “traduz em números o desenvolvimento da pesquisa, com o uso de técnicas estatísticas”. Entende-se, portanto, que a pesquisa quantitativa tem por objetivo mensurar os fenômenos e envolve a coleta e análise dos dados e aplicação de testes. A etapa de coleta que aponta para características qualitativas, apenas constituiu na transformação de informações qualitativas presentes nos relatórios de RSE em dados numéricos, mas a pesquisa não deixa de apresentar sua natureza quantitativa.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, pois segundo Gil (2008, p. 28), este tipo de pesquisa tem como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

O estudo utilizará da técnica de pesquisa bibliográfica e documental para a coleta de dados. A pesquisa bibliográfica, refere-se à revisão da literatura, apresentada no segundo capítulo desta dissertação. Para Fonseca (2002, p. 32), qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, pois permite que o pesquisador conheça o que já foi estudado sobre o assunto.

Quanto à técnica de pesquisa documental, refere-se à coleta dos relatórios no modelo da GRI das empresas do setor têxtil e de vestuário, realizada na base de dados *SDD - GRI Database* (2018). Segundo Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa documental é parecida com a pesquisa

bibliográfica, não sendo fácil distingui-las algumas vezes. Para fazer a distinção, o autor exemplifica que a pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas, enquanto a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, etc. Para Yin (2001, p.108), a utilização da pesquisa documental é considerada estável, pois pode ser revisada quantas vezes forem necessárias; exata, pois contém nomes, referências e detalhes; e abrange uma ampla cobertura, ou seja, um longo espaço de tempo, muitos eventos e ambientes distintos.

A seguir apresenta-se o procedimento metodológico da revisão sistemática, o procedimento da coleta de dados, a forma de mensuração dos dados contidos nos relatórios, o procedimento para análise dos dados e a matriz de amarração da pesquisa.

3.1 Procedimento metodológico da revisão sistemática

A revisão sistemática é reconhecida por ser metódica, transparente e replicável e pode ser resumida como a coleta, compreensão e análise de um conjunto de artigos científicos com o propósito de criar uma base teórico-científica; também pode ser entendida como estado da arte, de um determinado tópico ou assunto que se busca compreender (LEVY; ELLIS, 2006 e CONFORTO; AMARAL; SILVA, 2011). Silva e Teixeira (2012), afirmam que a análise da literatura já existente é valiosa, pois ela esclarece o campo de desenvolvimento atualizado e promove o entendimento de forma dinâmica.

As fontes primárias para escolha das bases e das palavras-chaves partiram da consulta de artigos relevantes sobre o tema com um especialista na área e por meio de uma análise exploratória no Periódico Capes, portal que conta com um acervo de mais de 53 mil títulos com texto completo e 129 bases referenciais.

Os artigos base, indicados pelo especialista na temática, permitiu o levantamento das palavras-chave, de forma inicial, separadas por dois eixos: i) eixo da Evidenciação: “*CSR disclosure*” e “*Sustainability reporting*”; e eixo do Setor Têxtil: “*textile*”, “*apparel industry*”, “*fashion industry*”.

Para seleção das bases de dados, realizou-se uma análise exploratória no Periódico Capes com as palavras-chaves em pares de acordo com os eixos anteriormente citados. Após a leitura dos títulos, das palavras-chaves e dos resumos de todos os artigos encontrados nas

primeiras duas páginas do Periódico Capes, a revisão determinou-se nas seguintes bases: *Emerald, Web of Science, Wiley Online Library, Scopus e Science Direct*.

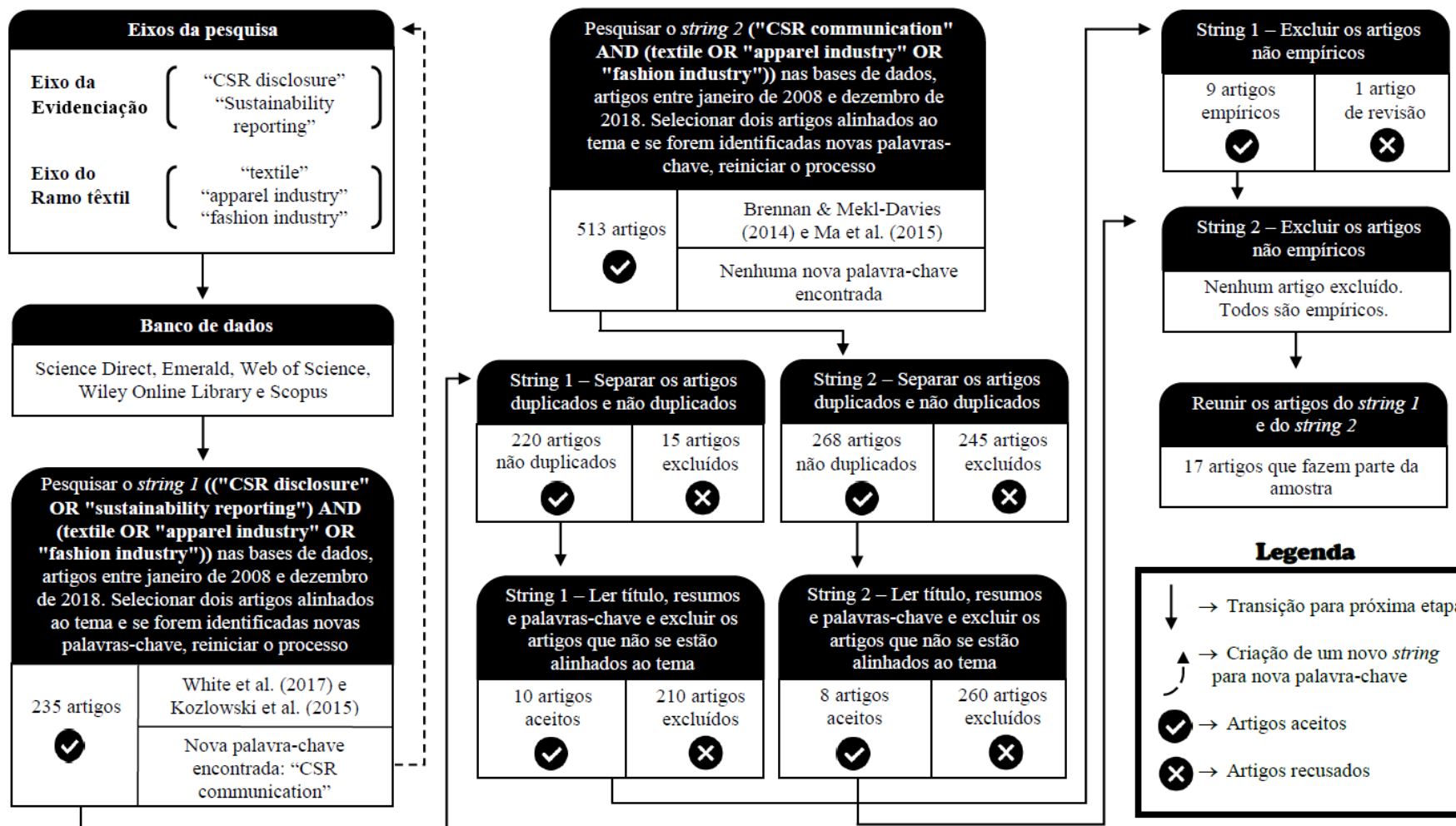
Em seguida, foi realizado o processamento, que consiste na busca, análise dos resultados e documentação dos artigos que forem encontrados (CONFORTO; AMARAL; SILVA, et al. 2011). Em todas as bases de dados selecionadas, a expressão de busca padrão utilizada nesta revisão sistemática foi (“*CSR disclosure*” OR “*sustainability reporting*”) AND (*textile* OR “*apparel industry*” OR “*fashion industry*”). Para a busca, delimitou-se o período de janeiro de 2008 a dezembro de 2018 e o tipo de documento *articles*. Ao analisar os artigos levantados pelas bases, houve a necessidade de inserir uma nova palavra-chave no eixo da divulgação, “*CSR communication*” e, assim foi feita uma busca complementar dessa palavra-chave com o jogo de palavras do eixo do setor têxtil.

Todos os artigos encontrados, foram baixados em janeiro e fevereiro de 2019, no formato BibTex de suas bases, e armazenados no *Software StArt - State of the Art through Systematic Review* (ZAMBONI et al., 2010), ferramenta que auxiliou na classificação de relevância dos artigos, por meio da leitura e identificação de títulos, resumos e palavras-chave alinhados à proposta temática do trabalho.

Os artigos que abordavam o setor têxtil e a evidenciação de suas práticas de responsabilidade social foram designados a compor a amostra. Os critérios de exclusão foram: a) artigos que abordam a responsabilidade social, mas não a evidenciação; b) artigos que abordam a evidenciação da RSE, mas não o setor têxtil; c) artigos que têm o setor têxtil como objeto, mas não abordam a evidenciação da responsabilidade social como foco principal; e d) artigos que tiveram total desalinhamento com os dois eixos.

O portfólio bibliográfico da pesquisa resultou num total de dezessete artigos. As referências dos artigos da amostra, estão apresentados no Apêndice A, e as fases de processamento e seleção dos artigos podem ser observados na Figura 6. Observa-se que apesar da delimitação do período de busca iniciar no ano de 2008, o artigo mais recente encontrado data de 2018.

Figura 6 – Resumo visual da fase de processamento e seleção dos artigos



Fonte: Elaboração própria (2019).

3.2 Procedimento de coleta de dados

A fim de alcançar os objetivos desta pesquisa, foi feito um levantamento das empresas do setor têxtil e do vestuário que disponibilizam seus relatórios de sustentabilidade na base de dados *SDD - GRI Database* (2018). A GRI foi utilizada como referência, pois segundo Woo e Jin (2016), a GRI apresenta duas principais vantagens para a pesquisa em evidencição da RSE: primeira, oferece uma estrutura de codificação confiável; e segunda, tem uma aceitação internacional por ser projetado para todos os tipos de empresas em todo o mundo.

Na base de dados da GRI encontram-se relatórios em diversos modelos: GRI - G1 (primeira geração de diretrizes do GRI, lançada em 1998), GRI - G2 (segunda geração lançada em 2002), GRI - G3 (lançada em 2006), GRI - G3.1 (iniciada em 2011), GRI - G4 (iniciada em 2013), GRI - Standards (oficializada em 2018), “Non-GRI”, que são os relatórios de sustentabilidade que não estão no padrão da GRI e “Citing - GRI”, relatórios que fazem referência explícita por serem baseados nas Diretrizes da GRI, mas sem o índice de conteúdo GRI.

Por meio de coletas realizadas, no período de maio à outubro de 2019, na base de dados do GRI, foi obtida uma população de 244 organizações no setor Têxtil e de Vestuário e 731 relatórios. Partindo dessa população, utilizou-se o filtro “Tipos de Relatórios”, a fim de selecionar os modelos: G1, G2, G3, G3.1, G4 e Standard e excluir as organizações que não publicam relatórios no modelo da GRI ou estão apenas cadastradas e não publicaram nenhum relatório. Obteve-se assim uma amostra de 158 organizações e 426 relatórios.

Optou-se por coletar relatórios descritos de 2014 a 2019. Com o filtro de relatórios publicados a partir de 2014, foi obtida uma nova amostra com 109 organizações e 250 relatórios.

Foram encontrados cinco relatórios classificados na base de dados em algum modelo GRI, porém não apresentaram sumário. A classificação desse tipo de relatório, segundo a base de dados do GRI, seria “Citing-GRI” e, por conta disso, não foram incluídos na amostra.

Para compor a amostra desta pesquisa, foi selecionado o relatório mais recente de cada organização, resultando, em uma amostra de 104 organizações e 104 relatórios. As empresas cujos relatórios não estavam em inglês, português ou espanhol (20) ou não podiam ser baixados em PDF (*Portable Document Format*) (5) não foram incluídas na amostra. Como o teste utilizado necessita de uma amostra para ser realizado e a Oceania apresentou apenas uma empresa na região, optou-se por excluí-la também da amostra final. Por fim, a amostra final é composta de setenta e oito (78) empresas e setenta e oito (78) relatórios (Apêndice B).

A amostra reuniu empresas localizadas em trinta países e de diversas regiões do mundo: África (3 empresas), América do Norte (7 empresas), América Latina & Caribe (16 empresas), Ásia (29 empresas), Europa (23 empresas). Para a dimensão de região geográfica, adotou-se a classificação realizada pelo GRI. No documento de explicação acerca da classificação da região (GRI, 2018) observa-se que a América Latina é classificada na mesma região que o Caribe (América Latina & Caribe), não como a demarcação por continentes convencional.

A Figura 7 resume visualmente as etapas do processo de seleção da amostra final.

Figura 7 – Etapas no processo de seleção da amostra final



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

3.2 Mensuração dos relatórios

Para realização da mensuração dos relatórios a presente pesquisa baseou-se na metodologia de Larrán, Andrades e Herrera (2018) para calcular o índice de evidenciação da informação. Os autores levaram em consideração os modelos de relatório GRI, pois cada um apresenta número de indicadores diferentes. Os modelos apresentados na pesquisa de Larrán, Andrades e Herrera (2018) foram o G3, G3.1 e G4. Na presente pesquisa, a amostra final compõe-se de relatórios nos modelos G3, G3.1, G4 e GRI Standard.

No GRI Standard – Social (400), houve a unificação das subcategorias: Práticas Trabalhistas; Direitos Humanos; Problemas Sociais; e Responsabilidade dos Produtos, porém, para fins de comparação, entende-se que a divisão dos Padrões Sociais, agregariam maior riqueza para análise da evidenciação das organizações. Portanto, realizou-se a adequação desses tópicos conforme o G4. Essa categorização é apresentada no Quadro 5.

Quadro 5 – Categorização dos indicadores do G4 e Standards – GRI 400 (Social)

Categorias Dimensão Social	Subcategorias G4	Subcategorias Standards
Práticas Trabalhistas	Emprego Relações Trabalhistas Saúde e Segurança no Trabalho Treinamento e Educação Diversidade e Igualdade de Oportunidade Igualdade de Remuneração entre Mulheres e Homens Avaliação de Fornecedores em Práticas Trabalhistas Mecanismos de Queixas e Reclamações Relacionadas a Práticas Trabalhistas	GRI 401 – Emprego GRI 402 – Relações Trabalhistas GRI 403 – Saúde e Segurança no Trabalho GRI 404 – Treinamento e Educação GRI 405 – Diversidade e Igualdade de Oportunidade
Direitos Humanos	Investimentos Não discriminação Liberdade de Associação e Negociação Coletiva Trabalho Infantil Trabalho Forçado ou Análogo ao Escravo Práticas de Segurança Direitos dos Povos Indígenas e Tradicionais Avaliação Avaliação de Fornecedores em Direitos Humanos Mecanismos de Queixas e Reclamações Relacionadas a Direitos Humanos	GRI 406 – Não discriminação GRI 407 – Liberdade de Associação e Negociação Coletiva GRI 408 – Trabalho Infantil GRI 409 – Trabalho Forçado ou Análogo ao Escravo GRI 410 – Práticas de Segurança GRI 411 – Direitos dos Povos Indígenas e Tradicionais GRI 412 – Avaliação dos Direitos Humanos
Sociedade	Comunidades Locais Combate à corrupção Políticas Públicas Concorrência Desleal Conformidade Avaliação de Fornecedores em Impactos na Sociedade Mecanismos de Queixas e Reclamações Relacionadas a Impactos na Sociedade	GRI 413 – Comunidades Locais GRI 414 – Avaliação Social de Fornecedores GRI 415 – Políticas Públicas
Responsabilidade com o Produto	Saúde e Segurança do Cliente Rotulagem de Produtos e Serviços Comunicações de Marketing Privacidade do Cliente Conformidade	GRI 416 – Saúde e Segurança do Cliente GRI 417 – Marketing e Rotulagem GRI 418 – Privacidade do Cliente GRI 419 – Conformidade Socioeconômica

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Isto posto, a Tabela 1 apresenta os respectivos modelos de relatórios da GRI e o número de indicadores em cada categoria.

Tabela 1 – Mensuração dos Indicadores da GRI

Categorias	G3	G3.1	G4	Standards
Econômico (EC)	9	9	9	12

Ambiental (EN)	30	30	34	32
Práticas Trabalhistas (LA)	14	15	16	19
Direitos Humanos (RH)	9	11	12	9
Sociedade (SO)	8	10	11	5
Responsabilidade dos Produtos (PR)	9	9	9	7
Total	79	84	91	84

Fonte: Adaptado de Larrán, Andrades e Herrera (2019).

Com o conhecimento do número de indicadores de cada categoria em cada modelo, o procedimento de tratamento dos dados leva em conta o número de indicadores de acordo modelo do relatório.

Para mensurar indicadores, adotou-se uma escala de cinco pontos, de zero a quatro, sendo a ausência do indicador no relato e quatro a apresentação completa da informação exigida pelas normas da GRI (AZIZI; BIEN; SASSEN, 2018; SASSEN; AZIZI, 2018a, 2018b). Para que um indicador seja classificado como (4), todos os requisitos das diretrizes da GRI precisam ser cumpridos. Os valores intermediários indicam que as informações relatadas acerca do indicador eram de (1) baixa, (2) média ou (3) boa qualidade. Se nenhuma informação foi divulgada, um grau zero (0) foi dado.

De acordo com Branco e Rodrigues (2006), serão excluídos os itens que nenhuma das empresas que operam no mesmo setor haviam reportado. Isso é consistente com o princípio geral da materialidade, derivado dos relatórios financeiros, que pede que as empresas se concentrem em considerar os aspectos e indicadores relevantes que refletem o impacto social, ambiental e econômico da organização ou aqueles que impactam nas decisões dos *stakeholders* (FERRI, 2017; WOO; JIN, 2016).

Portanto o índice é composto pelo score alcançado pela organização dentro de cada dimensão (Econômica, Ambiental, Práticas Trabalhistas, Direitos Humanos, Problemas Sociais e Responsabilidade dos Produtos), dividido pelo score total de indicadores esperados.

Quadro 6 – Índice de evidenciação de acordo com as categorias da GRI

$IEC (G3, G3.1, G4)_j = \frac{1}{36} \sum_{i=1}^9 X_{ij}$	$IEC (Stand)_j = \frac{1}{48} \sum_{i=1}^{12} X_{ij}$	
$IEN (G3, G3.1)_j = \frac{1}{120} \sum_{i=1}^{30} X_{ij}$	$IEN (G4)_j = \frac{1}{136} \sum_{i=1}^{34} X_{ij}$	$IEN (Stand)_j = \frac{1}{128} \sum_{i=1}^{32} X_{ij}$
$ILA (G3)_j = \frac{1}{56} \sum_{i=1}^{14} X_{ij}$	$ILA (G3.1)_j = \frac{1}{60} \sum_{i=1}^{15} X_{ij}$	$ILA (G4)_j = \frac{1}{64} \sum_{i=1}^{16} X_{ij}$
$ILA (Stand)_j = \frac{1}{76} \sum_{i=1}^{19} X_{ij}$		
$IRH (G3, Stand)_j = \frac{1}{36} \sum_{i=1}^9 X_{ij}$	$IRH (G3.1)_j = \frac{1}{44} \sum_{i=1}^{11} X_{ij}$	$IRH (G4)_j = \frac{1}{48} \sum_{i=1}^{12} X_{ij}$
$ISO (G3)_j = \frac{1}{32} \sum_{i=1}^8 X_{ij}$	$ISO (G4)_j = \frac{1}{44} \sum_{i=1}^{11} X_{ij}$	$ISO (G3.1)_j = \frac{1}{40} \sum_{i=1}^{10} X_{ij}$

$ISO (Stand)_j = \frac{1}{20} \sum_{i=1}^5 X_{ij}$		
$IPR(G3, G3.1, G4)_j = \frac{1}{36} \sum_{i=1}^9 X_{ij}$	$IPR (Stand)_j = \frac{1}{28} \sum_{i=1}^7 X_{ij}$	
$IDT (G3)_j = \frac{1}{316} \sum_{i=1}^{79} X_{ij}$	$IDT (G3.1, Stand)_j = \frac{1}{336} \sum_{i=1}^{84} X_{ij}$	$IDT (G4)_j = \frac{1}{364} \sum_{i=1}^{91} X_{ij}$

Fonte: Adaptado de Larrán, Andrades e Herrera (2018).

Em que:

IEC = Índice de Evidenciação Econômico;

IEN = Índice de Evidenciação Ambiental;

ILA = Índice de Evidenciação Práticas Trabalhistas;

IRH = Índice de Evidenciação Direitos Humanos;

ISO = Índice de Evidenciação Sociedade;

IPR = Índice de Evidenciação Responsabilidade pelo Produto; e

IDT = Índice de Evidenciação Total.

Para uma maior confiabilidade da mensuração dos dados contidos nos relatórios, foi realizada a análise de uma amostra de 5 relatórios por três pesquisadores e calculada a correlação interavaliadores para verificar o nível de sobreposição da análise.

3.3 Procedimentos para análise de dados

Após a coleta e mensuração dos dados, os procedimentos de análise busca atender aos objetivos dessa pesquisa. O primeiro objetivo específico, será atendido por meio da análise descritiva dos dados. Para responder o segundo objetivo específico, a análise abrange a comparação da evidenciação da RSE entre as regiões, assim como a comparação da evidenciação na região, entre as empresas pertencentes a ela. Para tanto, serão realizados dois testes: teste t para duas amostras independentes e o boxplot.

3.3.1 Boxplot

A utilização do boxplot busca analisar a homogeneidade da variação da evidenciação por meio dos relatórios dentro de cada região. A partir do boxplot, é possível visualizar a distribuição e valores discrepantes (outliers) dos dados, fornecendo assim um meio complementar para desenvolver uma perspectiva sobre o caráter dos dados (VALLADARES NETO et al., 2017). Para cálculo e elaboração do boxplot, será utilizado o *software Stata*.

O boxplot nos fornece uma análise visual da posição, dispersão, simetria, caudas e valores discrepantes (outliers) do conjunto de dados. Com isso, será possível analisar o comportamento da evidenciação de cada um dos índices entre as empresas de uma mesma região e entre as regiões (VALLADARES NETO et al., 2017).

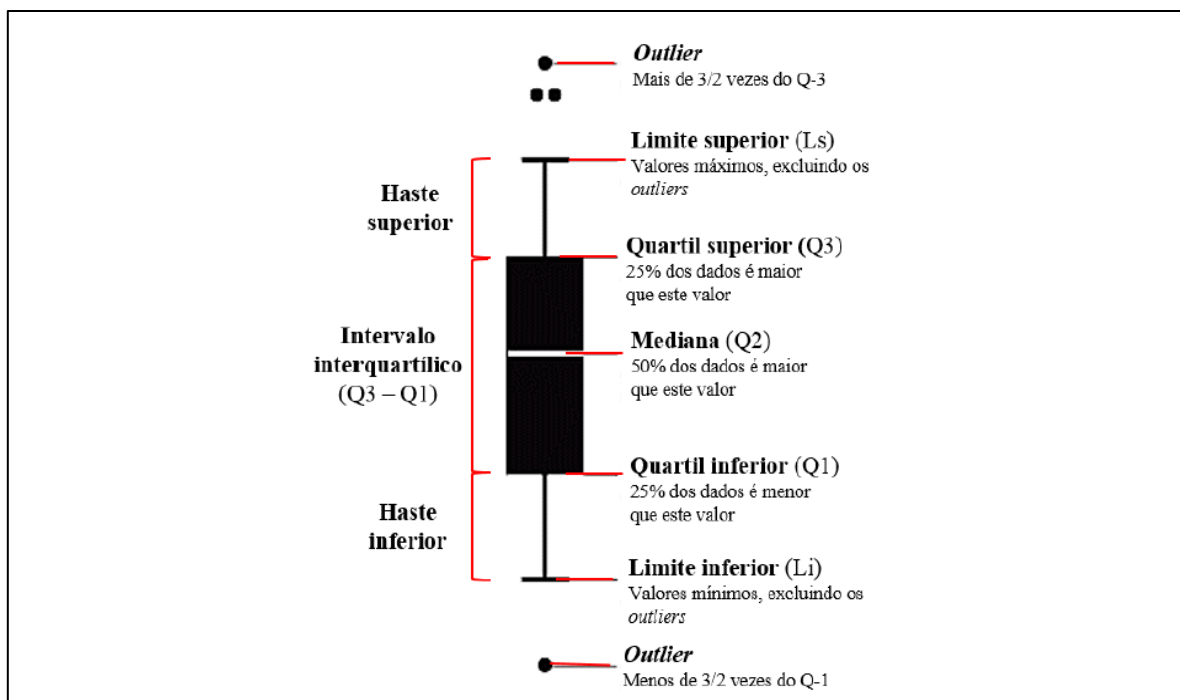
Primeiramente, os dados são organizados do menor para o maior (ranqueados), a fim de encontrar a mediana do conjunto de dados. Assim, permite a divisão da amostra em quatro partes (quartis). A mediana representa o término do segundo quartil, nos quais 25% dos valores abaixo representam o segundo quartil e os 25% valores acima da mediana representam o terceiro quartil. As medidas de estatísticas descritivas como o mínimo, máximo, primeiro quartil, segundo quartil ou mediana e o terceiro quartil formam o Boxplot (VALLADARES NETO et al., 2017).

É importante mencionar, o intervalo interquartílico (IIQ) que é definido por meio da diferença entre terceiro quartil e o primeiro quartil. Graficamente é representado pela dimensão da caixa, o IIQ representa o intervalo dos 50% dos dados em torno da mediana. O limite máximo que um indicador pode alcançar é 100 e o mínimo 0 (VALLADARES NETO et al., 2017).

Além disso, existem os limites inferiores, superiores e os *outliers*. O limite inferior refere-se valor mínimo do conjunto de dados, até 1,5 vezes o intervalo interquartílico (IIQ), excluindo os *outliers* e/ou extremos. Já o limite superior, refere-se ao valor máximo do conjunto de dados, até 1,5 vezes o IIQ, excluindo os *outliers* e/ou extremos. Por fim, os *outliers* (ou valores atípicos), referem-se aos valores acima e/ou abaixo de 1,5 vezes o IIQ (VALLADARES NETO et al., 2017).

A Figura 8 apresenta visualmente a estrutura básica do boxplot e um elenco de informações referentes ao boxplot elaborado por Valladares Neto et al. (2017).

Figura 8 – Elenco de informações contidas no boxplot



Fonte: Valladares Neto et al. (2017).

3.3.2 Teste *t* para duas amostras independentes

Este teste foi utilizado para analisar a existência ou não de diferença significativa de cada um dos índices de *disclosure* entre as regiões, a partir das diferenças de médias comparadas par a par. É um teste de localização de duas amostras usado para testar a hipótese de que duas populações têm médias iguais (RUXTON, 2006 e DERRICK; TOHER; WHITE, 2016).

O teste *t* para duas amostras independentes, também é conhecido na literatura como “teste *t* de welch” ou “teste de variâncias desiguais”, foi criado por Bernard Lewis Welch e é uma adaptação do teste *t* de Student. Esse teste é frequentemente referido também como “amostras não emparelhadas”, pois normalmente são aplicados quando as unidades estatísticas subjacentes às duas amostras comparadas não se sobrepõem (FAGERLAND; SANDVIK, 2009).

A confiabilidade é maior quando as duas amostras apresentam variações e/ou tamanhos de amostra desiguais. O teste *t* para amostras independentes pressupõe a normalidade das amostras. Para este teste, a hipótese nula (H_0) é de que as médias em cada categoria analisada são iguais em cada grupo.

$$\begin{cases} H_0 = \text{as médias iguais entre as duas amostras} \\ H_1 = \text{as médias são diferentes entre as duas amostras} \end{cases}$$

Visto que o objetivo é comparar as regiões, caso a hipótese nula seja rejeitada, as regiões possuem comportamentos distintos. A probabilidade deve ser abaixo de 0.1 para que as médias sejam consideradas estatisticamente diferentes, com rejeição da hipótese nula; caso o resultado dê acima desse valor, as médias são consideradas iguais e não se pode rejeitar a hipótese nula.

A estatística t é definida pela equação:

$$t = \frac{\overline{X}_1 - \overline{X}_2}{\sqrt{\frac{s_1^2}{N_1} + \frac{s_2^2}{N_2}}}$$

Onde:

\overline{X}_j = Média da amostra para o Índice de Evidenciação;

s_j = Desvio Padrão da amostra;

N_j = Tamanho da amostra; e,

t = Estatística de teste t para duas amostras independentes.

3.4 Matriz de amarração da Pesquisa

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Coleta de dados	Análise dos dados
Avaliar a evidenciação de RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário de acordo com sua região geográfica, numa perspectiva internacional.	I. Mensurar o nível de evidenciação da RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário;	Relatórios disponíveis na base de dados da GRI	Índice de Evidenciação
	II. Comparar as regiões do mundo de acordo com a evidenciação da RSE do setor têxtil e de vestuário; e		<ul style="list-style-type: none"> • Boxplot • Teste t para duas amostras independentes
	III. Comparar as empresas dentro de cada região de acordo com a evidenciação da RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário.		<ul style="list-style-type: none"> • Boxplot

Fonte: Elaboração própria (2019).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta sessão é dividida em quatro tópicos: teste interavaliadores; características descritivas da amostra; boxplot; e por último é apresentado o teste t para duas amostras independentes.

O teste realizado para garantir a confiabilidade da análise dos relatórios da amostra foi o teste interavaliadores (ICC) anteriormente mencionado, o resultado é apresentado a seguir.

4.1 Teste Interavaliadores

Para maior confiabilidade nos dados coletados, selecionou-se, aleatoriamente, cinco relatórios da amostra que foram analisados por três especialistas na área. As empresas que compuseram essa amostra foram: LUPO, CROCS, IMPHALA CHLOTHING, GILDAN e NYANDA. Para o teste, foi utilizado o comando *Intraclass Correlations* (ICC) do Software *Stata 15* e analisado o ICC para cada variável. Os resultados estão apresentados na Tabela 2.

Os parâmetros para o teste de interavaliadores determina que o intervalo de 0.8 a 1.0 classifica o coeficiente *perfeito*; 0.6 a 0.8 *substancial*; 0.4 a 0.6 *moderado*; 0.2 a 0.4 *regular*; 0.0 a 0.2 *discreto*; e -1.0 a 0.0 *ruim*.

Tabela 2 – Coeficiente de Correlação Intraclassa (ICC) do teste interavaliadores

VARIÁVEIS	ICC MÉDIO	INTERVALO DE CONFIANÇA 95%	
IEC – Econômico	0.9962	0.9830	0.9995
IEN – Ambiental	0.9937	0.9718	0.9992
ILA – Práticas Trabalhista	0.9974	0.9884	0.9997
IRH – Direitos Humanos	0.9855	0.9354	0.9983
ISO – Sociedade	1.0000	.	.
IPR – Responsabilidade pelo Produto	1.0000	.	.

Fonte: Elaboração própria (2020).

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 2, todas as variáveis podem ser classificadas com o coeficiente perfeito, pois encontram-se entre 0.8 e 1.0, o que garante, portanto, alto grau de concordância entre os especialistas, o que indica uma boa qualidade da análise da pesquisa.

4.2 Características descritivas da amostra

A amostra final compreende 78 empresas. Sendo, 29 da Ásia, 23 da Europa, 16 da América Latina, 7 da América do Norte e 3 da África. O Quadro 7 apresenta as Regiões e a quantidade de empresas por países de cada Região.

Quadro 7 – Relação entre Regiões e quantidade de empresas por País

Região	País	Quantidade
África	África do Sul	1
	Gana	2
América do Norte	Canadá	1
	Estados Unidos	6
América Latina & Caribe	Brasil	5
	Colômbia	1
	Peru	10
Ásia	Bangladesh	1
	Coreia do Sul	1
	Emirados Árabes	1
	Filipinas	1
	Hong Kong (R.P. China)	5
	Índia	6
	Indonésia	4
	Israel	1
	Japão	1
	Paquistão	1
	Sri Lanka	1
	Tailândia	1
	Taiwan	2
	Turquia	2
	Vietnã	1
Europa	Alemanha	5
	Espanha	4
	Finlândia	2
	Itália	5
	Noruega	1
	Países Baixos	1
	Suécia	4
	Suíça	1
Total		78

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Ásia apresentou 15 países em sua amostra e representa a região o maior número de países diferentes. Dos 15 países, a Índia teve a maior quantidade de empresas, seis; em seguida Hong Kong (região administrativa especial da República Popular da China) com cinco; Indonésia com quatro; Taiwan e Turquia com duas cada. Os demais países apresentaram uma empresa para cada país.

A segunda Região com o maior número de países diferentes foi a Europa, com oito países. A Alemanha e a Itália foram representadas por cinco empresas cada; a Espanha e a Suécia, quatro; a Finlândia por duas e os demais países com uma empresa cada.

A América Latina & Caribe tiveram três países em sua Região, sendo 10 do Peru, cinco do Brasil e uma da Colômbia. A América do Norte foi representada por seis empresas do

Estados Unidos e uma do Canadá. Por fim, a África foi composta por duas empresas de Gana e uma da África do Sul.

Para alcançar o objetivo principal dessa pesquisa que é avaliar a evidenciação de RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário de acordo com sua região geográfica, numa perspectiva internacional, foi preciso primeiramente encontrar o Índice de Evidenciação dos Indicadores de cada Empresa.

No processo de levantamento da amostra de empresas com publicação de relatórios nos últimos cinco anos, foram encontradas duas empresas que utilizaram o modelo GRI G3, quatro o modelo GRI G3.1, 43 o GRI G4 e 29 o Standard.

Após o cálculo realizado de acordo com os procedimentos metodológicos anteriormente mencionados, o Índice de Evidenciação dos indicadores de cada empresa foram organizados de acordo com os dados apresentados no Tabela 3.

Tabela 3 – Índice de Evidenciação dos Indicadores das Empresas

Nome da Empresa	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Akaaldecor	0,00	2,34	2,63	0,00	0,00	0,00	1,49
Impahla Clothing	38,89	34,56	68,75	66,67	54,55	11,11	45,33
Nyandaa's Collections	0,00	0,00	2,63	0,00	0,00	0,00	0,60
Coach Inc.	19,44	27,94	29,69	12,50	9,09	5,56	20,88
Crocs	11,11	26,67	18,33	27,27	10,00	0,00	19,94
Gildan	0,00	13,28	10,53	41,67	0,00	0,00	11,90
Guess?, Inc.	0,00	13,28	10,53	0,00	20,00	7,14	9,23
Nike	0,00	25,00	21,05	22,22	0,00	0,00	16,67
PVH Corp.	29,17	35,94	28,95	61,11	55,00	0,00	34,23
Tapestry	16,67	10,29	32,81	50,00	27,27	0,00	21,15
Awananuna Lanasy Lanasy S.A.C.	6,25	3,91	9,21	0,00	0,00	0,00	4,46
CLAMASAC	8,33	6,25	10,53	0,00	0,00	0,00	5,95
Confecciones Juliett	16,67	3,13	5,26	0,00	20,00	14,29	7,14
Dudalina	2,78	41,18	34,38	29,17	13,64	50,00	32,14
EVEA ECOFASHION	4,17	13,28	5,26	0,00	20,00	14,29	9,23
Grupo Malwee	22,22	41,91	54,69	60,42	56,82	55,56	47,80
höség	2,08	7,03	1,32	0,00	15,00	0,00	4,17
Lojas Renner S.A.	13,89	25,00	10,94	8,33	20,45	16,67	17,86
Lupo S/A	22,22	13,33	30,36	0,00	0,00	0,00	12,97
Marisol S.A.	33,33	20,00	55,00	18,18	40,00	11,11	30,70
MEXTHON	16,67	3,13	5,26	0,00	20,00	14,29	7,14
MIPAKU	16,67	3,13	5,26	0,00	20,00	14,29	7,14
OTTANER Corp	16,67	6,25	5,26	0,00	0,00	28,57	8,33
Peruvian Traditions	10,42	3,13	2,63	0,00	15,00	3,57	4,46
Publívigo	25,00	8,09	32,81	8,33	31,82	38,89	20,05
Venus Colombia	33,33	12,50	37,50	25,00	27,27	22,22	23,35
Aksa Akrilik	47,22	25,00	42,19	37,50	27,27	36,11	33,24
Arvind	33,33	41,67	66,67	61,36	45,00	44,44	51,58
Calik Denim Tekstil Sanayive Ticaret A.S.	2,08	17,97	11,84	0,00	20,00	0,00	11,01
Century Synthetic Fiber Corporation	13,89	29,41	42,19	8,33	18,18	0,00	23,08
Crystal Apparel Ltd.	0,00	20,31	18,42	0,00	0,00	14,29	13,10

Nome da Empresa	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Dakota Industrial CO. LTD.	0,00	16,41	39,47	36,11	0,00	0,00	19,05
Daughter of Klaten	33,33	5,88	4,69	0,00	0,00	8,33	7,14
DBL Group	30,56	13,24	29,69	20,83	45,45	47,22	26,10
Delta Galil	72,22	67,50	65,00	90,91	90,00	86,11	80,06
Esprit	11,11	0,00	12,50	33,33	15,91	22,22	11,81
Everest Textile	30,56	40,44	31,25	0,00	4,55	11,11	25,27
Formosa Taffeta Co., Ltd.	25,00	35,29	45,31	12,50	15,91	55,56	32,69
Grasim Bhiwani Textiles Limited	88,89	75,74	93,75	91,67	100,00	88,89	86,54
HAYLEYS FABRIC PLC	33,33	32,35	25,00	16,67	9,09	0,00	23,08
Indo Phil Textile Mills Inc.	88,89	83,09	100,00	91,67	100,00	88,89	90,38
Indo Thai Synthetics	88,89	83,09	93,75	91,67	100,00	88,89	89,29
Jaya Shree Textiles	88,89	77,94	93,75	91,67	72,73	88,89	84,07
Kingdom Holdings Limited	33,33	49,26	51,56	68,75	56,82	63,89	53,02
Page Industries Limited	25,00	37,50	21,05	0,00	40,00	0,00	25,00
PT. Elegant Textile Industry	83,33	86,76	90,63	83,33	81,82	77,78	85,16
PT. Indo Liberty Textiles	83,33	85,29	93,75	91,67	90,91	88,89	88,46
PT. Sunrise Bumi Textiles	83,33	86,76	93,75	91,67	90,91	88,89	89,01
Sadaqat Limited	66,67	58,09	67,19	50,00	45,45	77,78	59,89
TaeKwang	5,56	16,91	26,56	39,58	36,36	0,00	21,15
TAL Apparel Limited	12,50	17,19	25,00	50,00	30,00	28,57	23,51
TANA Netting	33,33	34,38	31,58	22,22	40,00	28,57	32,14
Toray Industries Inc	22,22	40,44	17,19	16,67	4,55	5,56	23,63
Vikram Woollens	88,89	85,29	93,75	83,33	72,73	88,89	85,71
Welspun India	69,44	47,79	51,56	70,83	93,18	83,33	62,64
Alsico	8,33	37,50	90,79	77,78	0,00	78,57	50,89
Aquafil	11,11	25,00	0,00	0,00	9,09	0,00	11,54
CWS-boco Group	41,67	51,47	50,00	66,67	36,36	50,00	50,27
Desso Holding B.V.	13,89	33,82	14,06	50,00	34,09	25,00	29,67
Ellos Group	4,17	15,63	7,89	0,00	30,00	0,00	10,12
Euro-GOODNIGHT, S.L	20,83	17,19	17,11	11,11	0,00	0,00	14,58
Eurosuole	68,75	41,41	35,53	75,00	60,00	100,00	53,57
Gina Tricot	16,67	5,47	7,89	27,78	10,00	10,71	10,71
Hemtex	8,33	19,53	14,47	63,89	25,00	60,71	25,30
HILATURAS FERRE S.A.	8,33	21,88	31,58	66,67	0,00	28,57	26,19
Lindex	11,11	19,85	25,00	25,00	29,55	44,44	24,18
Lindström Ou	44,44	69,85	53,13	58,33	100,00	77,78	67,31
Mango Group	11,11	13,97	31,25	41,67	27,27	44,44	25,00
Marimekko	5,56	13,97	7,81	8,33	9,09	22,22	11,54
Oberalp	2,08	4,69	17,11	8,33	25,00	28,57	10,71
Otto Group	22,22	28,68	21,88	31,25	2,27	25,00	23,63
Prada	22,22	17,65	18,75	6,25	9,09	33,33	17,31
Puma	25,00	42,65	26,56	35,42	40,91	16,67	34,34
Salvatore Ferragamo	16,67	31,62	42,19	37,50	43,18	52,78	36,26
Switcher	25,00	20,00	26,79	0,00	0,00	0,00	15,19
TEXTILS MORA	6,25	7,03	3,95	13,89	0,00	0,00	5,95
XXL SPORT	2,78	9,56	10,94	20,83	15,91	16,67	12,09
Zalando	11,11	26,47	48,44	22,92	31,82	41,67	30,49

Fonte: Elaboração própria (2020). Nota: IEC = Econômico, IEN = Ambiental, ILA = Trabalhista, IRH = Direitos Humanos, ISO = Sociedade, IPR = Responsabilidade pelo Produto, IDT = Total.

Com os índices tabelados, foi possível realizar o boxplot e o Test t para duas amostras independentes e assim responder aos objetivos específicos da pesquisa: ii) comparar as regiões

do mundo de acordo com a evidenciação de RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário; e
iii) comparar as empresas dentro de cada região de acordo com a evidenciação da RSE das
empresas do setor têxtil e de vestuário.

4.3 Boxplot

O boxplot fornece uma análise visual da posição, dispersão, simetria, caudas e valores discrepantes (outliers) do conjunto de dados. Com isso, foi possível analisar o comportamento da evidenciação de cada um dos índices entre as empresas de uma mesma região e entre as regiões. Os dados e gráficos foram organizados e desenvolvidos no *software Stata*. A primeira análise apresentada e discutida refere-se à comparação das empresas de cada região, em seguida, a comparação entre as regiões.

4.3.1 Comparação por boxplots das empresas de cada região

Este tópico destinou-se a apresentação e discussão do resultado dos boxplots dos indicadores das empresas por região. Sendo elas: África, América do Norte, América Latina & Caribe, Ásia e Oceania.

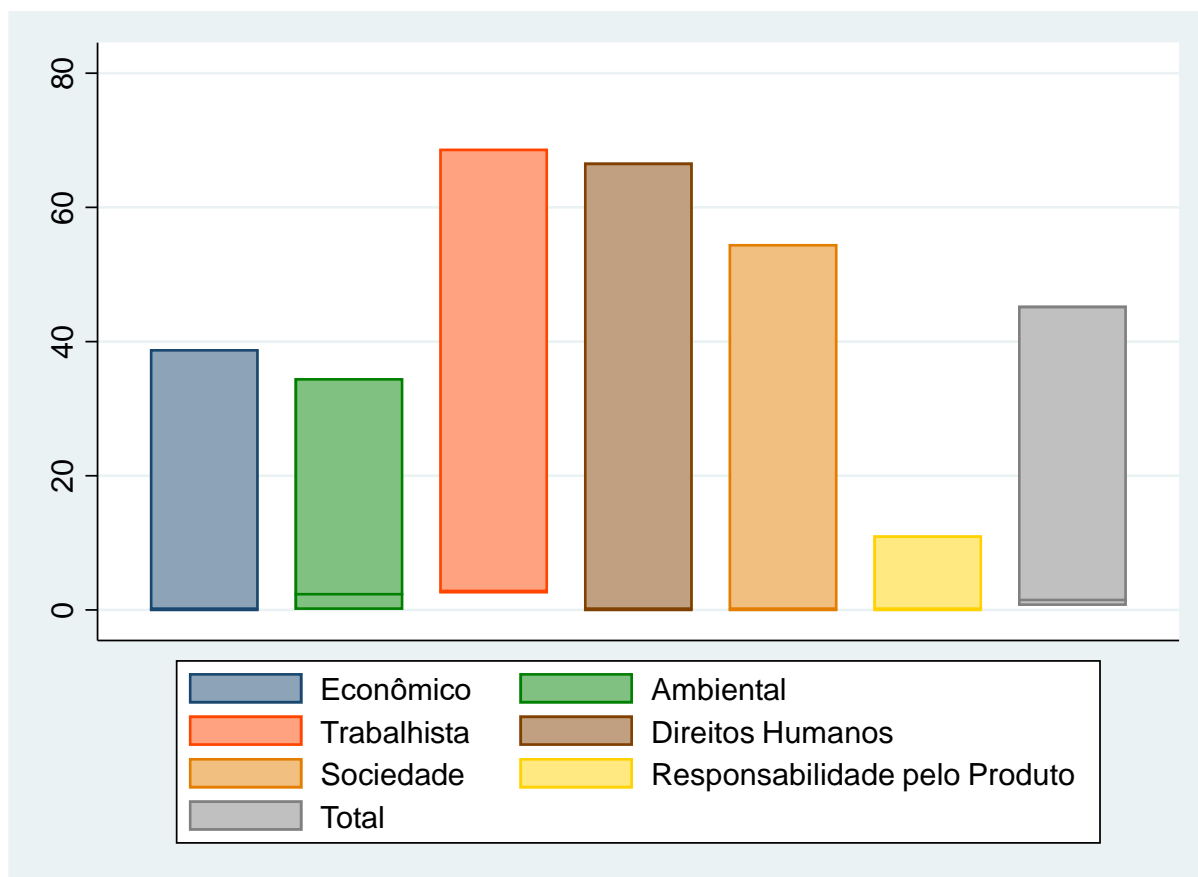
Para auxiliar a compreensão dos resultados dos boxplot, são apresentados os dados descritivos por meio de tabelas. As informações descritas foram média, valor máximo, valor mínimo desvio padrão, valor de Q1 (25%), valor de Q2 (Mediana) e valor de Q3 (75%).

África

A primeira região apresentada, refere-se a África que apresentou boxplot não muito desenvolvido pelo baixo número de empresas em sua amostra e é apresentado visualmente na Figura 9. A África foi composta por três empresas, uma da África do Sul e duas da Gana.

A Tabela 4 apresenta numericamente os dados de estatística descritiva da África. Esses valores relacionam-se a Figura 9.

Figura 9 – Boxplots dos Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da África



Fonte: Elaboração Própria (2020).

Tabela 4 – Estatísticas Descritivas dos Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da África

África	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Média	12,96	12,30	24,67	22,22	18,18	3,70	15,80
Máximo	38,89	34,56	68,75	66,67	54,55	11,11	45,33
Mínimo	0,00	0,00	2,63	0,00	0,00	0,00	0,60
Desvio Padrão	22,45	19,31	38,17	38,49	31,49	6,42	25,57
Q1	0,00	0,00	2,63	0,00	0,00	0,00	0,60
Q2 (Mediana)	0,00	2,34	2,63	0,00	0,00	0,00	1,49
Q3	38,89	34,56	68,75	66,67	54,55	11,11	45,33

Fonte: Elaboração Própria (2020).

Os boxplot da África não apresentaram limites máximos e mínimos, apenas as caixas por só terem três empresas em sua amostra. Ainda assim, foi possível visualizar a variação do índice de evidenciação das mesmas.

O índice da Impahla Clothing foi bem mais alto que as demais e por conta disso, o limite máximo da região foi mais alto que a média. Akaal decor e Nyandaa's Collections tiveram seus indicadores com *score* baixo, o que resultou em medianas zero ou próximas a zero. De qualquer modo, como eram três empresas, a Impahla Clothing não foi detectada como outlier.

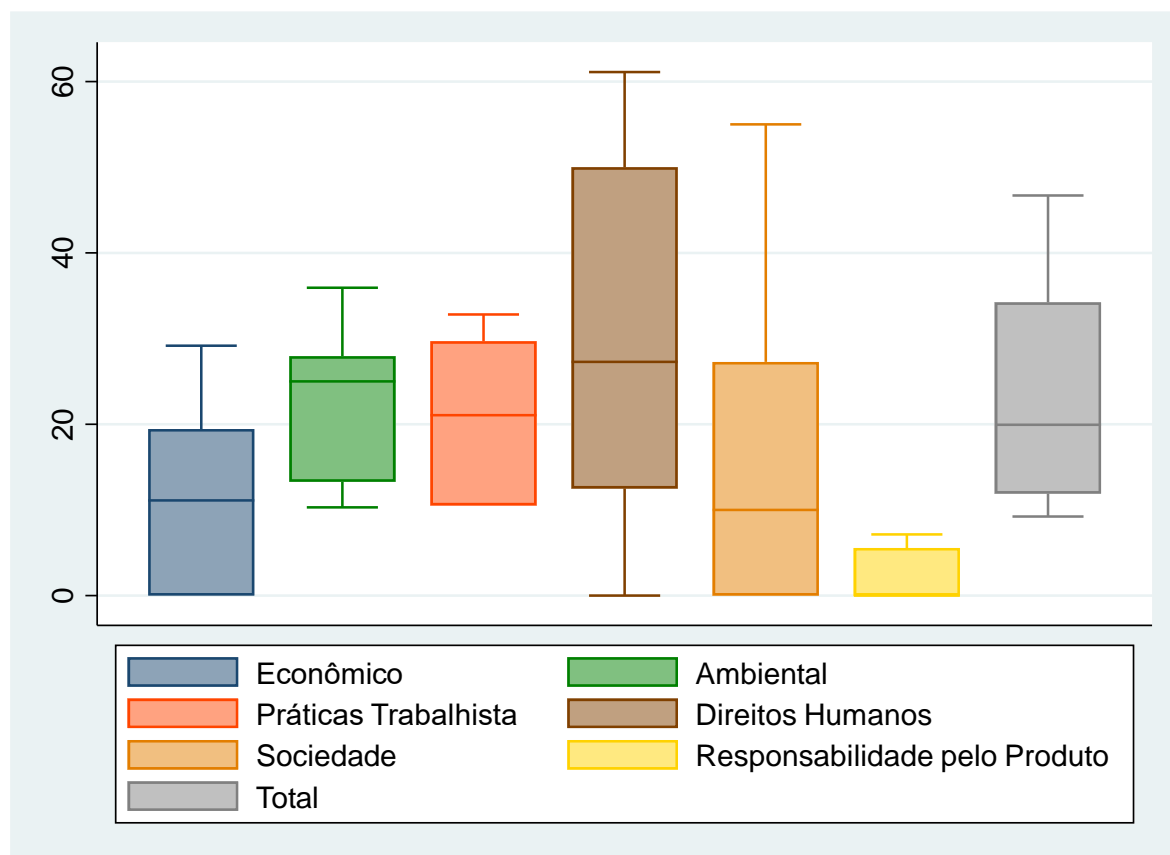
A discrepância dos *scores* pode ter ocorrido por conta dos países de origem. A Impahla Clothing é uma empresa sul africana e a Akaal decor e a Nyandaa's Collections pertencem a Gana. Como não houve nenhuma outra empresa da África do Sul, não é possível concluir que o comportamento da Impahla Clothing foi em decorrência das pressões culturais de seu país, mas é possível perceber uma diferença clara de comportamento se comparada com as empresas ganesas.

O caso da África pode ser discutido de duas formas. Primeiro, o baixo número de evidenciações pode ser reflexo do baixo número de empresas do setor na região, assim como as empresas da região terem baixa pressão para que haja a evidenciação, por parte de seus *stakeholders*.

América do Norte

A segunda região (Figura 10) refere-se à América do Norte. Esta região foi composta por sete empresas, sendo uma do Canadá e as outras seis dos Estados Unidos.

Figura 10 – Boxplot dos Índices das empresas têxteis e de vestuário da América do Norte



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 5 apresenta os dados descritivos da América do Norte. Esses valores relacionam-se a Figura 10.

Tabela 5 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da América do Norte

América do Norte	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Média	10,91	21,77	21,70	30,68	17,34	1,81	22,91
Máximo	29,17	35,94	32,81	61,11	55,00	7,14	46,70
Mínimo	0,00	10,29	10,53	0,00	0,00	0,00	9,23
Desvio Padrão	11,52	9,57	9,14	21,51	19,35	3,13	13,26
Q1	0,00	13,28	10,53	12,50	0,00	0,00	11,90
Q2 (Mediana)	11,11	25,00	21,05	27,27	10,00	0,00	19,94
Q3	19,44	27,94	29,69	50,00	27,27	5,56	34,23

Fonte: Elaboração Própria (2020).

O Indicador de Responsabilidade pelo Produto (IPR) foi o indicador que teve seu limite mais baixo. Este indicador refere-se a indicadores relacionados à evidenciação de informações sobre produtos e serviços que afetam as partes interessadas diretas da empresa e seus clientes em particular. O indicador com maior índice de evidenciação foi o IRH, que expressa um indicador relativo à preocupação da empresa com questões relativas aos Direitos Humanos.

O boxplot da América do Norte apresentou a maioria das caixas enxutas, isso representa um alto grau de concordância das empresas na forma de evidenciar seus indicadores, mas não um alto nível de evidenciação, pois suas caixas se encontram todas com seus limites iguais ou menores que 60. Não foi identificado *outlier*.

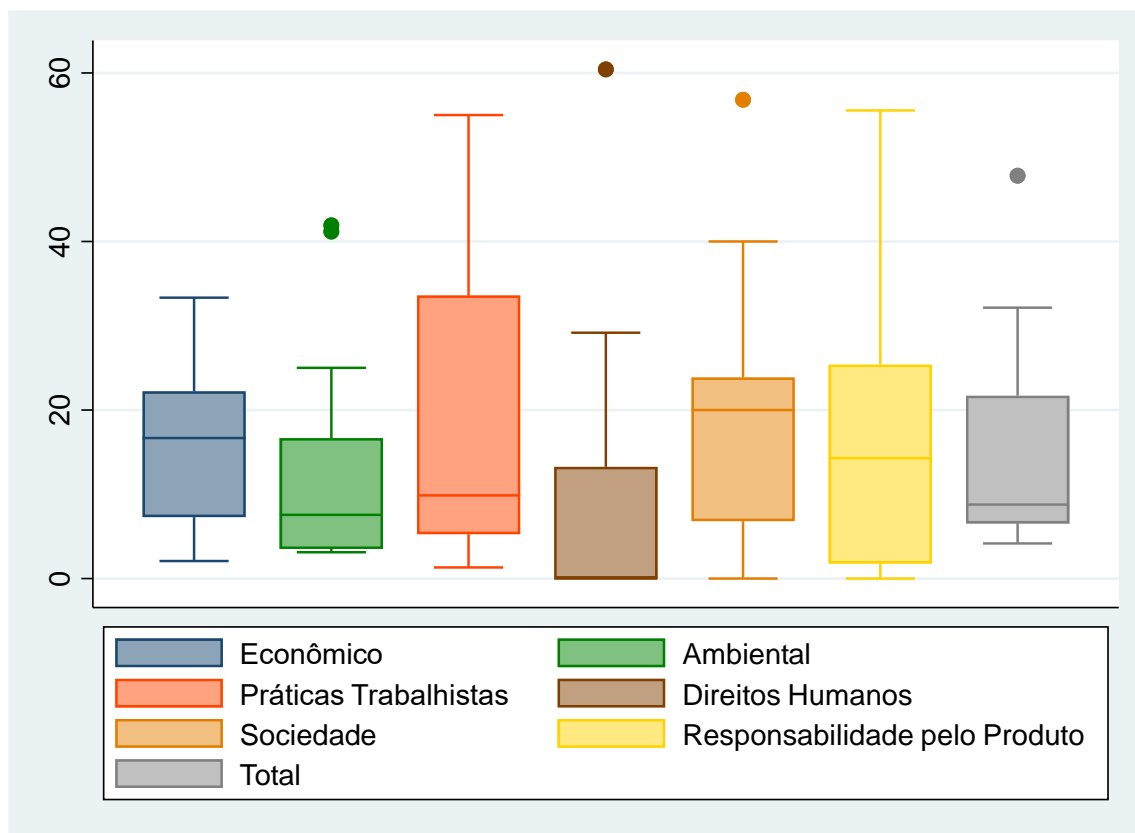
Como a maioria das empresas pertence a um mesmo país, a discussão teórica dos isomorfismos de DiMaggio e Powell (1983) alinha-se a essa situação no que se refere ao processo de homogeneização. Uma vez que essas empresas, estão inseridas num mesmo contexto, no qual sofrem pressões semelhantes que podem as tornar parecidas umas com outras, pois coexistem no mesmo conjunto de condições ambientais.

O comportamento homogêneo e a baixa divulgação, também reforça a afirmação de DiMaggio e Powell (1983) na qual, a pressão exercida sobre as organizações não as levaram a ter um comportamento mais eficiente, apenas parecido com as organizações inseridas no mesmo contexto. Acerca especificamente da legitimidade discutida por Schuman (1995), as empresas da região podem se sentir legitimadas mesmo com baixa divulgação, pois é a postura adotada pela maioria delas dentro desse contexto.

América Latina & Caribe

A América Latina & Caribe teve sua amostra representada por 16 empresas, na qual, cinco se localizam no Brasil, uma na Colômbia e dez no Peru. A Figura 11 refere-se aos índices da América Latina & Caribe.

Figura 11 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da América Latina & Caribe



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 6 apresenta os dados descritivos da América Latina (AL) & Caribe. Esses valores relacionam-se a Figura 11.

Tabela 6 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da América Latina & Caribe

AL & Caribe	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Média	15,67	13,20	19,10	9,34	18,75	17,73	15,18
Máximo	33,33	41,91	55,00	60,42	56,82	55,56	47,80
Mínimo	2,08	3,13	1,32	0,00	0,00	0,00	4,17
Desvio Padrão	9,86	12,77	18,66	16,73	15,52	17,53	16,67
Q1	7,29	3,52	5,26	0,00	6,82	1,79	6,55
Q2 (Mediana)	16,67	7,56	9,87	0,00	20,00	14,29	8,78
Q3	22,22	16,67	33,59	13,26	23,86	25,40	21,70

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A América Latina & Caribe apresentaram gráficos com baixa amplitude, o que demonstra que as empresas da região tiveram um comportamento mais homogêneo de evidenciar seus indicadores. A homogeneidade de comportamento é explicada por DiMaggio e Powell (1983), uma vez que as organizações estão inseridas num mesmo conjunto de condições ambientais, elas passaram a se comportar de forma parecida. Apesar da homogeneização, a

região apresentou *scores* baixos, visto que quase todos os indicadores tiveram mínimo de zero ou próximo e nenhum limite máximo maior que 60.

Assim como na América do Norte, os gráficos com baixa amplitude e *scores* baixos na América Latina & Caribe converge com a discussão de DiMaggio e Powell (1983), no qual as pressões das organizações por responderem seus stakeholders, não necessariamente as forçam serem eficientes. Segundo Schuman (1995), isto ocorre, pois, as empresas da região, mesmo com a baixa divulgação dos seus dados, podem se sentir legitimadas, uma vez que esta é a postura adotada pela maioria do setor dentro desse contexto.

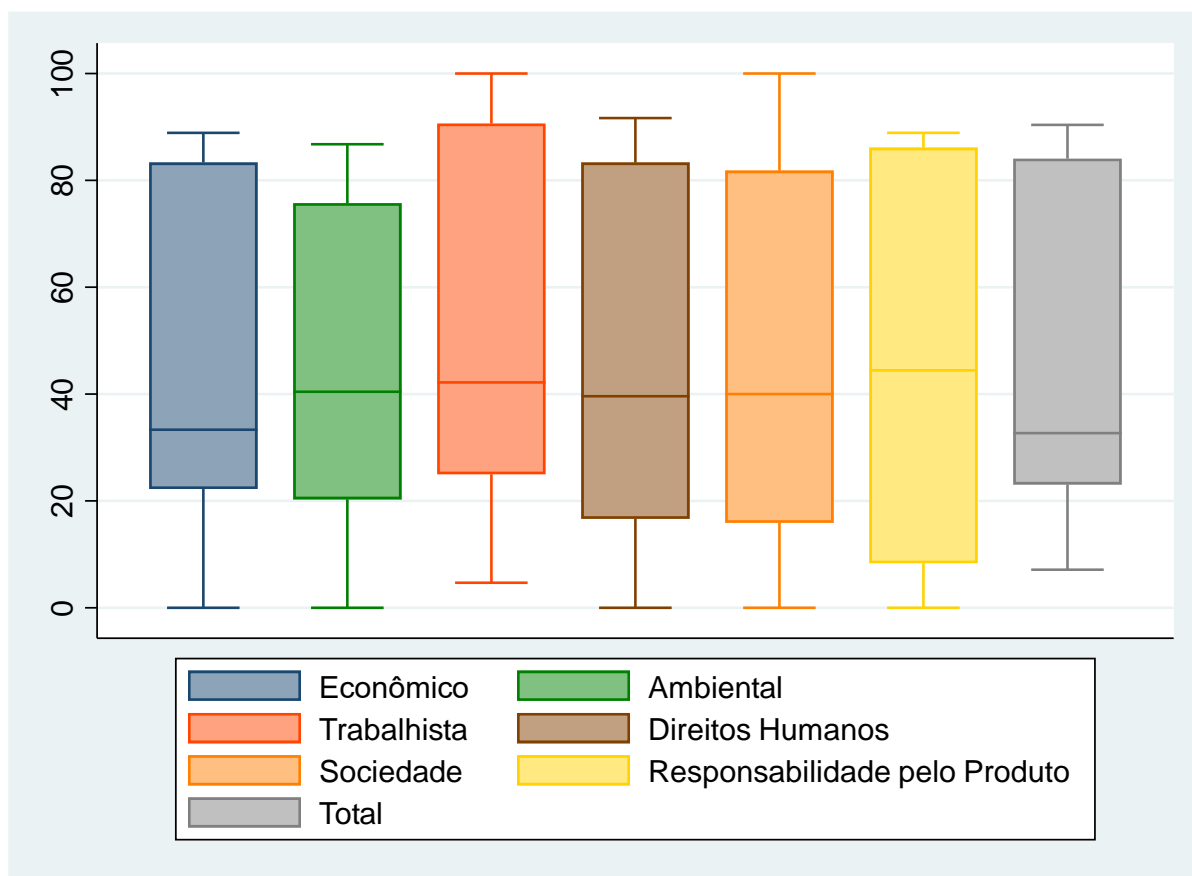
Os gráficos apresentaram assimetrias em sua distribuição dos dados com medianas muito distantes de suas médias. Os indicadores IEN, ILA, IRH e IDT tiveram medianas abaixo das médias, ou seja, a maioria das empresas apresentaram indicadores abaixo da média; o oposto ocorreu com o ISO que apresentou a mediana bem acima da média, isto é, a maioria das empresas apresentaram indicadores acima da média.

Os outliers do IEN foram Dudalina com *score* de 41,18 e Grupo Malwee, 41,91. O Grupo Malwee foi outlier também em outros indicadores. No IRH, com *score* de 60,42, no ISO com *score* de 56,82 e no IDT com *score* de 47,80.

Ásia

Esta região foi composta por 29 empresas e foi a região com o maior número de empresas da amostra e o maior número de países dentro de uma mesma região. As empresas são oriundas de 15 países diferentes: uma de Bangladesh, uma da Coreia do Sul, uma dos Emirados Árabes, uma das Filipinas, cinco de Hong Kong, seis da Índia, quatro da Indonésia, uma de Israel, uma do Japão, uma do Paquistão, uma do Sri Lanka, uma da Tailândia, duas de Taiwan, duas da Turquia e uma do Vietnã. A Figura 12 refere-se aos indicadores da Ásia e representa visualmente os gráficos de boxplot da região.

Figura 12 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da Ásia



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 7 apresenta os dados descritivos da Ásia de forma mais detalhada. Tais valores relacionam-se a Figura 12.

Tabela 7 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da Ásia

Ásia	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Média	44,66	45,21	49,83	46,63	46,44	45,28	46,50
Máximo	88,89	86,76	100,00	91,67	100,00	88,89	90,38
Mínimo	0,00	0,00	46,87	0,00	0,00	0,00	71,43
Desvio Padrão	32,12	27,89	32,24	35,42	35,33	36,62	30,24
Q1	22,22	20,31	25,00	16,67	15,91	83,33	23,08
Q2 (Mediana)	33,33	40,44	42,19	39,58	40,00	44,44	32,69
Q3	83,33	75,74	90,63	83,33	81,82	86,11	84,07

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Ásia foi a região com o Índice de Evidenciação mais alto entre as Regiões, mas também apresentou alta dispersão em todos os seus índices. Isto demonstra que apesar de ter empresas em sua amostra com alto índice de evidenciação, esse comportamento não é homogêneo na região. Sabendo que o score máximo é 100 e o mínimo, 0. A Ásia apresenta uma alta evidenciação em todos os indicadores. O ISO inclusive apresenta máximo de 100 e mínimo de 0 e o ILA apresentou limite máximo também de 100 e mínimo, quase de 0. As medianas

mostraram-se muito semelhantes, todas entre 30 e 50, mas nem todas se apresentaram próximas à média.

A Ásia apresentou uma dispersão alta, a qual pode ser discutida pelo Institucionalismo Societal (GREENWOOD ET AL., 2008). As empresas apesar de inseridas na mesma região, tiveram comportamentos distintos devido aos graus de liberdade que lhes são permitidos assumir no contexto em que estão inseridas.

Outra ponto a se ressaltar, foi que a variedade de comportamento, a qual pode significar também variedade de pressões isomórficas. Na visão do isomorfismos de DiMaggio e Powell (1983), as empresas apresentam comportamentos semelhantes quando estão em um contexto que sofrem as mesmas pressões isomórficas. No caso da Ásia, a variação do comportamento do índice de evidenciação, pode ter se dado pela diferença de contexto e portanto, a região poderia ter sido subdivida em microrregiões de acordo com a similaridade de contextos.

Não é possível afirmar categoricamente, mas os altos scores dos indicadores da Ásia também podem estar relacionados a necessidade de englobar exigências que são requeridas de organizações que precisam conciliar ao mesmo tempo complexidades regionais, nacionais e internacionais (GREENWOOD ET AL., 2008).

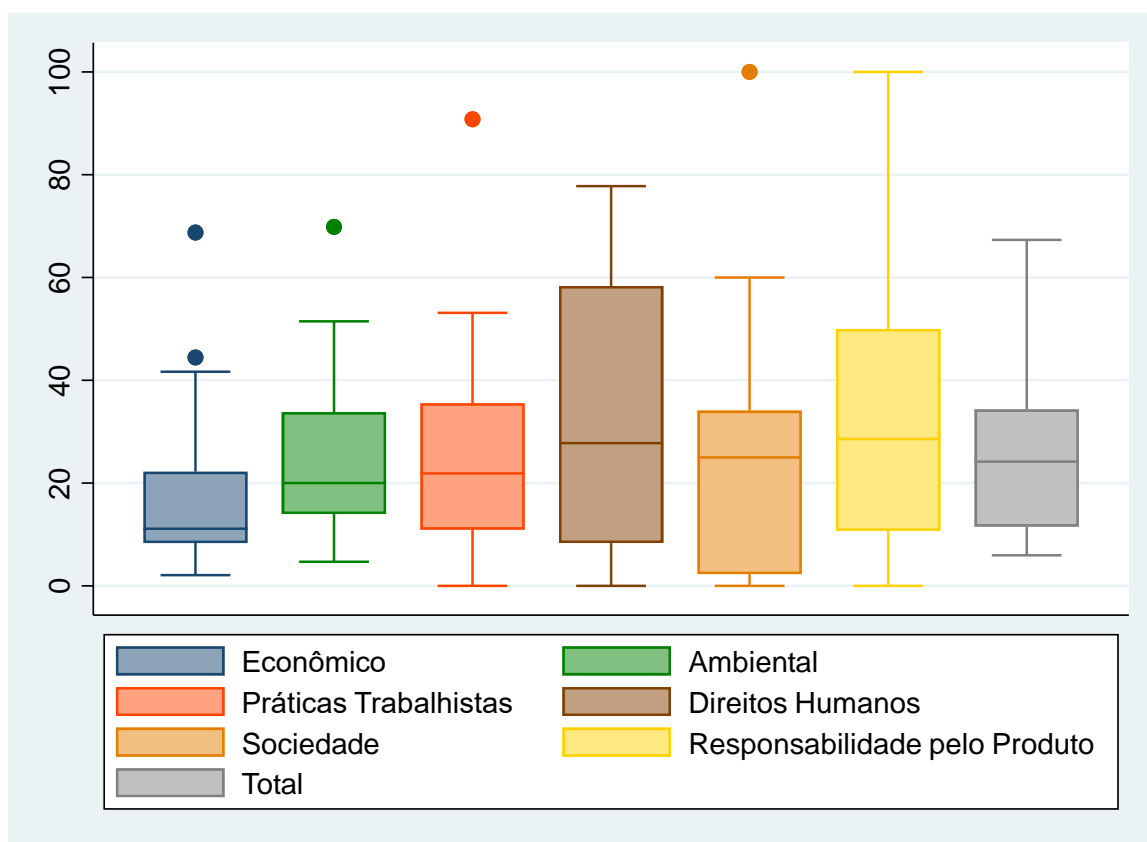
Na visão da legitimidade, a literatura explora que as empresas com maior visibilidade tendem a divulgar e envolver com questões sociais e ambientais. No entanto, as empresas com maior visibilidade nesta região foram empresas fabricantes de tecidos e não empresas que estão em contato direto com os consumidores finais. Assim como abordado anteriormente, este comportamento pode estar relacionado a cadeia produtiva, assim, essas organizações com alto índice de divulgação buscam ser legitimadas como fornecedoras de grandes empresas.

O IEC, IEN, ILA e IDT principalmente tem medianas bem mais baixas que as médias. Isso significa que há uma concentração muito maior de empresas com evidenciação abaixo da média. O IPR foi o indicador que mais apresentou um comportamento normal no qual a média e a mediana estão próximas e os limites inferiores e superiores não se encontraram muito distantes dos quartis das extremidades também.

Europa

A região da Europa foi composta por 23 empresas, com origem de oito países: cinco da Alemanha, quatro da Espanha, dois da Finlândia, cinco da Itália, uma da Noruega, uma dos Países Baixos, quatro da Suécia e uma da Suíça. A Figura 13 representa visualmente os gráficos de boxplot da região e seus índices.

Figura 13 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da Europa



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 8 apresenta os dados descritivos mais detalhados da Europa. Tais valores relacionam-se a Figura 13.

Tabela 8 – Estatística Descritiva das empresas têxteis e de vestuário da Europa

Europa	IEC	IEN	ILA	IRH	ISO	IPR	IDT
Média	17,72	24,99	26,22	32,55	23,42	32,92	25,95
Máximo	68,75	69,85	90,79	77,78	100,00	100,00	67,31
Mínimo	2,08	4,69	0,00	0,00	0,00	0,00	5,95
Desvio Padrão	15,72	15,78	20,56	25,59	23,74	27,89	16,45
Q1	8,33	13,97	10,94	8,33	2,27	10,71	11,54
Q2 (Mediana)	11,11	20,00	21,88	27,78	25,00	28,57	24,18
Q3	22,22	33,82	35,53	58,33	34,09	50,00	34,34

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Europa apresentou gráficos de dispersões variadas para cada índice. A amplitude do IRH, do ISO e do IPR foram bem maiores que do IEC e do IDT. As medianas, no entanto, se apresentaram aproximadas entre 10 e 30. O IPR apresentou mínimo de 0 e máximo de 100, porém com mediana de 28,57 e média de 32,92.

Mesmo com um número alto de empresas em sua amostra, as empresas na Europa demonstraram uma variação baixa de dados em alguns índices, como o IEC, IEN e ILA, esse

comportamento reflete uma convergência de comportamento na evidenciação dessas informações nos relatórios de RSE da região. Em contrapartida, os índices IRH, ISO, IPR e o IDT apresentaram caixas com dispersões altas, ou seja, heterogeneidade no nível de evidenciação desses índices.

Assim como na América do Norte, as empresas da região podem se sentir legitimadas mesmo com baixa divulgação em alguns indicadores, pois é a postura adotada pela maioria delas dentro desse contexto.

A presença de índices com dispersões altas em alguns casos e baixas em outros, pode revelar, segundo DiMaggio e Powell (1983), que as pressões isomórficas dentro da Europa são mais parecidas na exigência de alguns índices que outros.

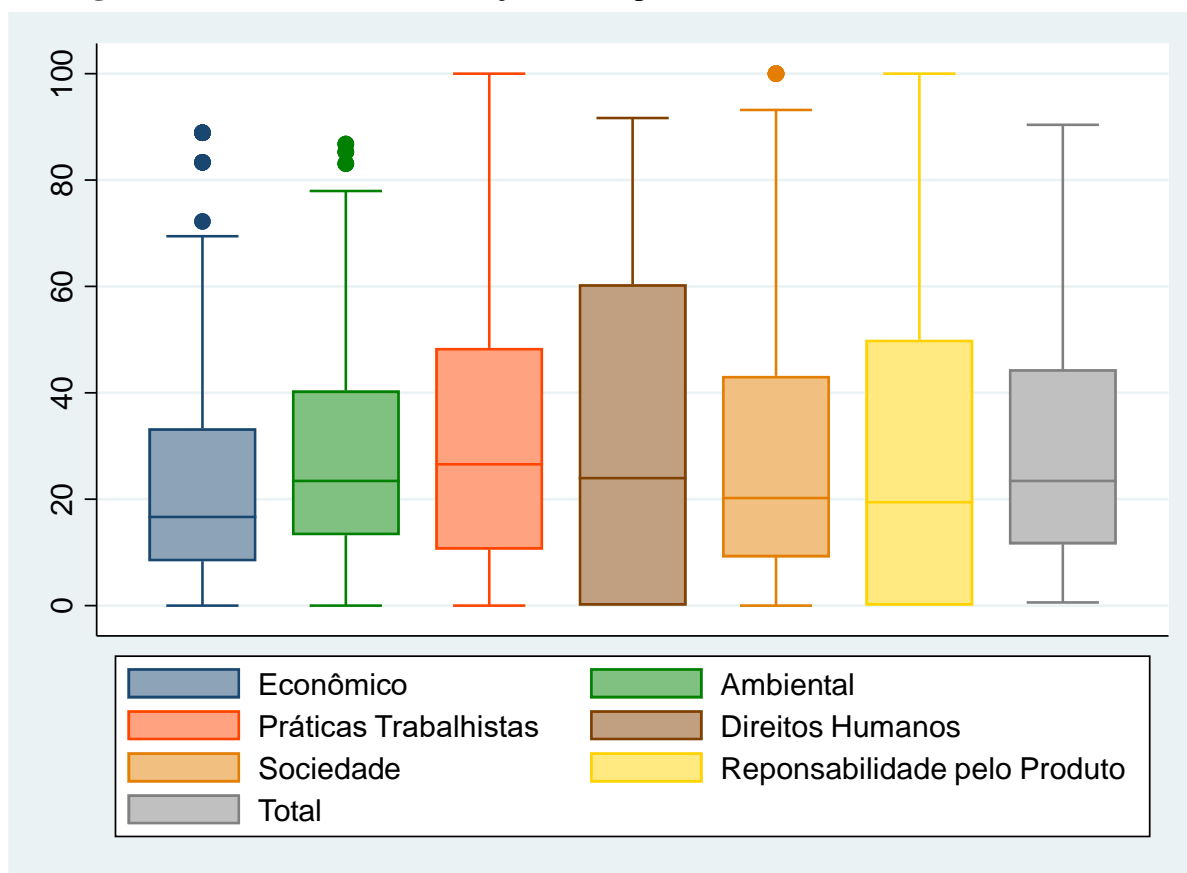
A Europa apresentou *outliers* em alguns índices. Os *outliers* de IEC foram a CWS-boco Group, com *score* de 41,67 e a Eurosuole com *score* de 68,75. Em IEN o *outlier* refere-se a Lindström Ou com *score* de 69,85. Em ILA, o *outlier* ocorreu por Alsico, com *score* de 90,79. O último *outlier* ocorreu no ISO pela Lindström Ou com *score* de 100.

Global

Num panorama global, o IEC foi o índice que apresentou caixas com menor amplitude, mas também com os scores mais baixos. DiMaggio e Powell (1983) explicam a homogeneidade ocorre quando já está institucionalizado um tipo de comportamento, mesmo que este não seja o mais eficiente. O comportamento comum e legitimado relativo aos indicadores econômicos é a baixa divulgação. Algumas empresas justificam a ausência de informação, por motivos estratégicos. Outras, por não publicarem, permitem o julgamento de que não investem, por não se sentirem pressionados diante seus *stakeholders*, inclusive seus concorrentes.

A Figura 14 apresenta os índices de evidenciação das empresas têxteis e de vestuário com a reunião de todas as regiões que compuseram a amostra.

Figura 14 – Índices de Evidenciação das empresas têxteis e de vestuário da amostra



Fonte: Elaboração própria (2020).

O IEN apresentou um comportamento semelhante ao IEC, com relação ao baixo score e baixa amplitude e a discussão teórica é semelhante, porém não houve a justificativa por parte das empresas de que a ausência da informação era devido a posicionamentos estratégicos, o que resta apenas a segunda interpretação, na qual as organizações não se sentem pressionada por seus *stakeholders* a assumirem posicionamentos mais sustentáveis. Outra discussão que se pode levantar nesse índice é de que a falta de regulamentação que as obrigue a serem mais ambientalmente responsáveis.

Nenhum índice apresentou mediana acima de 30, ou seja, mais da metade das empresas tiveram desempenho abaixo de 30. A amostra analisada revelou que o comportamento majoritário das empresas do setor têxtil e de vestuário é ter baixo *score* de divulgação de suas informações de RSE.

4.3.2 Comparação dos boxplot entre as Regiões

A comparação dos dados entre as regiões, foi analisada separadamente por índices. Tais quais são apresentados na sequência: Índice Econômico (IEC), Índice Ambiental (IEN), Índice

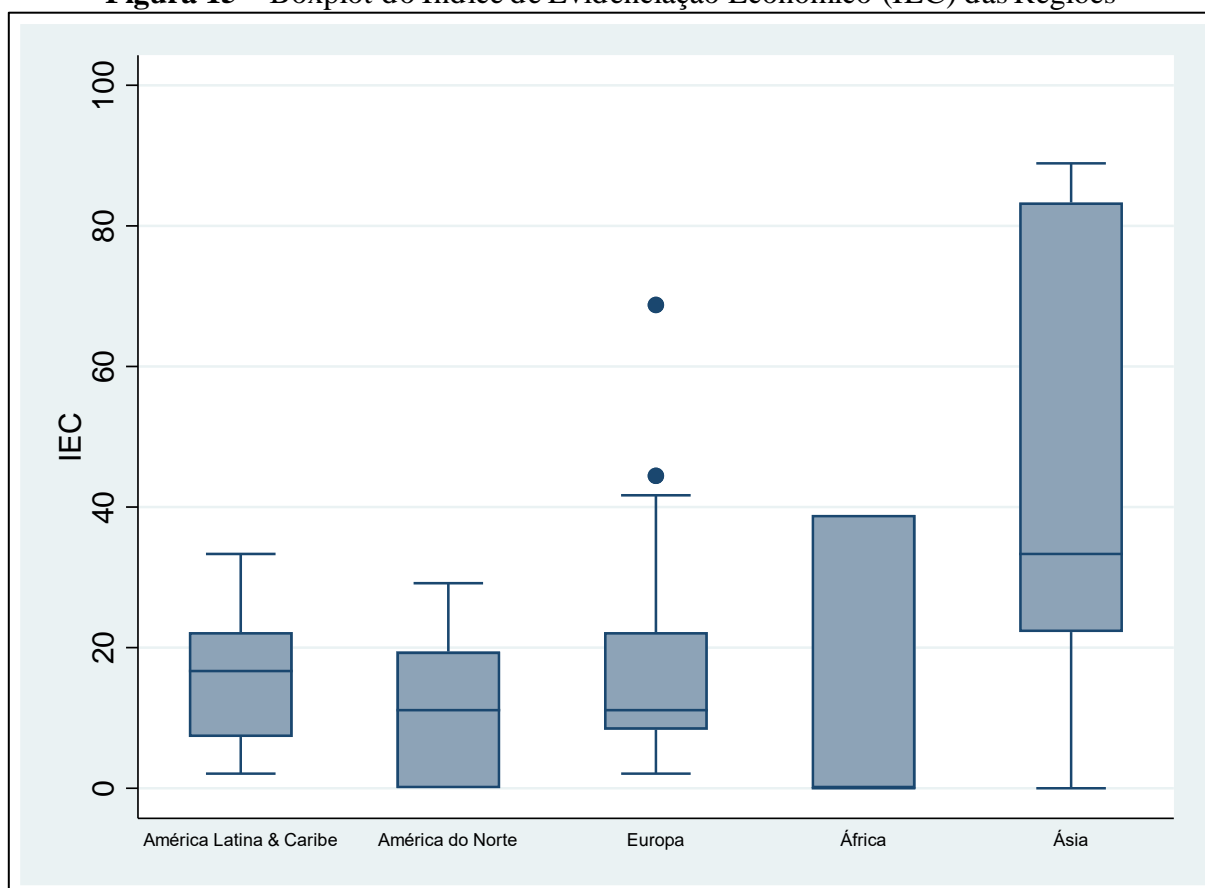
de Práticas Trabalhistas (ILA), Índice Direitos Humanos (IRH), Índice Sociedade (ISO), Índice Responsabilidade pelo Produto (IPR), Índice Total (IDT).

Para auxiliar a compreensão dos resultados dos boxplot, são apresentados os dados descritivos por meio de tabelas. As informações descritas são relativas a média, valor máximo, valor mínimo desvio padrão, valor de Q1 (25%), valor de Q2 - Mediana (50%) e valor de Q3 (75%).

Índice de Evidenciação Econômico (IEC)

A Figura 15 refere-se ao primeiro índice apresentado e discutido por meio do boxplot. O IEC foi composto de nove indicadores para os modelos G3, G3.1 e G4 e 12 para o Standard.

Figura 15 – Boxplot do Índice de Evidenciação Econômico (IEC) das Regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 9 refere-se a estatística descritiva do Índice Econômico de cada região, a fim de auxiliar a análise e comparação mais detalhada dos dados.

Tabela 9 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Econômico das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	15,67	17,72	10,91	12,96	44,66

Máximo	33,33	68,75	29,17	38,89	88,89
Mínimo	2,08	2,08	0,00	0,00	0,00
Desvio Padrão	9,86	15,72	11,52	22,45	32,12
Q1	7,29	8,33	0,00	0,00	22,22
Q2 (Mediana)	16,67	11,11	11,11	0,00	33,33
Q3	22,22	22,22	19,44	38,89	83,33

Fonte: Elaboração Própria (2020).

Acerca do IEC, a Ásia apresentou a caixa com maior dispersão, mas também com o limite máximo mais alto. Isto é, algumas empresas asiáticas tiveram *scores* altos, mas o comportamento da região não foi unânime. A Europa, teve o segundo limite mais alto, mas ao contrário da Ásia, apresentou a caixa mais estreita, o que revela um comportamento na evidenciação mais homogêneo.

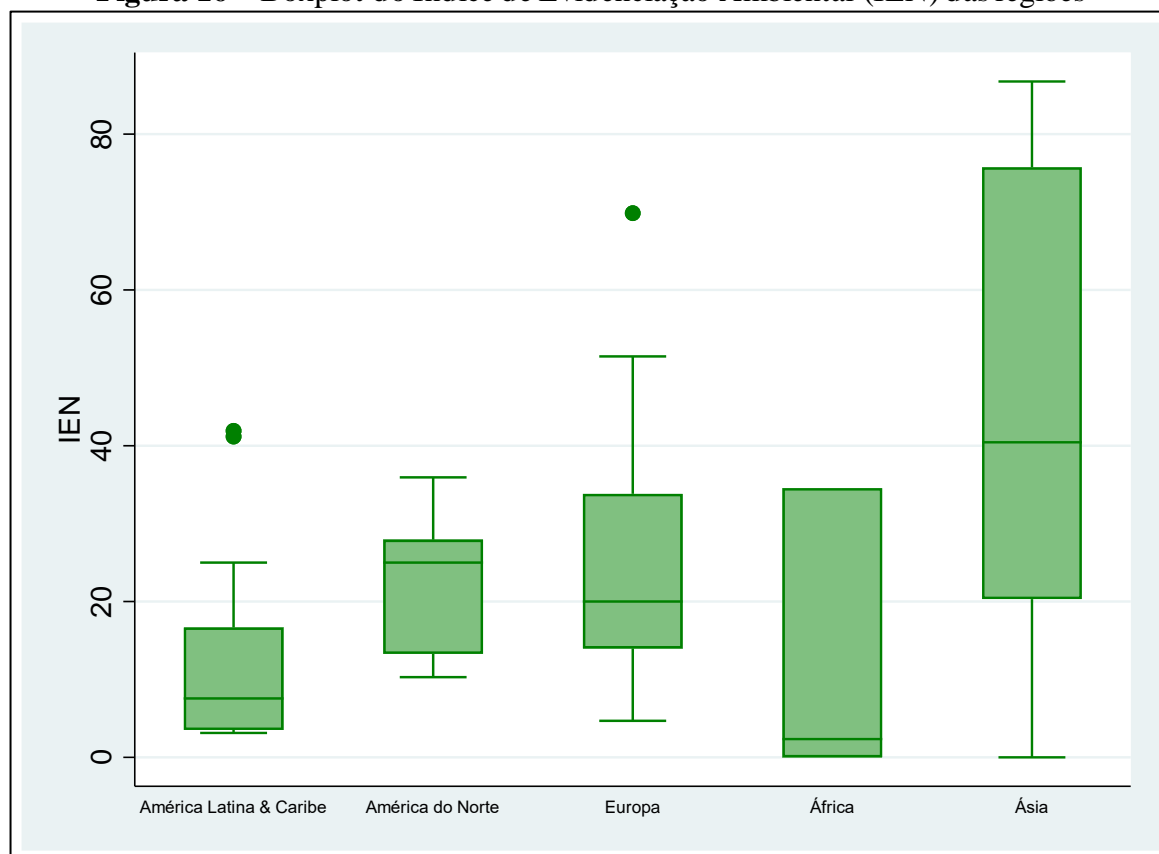
A América do Norte e a África apresentaram mínimo e Q1 de zero, a Ásia também apresentou o limite mínimo de zero, porém seu primeiro quartil iniciou a partir de 22,22.

Com relação as medianas, nenhuma região apresentou valores acima de 40. A América do Norte apresentou a mediana mais equilibrada e próxima da média em comparação com as demais. A Europa, a África e a Ásia tiveram medianas muito abaixo da média, enquanto a América Latina & Caribe teve sua mediana acima da média.

Índices de Evidenciação Ambiental (IEN)

A Figura 16 apresenta o gráfico do boxplot de IEN e seus resultados e discussões serão apresentados a seguir. O IEN foi composto de 30 indicadores no modelo G3 e G3.1, 34 no G4 e 32 no Standard.

Figura 16 – Boxplot do Índice de Evidenciação Ambiental (IEN) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 10 refere-se a estatística descritiva do Índice Ambiental das empresas de cada região, a fim de auxiliar a análise e comparação mais detalhada dos dados.

Tabela 10 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Ambiental das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	13,20	24,99	21,77	12,30	45,21
Máximo	41,91	69,85	35,94	34,56	86,76
Mínimo	3,13	4,69	10,29	0,00	0,00
Desvio Padrão	12,77	15,78	9,57	19,31	27,89
Q1	3,52	13,97	13,28	0,00	20,31
Q2 (Mediana)	7,56	20,00	25,00	2,34	40,44
Q3	16,67	33,82	27,94	34,56	75,74

Fonte: Elaboração Própria (2020).

Os boxplots de IEN demonstraram comportamentos bem distintos entre as regiões. A Ásia teve a caixa de dispersão bem maior do que as outras regiões, o que corresponde a variação alta entre as empresas da região na forma de evidenciar suas informações. No entanto, também teve o maior limite máximo, o que significa que as empresas com maior evidenciação também

estão presente em sua região. A média da Ásia (45,21) foi 1,8 vezes o IEN médio da segunda região (Europa = 24,99).

Apenas a América do Norte apresentou medianas acima de sua média, o que revela que a maioria das empresas tiveram seus índices acima de 21,77. A América Latina, a Europa, a África e a Ásia se comportaram de forma contrária, com a maioria de suas empresas com *score* abaixo da média.

Índice de Evidenciação Práticas Trabalhistas (ILA)

A Tabela 11 refere-se a estatística descritiva do Índice de Práticas Trabalhistas de cada região, a fim de auxiliar a análise e a comparação mais detalhada dos dados.

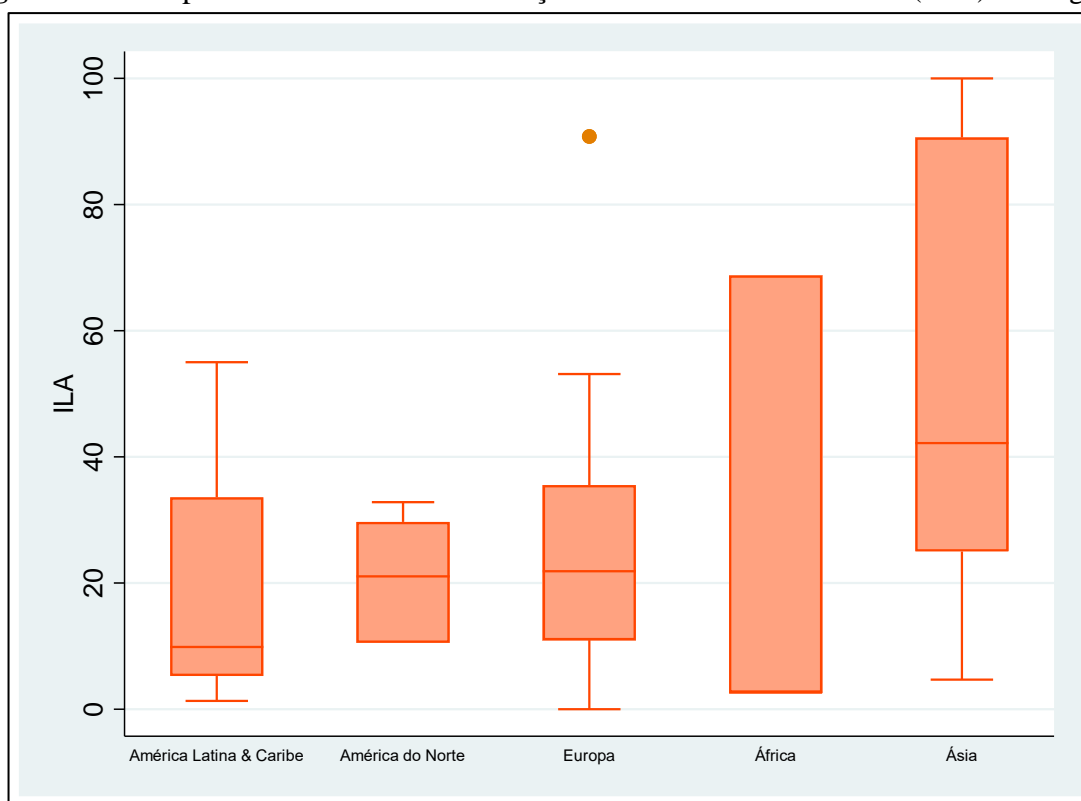
Tabela 11 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Trabalhista (ILA) das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	19,10	26,22	21,70	24,67	49,83
Máximo	55,00	90,79	32,81	68,75	100,00
Mínimo	1,32	0,00	10,53	2,63	46,88
Desvio Padrão	18,66	20,56	9,14	38,17	32,24
Q1	5,26	10,94	10,53	2,63	25,00
Q2 (Mediana)	9,87	21,88	21,05	2,63	42,19
Q3	33,59	35,53	29,69	68,75	90,63

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A seguir, é apresentado a Figura 17, acerca de ILA. O modelo G3 agrega 14 indicadores, o G3.1 15 indicadores, o G4, 16 e o Standard, 19 indicadores.

Figura 17 – Boxplot do Índice de Evidenciação das Práticas Trabalhistas (ILA) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

No ILA, a América do Norte e a Europa apresentaram medianas muito próximas, 10,94 e 10,53, respectivamente. As caixas de dispersão no geral das duas regiões foram muito parecidas. A África e a Ásia apresentaram caixas com variação bem mais altas que as demais regiões. Enquanto a América do Norte, apresentou menor intervalo interquartil entre as regiões.

Índice de Evidenciação dos Direitos Humanos (IRH)

A Tabela 12 refere-se a estatística descritiva do Índice de Direitos Humanos de cada região, a fim de auxiliar a análise e comparação mais detalhada dos dados.

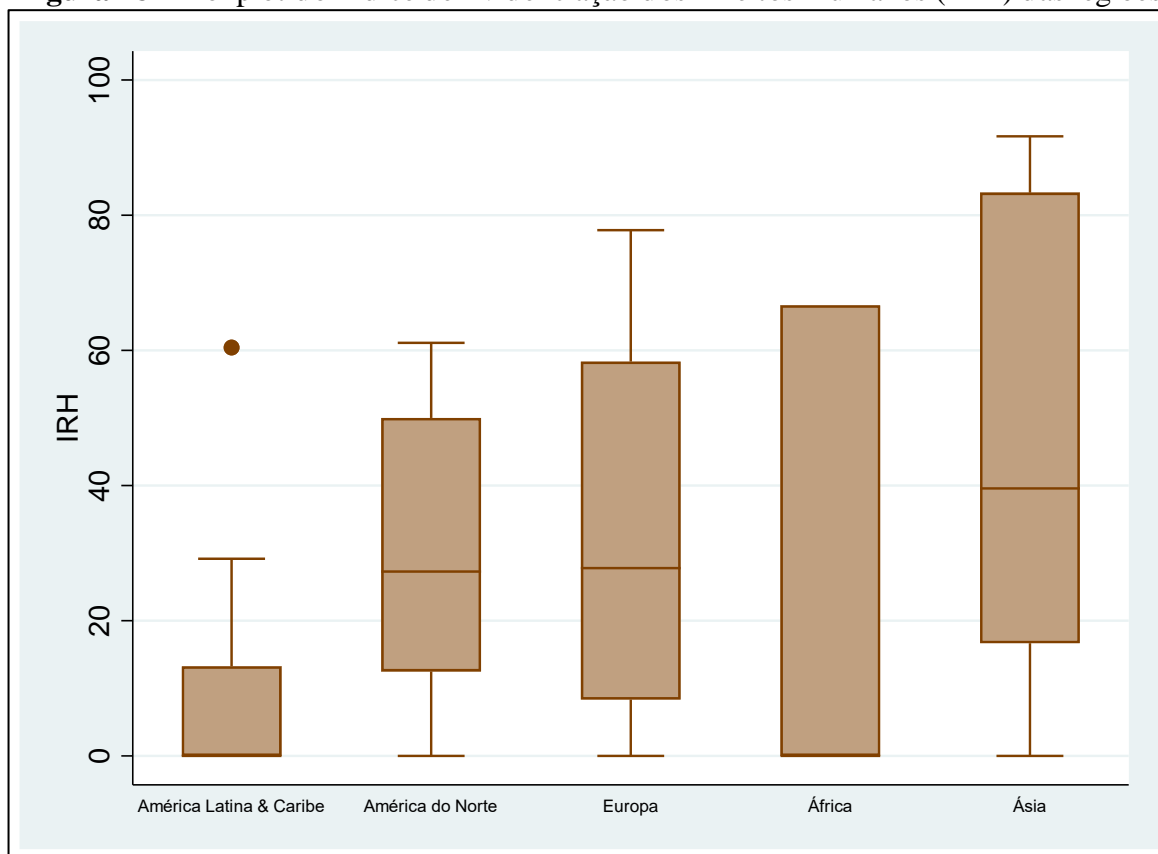
Tabela 12 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação dos Direitos Humanos das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	9,34	32,55	30,68	22,22	46,63
Máximo	60,42	77,78	61,11	66,67	91,67
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio Padrão	16,73	25,59	21,51	38,49	35,42
Q1	0,00	8,33	12,50	0,00	16,67
Q2 (Mediana)	0,00	27,78	27,27	0,00	39,58
Q3	13,26	58,33	50,00	66,67	83,33

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Figura 18 apresenta o boxplot de IRH, a descrição dos resultados e discussões serão apresentados a seguir. O IRH foi composto de 9 indicadores no modelo G3, 11 no modelo G3.1, 12 no G4 e nove no Standard.

Figura 18 – Boxplot do Índice de Evidenciação dos Direitos Humanos (IRH) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

No IRH, as caixas de dispersão da América do Norte, Europa, África e Ásia foram bem altas. Isso significa que nesse índice, a maioria das regiões tiveram comportamentos bem heterogêneos na forma de evidenciar suas informações. A América Latina & Caribe apresentaram a caixa com menor dispersão, porém, com *scores* mais baixos que as demais Regiões.

Todas as regiões tiveram como limite mínimo zero. Além disso, a América Latina & Caribe e África apresentaram suas medianas também com *scores* zerados, isso significa que pelo menos metade das empresas de suas regiões tiveram esse índice zerado. Apesar da dispersão da evidenciação, o IRH foi o índice que teve o maior número de Regiões com limites máximos altos.

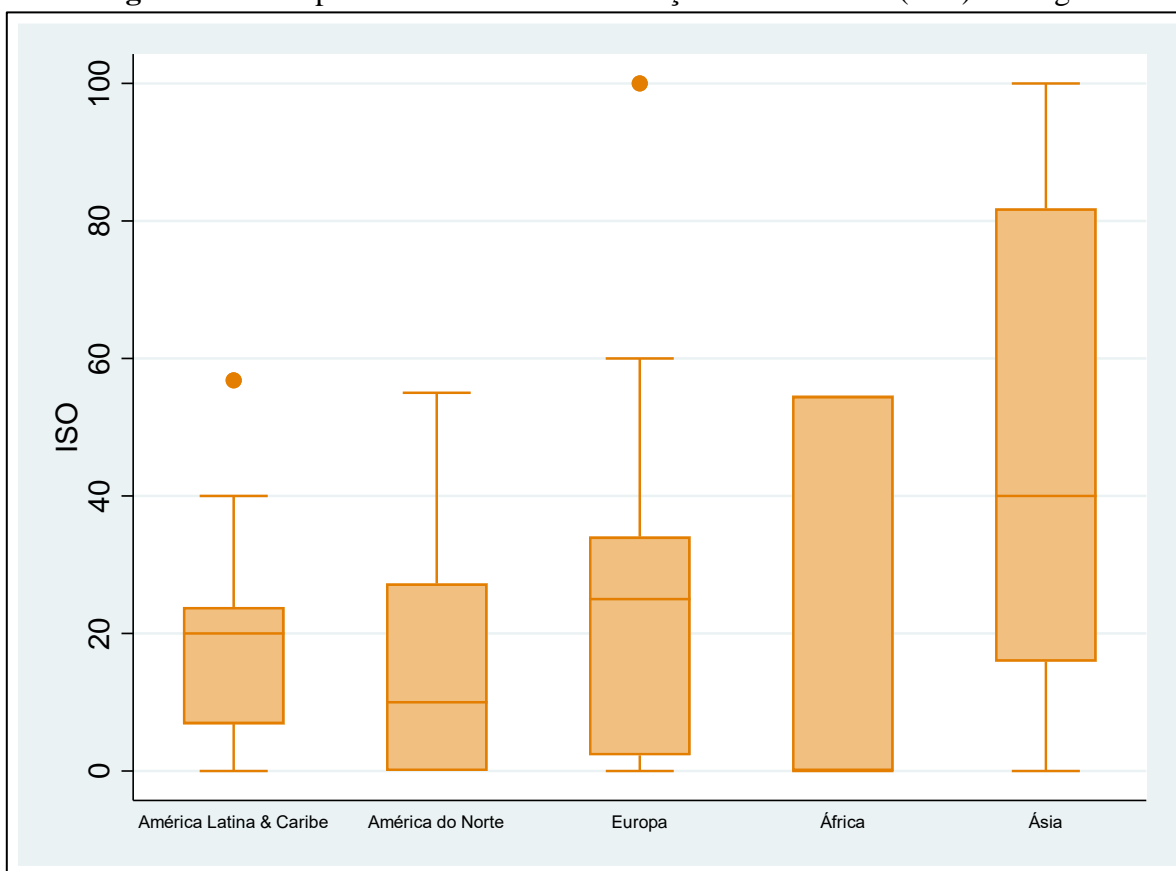
A própria literatura acerca do ramo têxtil e do vestuário, investigam o comportamento das empresas pela ótica dos Direitos Humanos. Os resultados encontrados, vão ao encontro de

Islam e McPhail (2011) e Garcia-Torres et al. (2017), que também identificaram uma evidência expressiva acerca dos direitos humanos nas empresas do setor.

Índice de Evidenciação da Sociedade (ISO)

A Figura 19 apresenta o boxplot de ISO, a descrição dos resultados e discussões serão apresentados a seguir. O IRH foi composto de oito indicadores no modelo G3, 10 no modelo G3.1, 11 no G4 e cinco no Standard.

Figura 19 – Boxplot do Índice de Evidenciação da Sociedade (ISO) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

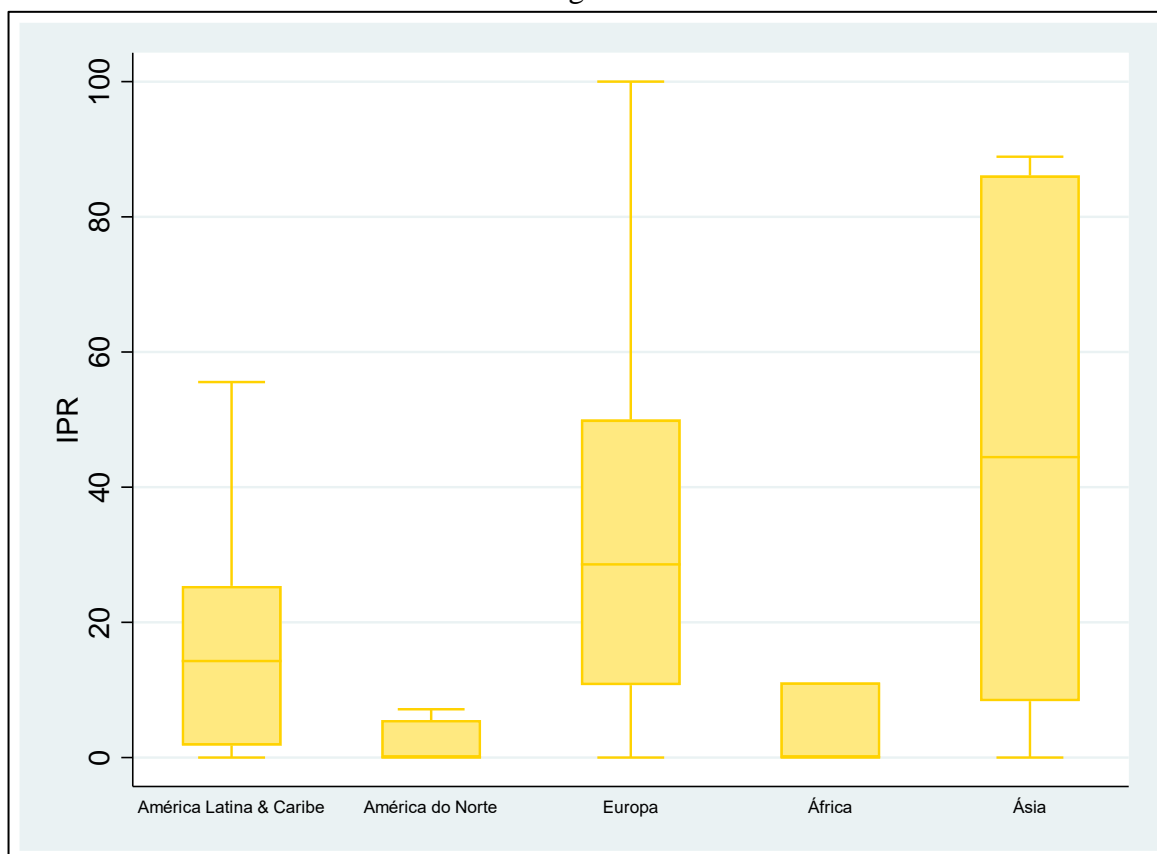
Todas as Regiões apresentaram seus limites mínimos de zero. A Ásia apresentou um limite máximo superior as demais, mas com dispersão mais alta que as demais também. A média da Ásia (46,44) é mais que o dobro da Europa (23,42), a segunda maior média regional. A Europa apesar de seu limite máximo de 60, apresentou um outlier com *score* de 100.

A América Latina & Caribe apesar de apresentar um outlier de 56,82, apresentou o limite superior e Q3 mais baixo entre as regiões.

Índice de Evidenciação da Responsabilidade pelo Produto (IPR)

A Figura 20 refere-se ao gráfico de boxplot de IPR. Este índice foi composto de nove indicadores para os modelos G3, G3.1 e G4 e sete para o Standard.

Figura 20 – Boxplot do Índice de Evidenciação da Responsabilidade pelo Produto (IPR) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 14 refere-se a estatística descritiva do Índice de Responsabilidade pelo Produto de cada região, a fim de auxiliar a análise e comparação mais detalhada dos dados.

Tabela 13 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação de Responsabilidade pelo Produto das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	17,73	32,92	1,81	3,70	45,28
Máximo	55,56	100,00	7,14	11,11	88,89
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio Padrão	17,53	27,89	3,13	6,42	36,62
Q1	1,79	10,71	0,00	0,00	83,33
Q2 (Mediana)	14,29	28,57	0,00	0,00	44,44
Q3	25,40	50,00	5,56	11,11	86,11

Fonte: Elaboração Própria (2020).

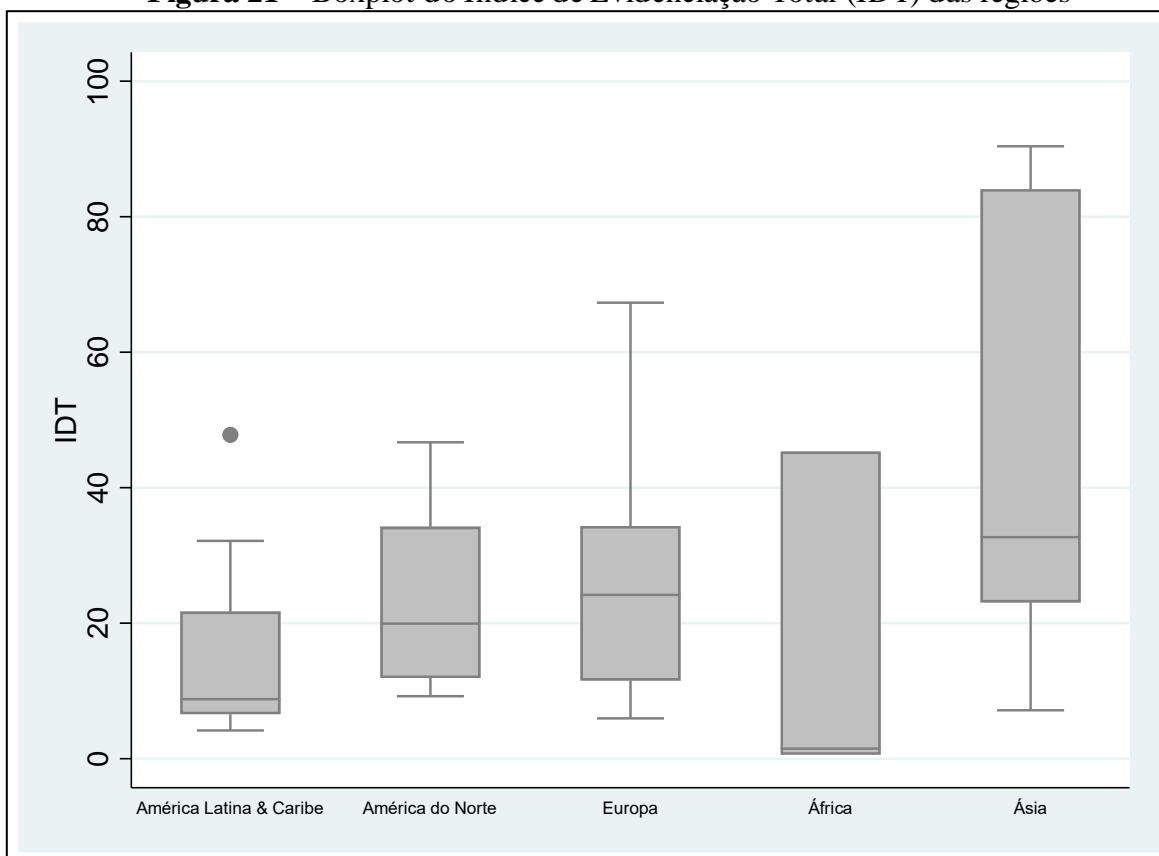
A Europa apresentou o maior limite máximo, seguido da Ásia. O IPR foi o único índice que a Ásia não foi a região com maior evidenciação. A Europa apesar de ter o limite superior mais alto, não apresentou Q3 mais alto.

A América do Norte apresentou uma dispersão pequena, porém também teve o *score* mais baixo entre as regiões. Isto é, apesar da região ter apresentado a maior similaridade de comportamento em comparação com as outras, essa similaridade se dá com empresas divulgando pouca informação acerca da responsabilidade com o produto e seus clientes.

Índice de Evidenciação Total (IDT)

O último gráfico de boxplot apresentado nesse tópico, refere-se a Figura 21. O IDT representa o total de todos os indicadores e conteve 79 indicadores no modelo G3, 84 no G3.1, 91 no G4 e 84 no Standard.

Figura 21 – Boxplot do Índice de Evidenciação Total (IDT) das regiões



Fonte: Elaboração Própria (2020).

A Tabela 15 refere-se a estatística descritiva do Índice Total de cada região, a fim de auxiliar a análise e comparação mais detalhada dos dados.

Tabela 14 – Estatísticas descritivas do Índice de Evidenciação Total das empresas do setor têxtil e vestuário em cada região

Região	AL & Caribe	Europa	América do Norte	África	Ásia
Média	15,18	25,95	22,92	15,80	46,50
Máximo	47,80	67,31	46,70	45,33	90,38
Mínimo	4,17	5,95	9,23	0,60	71,43
Desvio Padrão	16,67	16,45	13,26	25,57	30,24
Q1	6,55	11,54	11,90	0,60	23,08
Q2 (Mediana)	8,78	24,18	19,94	1,49	32,69
Q3	21,70	34,34	34,23	45,33	84,07

Fonte: Elaboração Própria (2020).

A América do Norte e a Europa apresentaram IDT com médias e medianas próximas em suas regiões, enquanto todas outras tiveram suas medianas muito abaixo de suas médias.

Em IDT, a Ásia manifestou a maior dispersão dos dados, enquanto a América Latina & Caribe tiveram menor variação dos dados.

4.4 Teste t para duas amostras independentes

O teste t para duas amostras independentes permitiu a comparação das médias dos índices de cada região par a par. Para este teste, a hipótese nula é de que as médias em cada categoria analisada é a mesma em cada grupo.

$$\begin{cases} H_0 = \text{as médias iguais entre as duas amostras} \\ H_1 = \text{as médias são diferentes entre as duas amostras} \end{cases}$$

A probabilidade deve ser abaixo de 0.1 para que as médias sejam consideradas estatisticamente diferentes, caso o resultado dê acima desse valor, as médias são consideradas estatisticamente iguais e não se pode rejeitar a hipótese nula. O Quadro 8, apresenta o resultado do teste de região, comparadas as outras da amostra.

Quadro 8 – Resultado teste t para duas amostras independentes

Região	Região Comparada	T-test	Probabilidade	[95% Int. Conf.]		Conclusão
África	América do Norte	-0.1500	0.8922	-51.41524	47.31334	Médias iguais
	AL & Caribe	0.2050	0.8554	-50.50827	55.9191	Médias iguais
	Ásia	-22.212	0.1151	-77.75593	14.36359	Médias iguais
	Europa	0.3560	0.7524	-46.81673	56.33615	Médias iguais
América do Norte	África	-0.1500	0.8922	-51.41524	47.31334	Médias iguais
	AL& Caribe	0.9506	0.3641	-6.385176	15.89791	Médias iguais
	Ásia	-45.698	0.0001	-48.86736	-18.62688	Médias não iguais
	Europa	-12.496	0.2326	-18.53761	4.91629	Médias iguais
AL & Caribe	África	0.8554	0.2050	-50.50827	55.9191	Médias iguais
	América do Norte	0.9506	0.3641	-6.385176	15.89791	Médias iguais
	Ásia	-44.924	0.0001	-42.07363	-15.90788	Médias não iguais
	Europa	-0.5010	0.6193	-10.36438	6.255795	Médias iguais
Ásia	África	-22.212	0.1151	-77.75593	14.36359	Médias iguais
	América do Norte	-45.698	0.0001	-48.86736	-18.62688	Médias não iguais
	AL & Caribe	-44.924	0.0001	-42.07363	-15.90788	Médias não iguais
	Europa	-39.581	0.0003	-40.66537	-13.20755	Médias não iguais
Europa	África	0.3560	0.7524	-46.81673	56.33615	Médias iguais
	América do Norte	-12.496	0.2326	-18.53761	4.91629	Médias iguais
	AL & Caribe	-0.5010	0.6193	-10.36438	6.255795	Médias iguais
	Ásia	-39.581	0.0003	-40.66537	-13.20755	Médias não iguais

Fonte: Elaboração Própria (2020).

Todos os resultados do Test t para duas amostras independentes da África comparada com as outras regiões não demonstraram diferença de médias estatística, os valores encontrados da probabilidade foram: 0.8922 para América do Norte, 0.8554 para a América Latina & Caribe, 0.1151 para a Ásia e 0.7524 para a Europa. O baixo número de empresas pode ser uma fragilidade para a análise dos dados.

A Ásia apresentou valores de probabilidade menores que 0.0001 com a América do Norte, a América Latina & Caribe e a Europa. Os valores encontrados foram de 0.0001, 0.0001 e 0.0003, respectivamente. Como já visto nos boxplot, a Ásia apresentou Índices bem mais altos e dispersos que as outras Regiões.

As outras regiões entre si, não apresentaram probabilidade abaixo de 0.001. A América do Norte apresentou probabilidade de 0.3641 com a América Latina & Caribe e 0.2326 com a Europa e a América Latina & Caribe apresentou probabilidade de 0.6193 com a Europa.

Este resultado representa que não houve diferença na forma de divulgar suas informações entre as regiões da América Latina & Caribe, América do Norte e Europa. Portanto, conciliando os resultados anteriormente apresentados, as três regiões concordam e permitem da mesma forma que as empresas de suas regiões, sintam-se legitimadas com a baixa divulgação de muitos de seus índices, uma vez que a maioria possui o mesmo tipo de comportamento.

Conclui-se, portanto, que por meio do Test t para duas amostras independentes foi possível encontrar diferença de médias estatísticas apenas da Ásia pareada com a América do Norte, América Latina & Caribe e a Europa. A África não apresentou médias distintas com nenhuma região e a América do Norte, América Latina & Caribe e Europa apresentaram médias estatisticamente iguais entre si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Este trabalho analisou relatório no modelo GRI das empresas do setor têxtil e de vestuário de acordo com sua região geográfica, sob o viés da Teoria Institucional. A amostra foi composta pelas empresas que tiveram seus relatórios publicados nos últimos cinco anos, resultou, portanto, em 78 empresas, sendo três da África, sete da América do Norte, 16 da América Latina & Caribe, 29 da Ásia e 23 da Europa.

O primeiro objetivo deste trabalho era mensurar o nível de evidenciação da RSE das empresas do setor têxtil e de vestuário. Durante a coleta dos dados, percebeu-se que as empresas possuíam relatórios de modelos diferentes (GRI G3, GRI G3.1, GRI G4, GRI Standards) e por isso, foi preciso padronizar a mensuração dos indicadores a partir de um índice.

Foram calculados então, sete índices: Índice de Evidenciação: Econômico (IEC), Ambiental (IEN), Práticas Trabalhistas (ILA), Direitos Humanos (IRH), Sociedade (ISO), Responsabilidade pelo Produto (IPR) e Total (IDT).

O segundo objetivo do trabalho foi comparar as regiões do mundo de acordo com a evidenciação da RSE e o terceiro e último objetivo, comparar as empresas dentro de cada região de acordo com a evidenciação de RSE. Para alcançar esses objetivos, foram utilizadas duas ferramentas: o boxplot e o teste t para duas amostras independentes.

O boxplot serviu para auxiliar visualmente a leitura dos dados descritivos como média, mediana, limites máximos e mínimos e desvio padrão. Por meio do boxplot foi possível entender os comportamentos das empresas dentro da uma mesma região e das regiões de acordo com cada índice.

A Ásia foi a região com o Índice de Evidenciação mais alto entre as Regiões, mas também apresentou alta dispersão em todos os seus índices. Isto demonstra que apesar de ter empresas em sua amostra com alto índice de evidenciação, esse comportamento não é homogêneo na região. Uma das explicações para a dispersão da informação, poderia ser o número alto de países em sua amostra. Porém, a Europa foi a segunda região com o maior número de empresas, e apresentou dispersão muito mais baixa que do que a Ásia. Para compreender melhor quais pressões influenciam o comportamento dessas empresas, seria preciso realizar uma pesquisa que analise os determinantes institucionais.

O índice com a maior evidenciação foi o IRH, que convergiu com a literatura, uma vez de que muitos escândalos midiáticos com empresas do setor, são ligados a questões dos Direitos Humanos, assim como houve pesquisas que partiram dessa lente para analisar a evidenciação das empresas e encontraram alto índice de informações sobre essa questão.

Algumas empresas desta amostra obtiveram índices altos de evidenciação, apesar de não ter sido o comportamento majoritário. Algumas regiões, ainda que tenham apresentado homogeneidade em sua forma de evidenciar, obtiveram baixo índice.

Para analisar a existência ou não de diferença significativa de cada um dos índices de disclosure entre as regiões, foi realizado o Test t para duas amostras independentes, que é um teste de localização de duas amostras usado para testar a hipótese de que duas populações têm médias iguais. A escolha desse teste se deu, uma vez que as regiões possuem quantidade de empresas diferentes.

Por meio do Test t para duas amostras independentes foi possível encontrar diferença de médias estatísticas apenas da Ásia pareada com a América do Norte, América Latina & Caribe e a Europa. A África não apresentou médias distintas com nenhuma região e a América do Norte, América Latina & Caribe e Europa apresentaram médias estatisticamente iguais entre si.

Como limitações da pesquisa, ressalta-se que esta pesquisa não analisou com profundidade as características individuais das empresas. Uma característica que poderia ter influenciado o comportamento das empresas era sua posição na cadeia de valor, pois a forma de evidenciar, além do contexto regional, poderia estar ligado a outros contextos que as empresas ligadas a ela exigiram. Essa análise, poderia ajudar a discutir melhor o Institucionalismo Societal.

Outro ponto limitante ocorreu na análise dos relatórios, uma vez que não houve julgamento da veracidade dos fatos, apenas foi avaliada a qualidade da informação que estava disponível. Esse tipo de análise, mesmo com o teste interavaliadores, não garante total objetividade, pois o exame dos dados qualificou as informações para criar os índices de evidenciação dos indicadores.

Também pode ser considerada limitação da pesquisa a diferença de análise de relatórios com períodos temporais diferentes, uma vez que as organizações foram comparadas em contextos diferentes. A evidenciação foi analisada por meio do último relatório disponível de cada empresa, não necessariamente um ano específico.

Esta pesquisa buscou estender o estudo no ramo têxtil e de vestuário dentro da literatura acerca da evidenciação de RSE com uma amostra mais ampla de empresas e regiões que havia sido encontrada em estudos anteriores. Este estudo se propõe a ser um ponto de partida para pesquisas futuras sobre a RSE no ramo têxtil e do vestuário, podendo ser replicado em vários

extratos diferentes de empresas do setor, as empresas de comércio virtual, as *fast-fashion*, bem como empresas de posições diferentes na cadeia produtiva.

Este trabalho apresenta a evidenciação das empresas do setor para quem se interessar, sejam eles clientes, fornecedores, organizações fiscalizadoras, entre outros. Realizou não apenas o índice de evidenciação, como também a comparação das empresas com outras da mesma região.

A análise de comparação realizada nesta pesquisa, permite ainda que gestores e *stakeholders* das organizações consigam visualizar os pontos que necessitam de melhorias quanto a questões socioambientais e à prática de RSE quando comparados a outras empresas da mesma região ou até mesmo com outras regiões do mundo.

Portanto, este trabalho oferece informação tanto para os interessados na cadeia, potenciais clientes, pesquisadores, quanto para empresas e gestores de empresas que estejam buscando conhecer mais sobre o tema, já que não existem muitas pesquisas relacionadas.

REFERÊNCIAS

- AKBARI, M. et al. Empirical social network analysis in sustainable supply chain in Vietnam. In: ANZAM 2017: Creative Disruption: Managing in a Digital Age. **Australian and New Zealand Academy of Management (ANZAM)**, 2017. p. 1-18.
- ANSARI, Zulfiqar N.; KANT, Ravi. Exploring the framework development status for sustainability in supply chain management: A systematic literature synthesis and future research directions. **Business Strategy and the Environment**, v. 26, n. 7, p. 873-892, 2017.
- AZIZI, L.; BIEN, C.; SASSEN, R. Recent trends in sustainability reporting by German universities. Aktuelle Trends in der Nachhaltigkeitsberichterstattung deutscher Universitäten. **Nachhaltigkeits ManagementForum | Sustainability Management Forum**, v. 26, n. 1-4, p. 65-85, 2018.
- AZIZUL ISLAM, M.; JAIN, A. Workplace human rights reporting: A study of Australian garment and retail companies. **Australian Accounting Review**, v. 23, n. 2, p. 102-116, 2013.
- BAUGHN, C. Christopher; BODIE, Nancy L.; MCINTOSH, John C. Corporate social and environmental responsibility in Asian countries and other geographical regions. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 14, n. 4, p. 189-205, 2007.
- BRANCO, Manuel Castelo; RODRIGUES, Lúcia Lima. Corporate social responsibility and resource-based perspectives. **Journal of business Ethics**, v. 69, n. 2, p. 111-132, 2006.
- BRENNAN, Niamh; MERKL-DAVIES, Doris. Rhetoric and argument in social and environmental reporting: the Dirty Laundry case. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 27, n. 4, p. 602-633, 2014.
- BRITO, Marisa P.; CARBONE, Valentina; BLANQUART, Corinne Meunier. Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe: Organisation and performance. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 534-553, 2008.
- CANIATO, Federico et al. Environmental sustainability in fashion supply chains: An exploratory case based research. **International Journal of Production Economics**, v. 135, n. 2, p. 659-670, 2012.
- CHEN, Stephen; BOUVAIN, Petra. Is corporate responsibility converging? A comparison of corporate responsibility reporting in the USA, UK, Australia, and Germany. **Journal of Business Ethics**, v. 87, n. 1, p. 299-317, 2009.
- CINTRA, Yara Consuelo. A integração da sustentabilidade às práticas de controle gerencial das empresas no Brasil. 2011. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.
- CHOI, Tsan-Ming et al. Sustainable fashion supply chain management: the European scenario. **European Management Journal**, v. 32, n. 5, p. 821-822, 2014.
- CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, SL da. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. **Trabalho apresentado**, v. 8, 2011.

DA GIAU, A. et al. Sustainability practices and web-based communication. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 20, n. 1, p. 72–88, 2016.

DE LENNE, Orpha; VANDENBOSCH, Laura. Media and sustainable apparel buying intention. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 21, n. 4, p. 483-498, 2017.

DERRICK, Ben; TOHER, Deirdre; WHITE, Paul. Why Welch's test is Type I error robust. **The Quantitative Methods in Psychology**, v. 12, n. 1, 2016.

DESORE, Anupriya; NARULA, Sapna A. An overview on corporate response towards sustainability issues in textile industry. **Environment, Development and Sustainability**, v. 20, n. 4, p. 1439-1459, 2018.

DIMAGGIO, P.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: Collective rationality and institutional isomorphism in organizational fields. **American Sociological Review**, v. 48, n. 2, p. 147-160, 1983.

DUTOT, V.; LACALLE GALVEZ, E.; VERSAILLES, D. W. CSR communications strategies through social media and influence on e-reputation: An exploratory study. **Management Decision**, v. 54, n. 2, p. 363–389, 2016.

FAGERLAND, Morten W.; SANDVIK, Leiv. Performance of five two-sample location tests for skewed distributions with unequal variances. **Contemporary Clinical Trials**, v. 30, n. 5, p. 490-496, 2009.

FASHION UNITED. **Global Fashion Industry Statistics -International Apparel**. Disponível: <<https://fashionunited.com/global-fashion-industry-statistics>>. Acesso em 03 de abril de 2019.

FERNANDEZ-FEIJOO, B.; ROMERO, S.; RUIZ, S. Financial Auditor and Sustainability Reporting: Does it matter? **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 25, n. 3, p. 209–224, 2018.

FERRI, L. M. The influence of the institutional context on sustainability reporting. A cross-national analysis. **Social Responsibility Journal**, v. 13, n. 1, p. 24–47, 2017.

FARACHE, Francisca; PERKS, Keith J. CSR advertisements: a legitimacy tool?. **Corporate Communications: An International Journal**, 2010.

FULTON, K.; LEE, S. E. An overview of sustainability in the fashion industry. **The International Journal of Environmental, Cultural, Economic and Social Sustainability**, v. 6, n. 1, p. 1-14, 2010.

FULTON, K.; LEE, S. E. Assessing sustainable initiatives of apparel retailers on the internet. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 17, n. 3, p. 353-366, 2013.

GALLEGO-ÁLVAREZ, Isabel; LOZANO, María Belén; RODRÍGUEZ-ROSA, Miguel. An analysis of the environmental information in international companies according to the new GRI standards. **Journal of cleaner production**, v. 182, p. 57-66, 2018.

GARCIA-TORRES, S.; REY-GARCIA, M.; ALBAREDA-VIVO, L.. Effective Disclosure in the Fast-Fashion Industry: from Sustainability Reporting to Action. **Sustainability**, v. 9, n. 12, p. 2256, 2017.

GARRIGA, E.; MELÉ, D. Corporate Social Responsibility Theories: Mapping the Territory Social Responsibility Corporate Theories. **Journal of Business Ethics**, v. 53, n. 1/2, p. 51–71, 2004.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **Sustainability Disclosure Database**. Disponível em: < <https://database.globalreporting.org/>>. Acesso em: 19 de abril de 2018.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **G4 – Diretrizes para relatos de sustentabilidade**: Manual de Implementação. Disponível: <https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/Brazilian-Portuguese-G4-Part-Two.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2018.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **About GRI**. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/information/about-gri/Pages/default.aspx>>. Acesso em 19 de novembro de 2018.

GREENWOOD, R., OLIVER, C., SUDDABY, R., & SAHLIN-ANDERSSON, K. (Eds.). **The Sage handbook of organizational institutionalism**. London: Sage, 2008.

HAHN, R.; LÜLFS, R. Legitimizing negative aspects in GRI-oriented sustainability reporting: A qualitative analysis of corporate disclosure strategies. **Journal of business ethics**, v. 123, n. 3, p. 401-420, 2014.

HARRINGTON, H. James. **Business process improvement**: The breakthrough strategy for total quality, productivity, and competitiveness. McGraw Hill Professional, 1991.

ISLAM, A. Muhammad; DEEGAN, Craig. Motivations for an organisation within a developing country to report social responsibility information: Evidence from Bangladesh. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 21, n. 6, p. 850-874, 2008.

ISLAM, Muhammad Azizul; DEEGAN, Craig. Media pressures and corporate disclosure of social responsibility performance information: a study of two global clothing and sports retail companies. **Accounting and business research**, v. 40, n. 2, p. 131-148, 2010.

ISLAM, A. Muhammad; JAIN, Ameeta. Workplace human rights reporting: a study of Australian garment and retail companies. **Australian accounting review**, v. 23, n. 2, p. 102-116, 2013.

ISLAM, Muhammad Azizul; MCPHAIL, Ken. Regulating for corporate human rights abuses: The emergence of corporate reporting on the ILO's human rights standards within the global garment manufacturing and retail industry. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 22, n. 8, p. 790-810, 2011.

JACKSON, Gregory; DEEG, Richard. Comparing capitalisms and taking institutional context seriously. **Journal of International Business Studies**, v. 50, n. 1, p. 4-19, 2019.

JOHANSEN, T. S.; NIELSEN, A. E. CSR in corporate self-storying - legitimacy as a question of differentiation and conformity. **Corporate Communications**, v. 17, n. 4, p. 434-448, 2012.

KAMAL, Yousuf; DEEGAN, Craig. Corporate social and environment-related governance disclosure practices in the textile and garment industry: Evidence from a developing country. **Australian accounting review**, v. 23, n. 2, p. 117-134, 2013.

KANTHVASS, Kerli. Post-retail responsibility of garments—a fashion industry perspective. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 18, n. 4, p. 413-430, 2014.

KOZLOWSKI, Anika; SEARCY, Cory; BARDECKI, Michal. Corporate sustainability reporting in the apparel industry: An analysis of indicators disclosed. **International Journal of Productivity and Performance Management**, v. 64, n. 3, p. 377-397, 2015.

LARRÁN, M.; ANDRADES, F. J.; HERRERA, J. An analysis of university sustainability reports from the GRI database: an examination of influential variables. **Journal of Environmental Planning and Management**, v. 0568, n. May, p. 1-26, 2018.

LAUDAL, Thomas. An attempt to determine the CSR potential of the international clothing business. **Journal of business ethics**, v. 96, n. 1, p. 63-77, 2010.

Levy, Y.; Ellis, T.J. A system approach to conduct an effective literature review in support of information systems research. **Informing Science Journal**, v.9, p.181-212, 2006.

LI, Yongjian et al. Governance of sustainable supply chains in the fast fashion industry. **European Management Journal**, v. 32, n. 5, p. 823-836, 2014.

LIMA, Sérgio Henrique Oliveira de et al. A INFLUÊNCIA DE FATORES INSTITUCIONAIS SOBRE A DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA AMÉRICA LATINA. **Revista Universo Contábil**, v. 14, n. 1, p. 89-111, 2019.

MA, Yoon Jin; LEE, Hyun-Hwa; GOERLITZ, Kylie. Transparency of global apparel supply chains: Quantitative analysis of corporate disclosures. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 23, n. 5, p. 308-318, 2016.

MAJUMDAR, Abhijit; SINHA, Sanjib Kumar. Analyzing the barriers of green textile supply chain management in Southeast Asia using interpretive structural modeling. **Sustainable Production and Consumption**, v. 17, p. 176-187, 2019.

MANN, M.; BYUN, S.; KIM, H.; HOGGLE, K. Assessment of leading apparel specialty retailers' CSR practices as communicated on corporate websites: Problems and opportunities. **Journal of Business Ethics**, v. 122, n. 4, p. 599-622, 2014.

MATTEN, Dirk; MOON, Jeremy. “Implicit” and “explicit” CSR: A conceptual framework for a comparative understanding of corporate social responsibility. **Academy of Management Review**, v. 33, n. 2, p. 404-424, 2008.

NA, Youngjoo; NA, Dong Kyu. Investigating the sustainability of the Korean textile and fashion industry. **International Journal of Clothing Science and Technology**, 2015.
NAYAK, Rajkishore; AKBARI, Mohammadreza; FAR, Shaghayegh Maleki. Recent sustainable trends in Vietnam’s fashion supply chain. **Journal of Cleaner Production**, v. 225, p. 291-303, 2019.

OLIVER, Christine. Strategic responses to institutional processes. **Academy of management review**, v. 16, n. 1, p. 145-179, 1991.

PARSA, S. et al. Have labour practices and human rights disclosures enhanced corporate accountability? The case of the GRI framework. **Accounting Forum**, v. 42, n. 1, p. 47–64, 2018.

POH, Kim Leng; LIANG, Yiyang. Multiple-Criteria Decision Support for a Sustainable Supply Chain: Applications to the Fashion Industry. In: **Informatics. Multidisciplinary Digital Publishing Institute**, 2017. p. 36.

RUXTON, Graeme D. The unequal variance t-test is an underused alternative to Student's t-test and the Mann–Whitney U test. **Behavioral Ecology**, v. 17, n. 4, p. 688-690, 2006.

SAMPAIO, M. S. et al. Evidenciação De Informações Socioambientais E Isomorfismo: Um Estudo Com Mineradoras Brasileiras. **Revista Universo Contábil**, n. 71, p. 105–122, 2012.

SASSEN, R.; AZIZI, L. Voluntary disclosure of sustainability reports by Canadian universities. **Journal of Business Economics**, v. 88, n. 1, p. 97–137, 2018a.

SASSEN, R.; AZIZI, L. Assessing sustainability reports of US universities. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 19, n. 7, p. 1158–1184, 2018b.

SCHMIDT, Rafael. Difusão das práticas de responsabilidade social corporativa: uma análise dos conceitos definidos pela teoria institucional. 2015. 182 fls. **Dissertação de Mestrado (Administração)**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo. 2015.

SHABANA, Kareem M.; BUCHHOLTZ, Ann K.; CARROLL, Archie B. The institutionalization of corporate social responsibility reporting. **Business & Society**, v. 56, n. 8, p. 1107-1135, 2017.

SHEDROFF, Nathan. **Design is the problem: the future of design must be sustainable**. Nova York: Rosenfeld Media, 2009.

SHEN, Bin et al. Sustainability issues in textile and apparel supply chains. **Sustainability**, v.9, p.1592, 2017.

SILVA, M.; TEIXEIRA, A. A. C. Methods of assessing the evolution of science: A review. **European Journal of Scientific Research**, v. 68, n.4 p. 616-635, 2012.

- ŚMIECHOWSKI, K.; LAMENT, M. Impact of Corporate Social Responsibility (CSR) reporting on pro-ecological actions of tanneries. **Journal of Cleaner Production**, v. 161, p. 991–999, 2017.
- STEVENSON, M.; COLE, R. Modern slavery in supply chains: a secondary data analysis of detection, remediation and disclosure. **Supply Chain Management**, v.23 n.2, p. 81-99, 2018.
- SU, Jin. Strategic sourcing in the textile and apparel industry. **Industrial Management & Data Systems**, v. 113, n. 1, p. 23-38, 2013.
- SCHUMAN, M. C. Managing legitimacy: strategic and institutional approaches. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 3, p. 571-610, 1995.
- TURKER, Duygu; ALTUNTAS, Ceren. Sustainable supply chain management in the fast fashion industry: An analysis of corporate reports. **European Management Journal**, v. 32, n. 5, p. 837-849, 2014.
- VALADARES NETO, J. et al. Boxplot: um recurso gráfico para a análise e interpretação de dados quantitativos. **Revista Odontológica do Brasil Central**, v. 26, n. 76, p. 1–6, 2017.
- VAN DER LAAN, Gerwin; VAN EES, Hans; VAN WITTELOOSTUIJN, Arjen. Corporate social and financial performance: An extended stakeholder theory, and empirical test with accounting measures. **Journal of Business Ethics**, v. 79, n. 3, p. 299-310, 2008.
- WHITE, Candace L.; NIELSEN, Anne Ellerup; VALENTINI, Chiara. CSR research in the apparel industry: A quantitative and qualitative review of existing literature. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 24, n. 5, p. 382-394, 2017.
- WONG, Jia Yun; DHANESH, Ganga Sasidharan. Corporate social responsibility (CSR) for ethical corporate identity management: Framing CSR as a tool for managing the CSR-luxury paradox online. **Corporate Communications: An International Journal**, v. 22, n. 4, p. 420-439, 2017.
- WOO, Hongjoo; JIN, ByoungHo. Apparel firms' corporate social responsibility communications: Cases of six firms from an institutional theory perspective. **Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics**, v. 28, n. 1, p. 37-55, 2016.
- WU, G. C.; DING, J. H.; CHEN, P. S. The effects of GSCM drivers and institutional pressures on GSCM practices in Taiwan's textile and apparel industry. **International Journal of Production Economics**, v. 135, n. 2, p. 618–636, 2012.
- YANG, Chen-Lung et al. Mediated effect of environmental management on manufacturing competitiveness: an empirical study. **International Journal of Production Economics**, v. 123, n. 1, p. 210-220, 2010.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001
- ZAMANI, Bahareh; SANDIN, Gustav; PETERS, Greg M. Life cycle assessment of clothing libraries: can collaborative consumption reduce the environmental impact of fast fashion?. **Journal of cleaner production**, v. 162, p. 1368-1375, 2017.

ZAMBONI, A. B.; THOMMAZO, A. D.; HERNANDES, E. C. M.; FABBRI, S. C. P. F.
StArt. **Uma Ferramenta Computacional de Apoio à Revisão Sistemática.** In: Brazilian
Conference on Software: Theory and Practice - Tools session. UFBA. 2010.

APÊNDICES

Apêndice A - Referência dos artigos da amostra

BRENNAN, Niamh; MERKL-DAVIES, Doris. Rhetoric and argument in social and environmental reporting: the Dirty Laundry case. Accounting, Auditing & Accountability Journal , v. 27, n. 4, p. 602-633, 2014.
DA GIAU, Alessandro et al. Sustainability practices and web-based communication: an analysis of the Italian fashion industry. Journal of Fashion Marketing and Management , v. 20, n. 1, p. 72-88, 2016.
FULTON, Katelyn; LEE, Seung-Eun. Assessing sustainable initiatives of apparel retailers on the internet. Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal , 2013.
GARCIA-TORRES, Sofia; REY-GARCIA, Marta; ALBAREDA-VIVO, Laura. Effective Disclosure in the Fast-Fashion Industry: from Sustainability Reporting to Action. Sustainability , v. 9, n. 12, p. 2256, 2017.
ISLAM, Muhammad Azizul; MCPHAIL, Ken. Regulating for corporate human rights abuses: The emergence of corporate reporting on the ILO's human rights standards within the global garment manufacturing and retail industry. Critical Perspectives on Accounting , v. 22, n. 8, p. 790-810, 2011.
AZIZUL ISLAM, Muhammad; JAIN, Ameeta. Workplace human rights reporting: a study of Australian garment and retail companies. Australian accounting review , v. 23, n. 2, p. 102-116, 2013.
JOHANSEN, Trine S.; NIELSEN, Anne E.. CSR in corporate self-storying—legitimacy as a question of differentiation and conformity. Corporate communications: an international journal , v. 17, n. 4, p. 434-448, 2012.
KAMAL, Yousuf; DEEGAN, Craig. Corporate social and environment-related governance disclosure practices in the textile and garment industry: Evidence from a developing country. Australian accounting review , v. 23, n. 2, p. 117-134, 2013.
KOZLOWSKI, Anika; SEARCY, Cory; BARDECKI, Michal. Corporate sustainability reporting in the apparel industry: An analysis of indicators disclosed. International Journal of Productivity and Performance Management , v. 64, n. 3, p. 377-397, 2015.
MA, Yoon Jin; LEE, Hyun-Hwa; GOERLITZ, Kylie. Transparency of global apparel supply chains: Quantitative analysis of corporate disclosures. Corporate Social Responsibility and Environmental Management , v. 23, n. 5, p. 308-318, 2016.
MANN, Manveer et al. Assessment of leading apparel specialty retailers' CSR practices as communicated on corporate websites: Problems and opportunities. Journal of Business Ethics , v. 122, n. 4, p. 599-622, 2014.
SANIL, Hishan S.; RAMAKRISHNAN, Suresh. Communicating the corporate social responsibility on the company website: A study conducted on WRAP certified apparel manufacturers in India. International Journal of Economics and Financial Issues , v. 5, n. 1S, p. 52-56, 2015..
ŚMIECHOWSKI, Krzysztof; LAMENT, Marzanna. Impact of Corporate Social Responsibility (CSR) reporting on pro-ecological actions of tanneries. Journal of Cleaner Production , v. 161, p. 991-999, 2017.
STEVENSON, Mark; COLE, Rosanna. Modern slavery in supply chains: a secondary data analysis of detection, remediation and disclosure. Supply Chain Management: An International Journal , v. 12, n. 3, p. 81-99, 2018.

TURKER, Duygu; ALTUNTAS, Ceren. Sustainable supply chain management in the fast fashion industry: An analysis of corporate reports. European Management Journal , v. 32, n. 5, p. 837-849, 2014.
WONG, Jia Yun; DHANESH, Ganga Sasidharan. Corporate social responsibility (CSR) for ethical corporate identity management: Framing CSR as a tool for managing the CSR-luxury paradox online. Corporate Communications: An International Journal , v. 22, n. 4, p. 420-439, 2017.
WOO, Hongjoo; JIN, Byoung-ho. Apparel firms' corporate social responsibility communications: Cases of six firms from an institutional theory perspective. Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics , v. 28, n. 1, p. 37-55, 2016.

Apêndice B – Amostra final do setor têxtil e de vestuário *GRI Database*

Nome da Empresa	País	Região	Ano	Modelo
Impahla Clothing	África do Sul	África	2015	G4
Akaaldecor	Gana	África	2018	Standard
Nyanda's Collections	Gana	África	2018	Standard
Gildan	Canadá	América do Norte	2017	Standard
Coach Inc.	Estados Unidos	América do Norte	2015	G4
Crocs	Estados Unidos	América do Norte	2014	G3.1
Guess?, Inc.	Estados Unidos	América do Norte	2018	Standard
Nike	Estados Unidos	América do Norte	2017	Standard
PVH Corp.	Estados Unidos	América do Norte	2018	Standard
Tapestry	Estados Unidos	América do Norte	2018	G4
Dudalina	Brasil	América Latina & Caribe	2016	G4
Grupo Malwee	Brasil	América Latina & Caribe	2017	G4
Lojas Renner S.A.	Brasil	América Latina & Caribe	2016	G4
Lupo S/A	Brasil	América Latina & Caribe	2014	G3
Marisol S.A.	Brasil	América Latina & Caribe	2014	G3.1
Venus Colombia	Colombia	América Latina & Caribe	2017	G4
Awananuna Lanas y Lanas S.A.C.	Peru	América Latina & Caribe	2017	Standard
CLAMASAC	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
Confecciones Juliett	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
EVEA ECOFASHION	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
Höség	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
MEXTHON	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
MIPAKU	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
OTTANER Corp	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
Peruvian Traditions	Peru	América Latina & Caribe	2018	Standard
Publivigo	Peru	América Latina & Caribe	2014	G4
DBL Group	Bangladesh	Ásia	2017	G4
TaeKwang	Coreia do Sul	Ásia	2017	G4
TANA Netting	Emirados Arabes	Ásia	2017	Standard
Indo Phil Textile Mills Inc.	Filipinas	Ásia	2017	G4
Crystal Apparel Ltd.	Hong Kong	Ásia	2016	Standard
Dakota Industrial CO. LTD.	Hong Kong	Ásia	2018	Standard
Esprit	Hong Kong	Ásia	2017	G4
Kingdom Holdings Limited	Hong Kong	Ásia	2016	G4
TAL Apparel Limited	Hong Kong	Ásia	2016	Standard
Arvind	Índia	Ásia	2014	G3.1
Grasim Bhiwani Textiles Limited	Índia	Ásia	2016	G4

Jaya Shree Textiles	Índia	Ásia	2017	G4
Page Industries Limited	Índia	Ásia	2018	Standard
Vikram Woollens	Índia	Ásia	2017	G4
Welspun India	Índia	Ásia	2016	G4
Daughter of Klaten	Indonésia	Ásia	2014	G4
PT. Elegant Textile Industry	Indonésia	Ásia	2017	G4
PT. Indo Liberty Textiles	Indonésia	Ásia	2017	G4
PT. Sunrise Bumi Textiles	Indonésia	Ásia	2017	G4
Delta Galil	Israel	Ásia	2014	G3.1
Toray Industries Inc	Japão	Ásia	2015	G4
Sadaqat Limited	Paquistão	Ásia	2017	G4
HAYLEYS FABRIC PLC	Sri Lanka	Ásia	2017	G4
Indo Thai Synthetics	Tailândia	Ásia	2016	G4
Everest Textile	Taiwan	Ásia	2017	G4
Formosa Taffeta Co., Ltd.	Taiwan	Ásia	2016	G4
Aksa Akrilik	Turquia	Ásia	2017	G4
Calik Denim Tekstil Sanayi ve Ticaret A.S.	Turquia	Ásia	2017	Standard
Century Synthetic Fiber Corporation	Vietnã	Ásia	2016	G4
Alsico	Alemanha	Europa	2018	Standard
CWS-boco Group	Alemanha	Europa	2017	G4
Otto Group	Alemanha	Europa	2015	G4
Puma	Alemanha	Europa	2016	G4
Zalando	Alemanha	Europa	2016	G4
Euro-GOODNIGHT, S.L	Espanha	Europa	2018	Standard
HILATURAS FERRE S.A.	Espanha	Europa	2017	G4
Mango Group	Espanha	Europa	2017	G4
TEXTILS MORA	Espanha	Europa	2018	Standard
Lindström Ou	Finlândia	Europa	2015	G4
Marimekko	Finlândia	Europa	2017	G4
Aquafil	Itália	Europa	2014	G4
Eurosuole	Itália	Europa	2017	Standard
Oberalp	Itália	Europa	2017	Standard
Prada	Itália	Europa	2016	G4
Salvatore Ferragamo	Itália	Europa	2016	G4
XXL SPORT	Noruega	Europa	2017	G4
Desso Holding B.V.	Países Baixos	Europa	2015	G4
Ellos Group	Suécia	Europa	2018	Standard
Gina Tricot	Suécia	Europa	2018	Standard
Hemtex	Suécia	Europa	2018	Standard
Lindex	Suécia	Europa	2016	G4
Switcher	Suíça	Europa	2014	G3